



ALTERNATIVA MAIS BARATA

Paraíba registra alta de 75% na procura por energia solar

Dados são de fevereiro deste ano em comparação a 2021 e representam expansão do setor no estado. **Página 3**

Foto: Evandro Nóbrega



Litoral da PB já possuiu 14 fortes e fortalezas

Erguidas entre os séculos 16 e 17, hoje só restou a de Santa Catarina, responsável por não deixar o tempo apagar a história das antigas construções militares. **Página 25**

Diversidade da avifauna é riqueza natural do estado

Nativas ou não, aves de todos os tamanhos e cores passeiam pelos céus paraibanos. A ação predatória do homem, entretanto, tem ameaçado algumas espécies de extinção. **Página 20**

Foto: Arquivo/Marcus Antonius



A grande festa do cinema

Premiação do Oscar escolhe, hoje, as melhores produções de 2021. **Página 12**



Foto: Pixabay

Tânia Alves em monólogo

Atriz e cantora fala ao Jornal A União sobre peça dirigida por paraibano e reflete sobre seus 50 anos de carreira. **Página 9**



Foto: Alex Silva/Estadão Conteúdo

■ “Quando o governo Putin decidiu invadir a Ucrânia, ele se guiou por objetivos políticos e econômicos concretos e por uma estratégia que demandou um planejamento acurado”.

Estevam Dedalus

Página 10

■ “‘Rivalidades’ já eram cultivadas e estimuladas desde os tempos da escolha da Rainha do Rádio, cuja disputa entre Emilinha Borba e Marlene ficou famosa, em 1952”.

Professor Francelino Soares

Página 27



Foto: Evandro Pereira

“A Fundação PB Saúde ajudará a melhorar o SUS”, diz Beltrammi

Presidente da fundação, Daniel Beltrammi diz que a Paraíba dá exemplo de como pode contribuir para melhorar a gestão da saúde pública. **Página 4**

Conceito de cidade inteligente já pode ser implantado por municípios da PB

Desenvolvimento equilibrado, tecnologia e respeito ambiental são algumas das normas previstas em lei sancionada pelo Governo do Estado. **Página 5**

Consumidor paga até 130% mais caro por lanche em aeroporto

Fazer uma refeição no aeroporto pode acabar em susto na hora de pagar a conta. Os preços variam até 130% com relação a outros pontos da cidade. **Página 17**

Automobilismo terá grandes eventos entre abril, maio e junho

Presidente da Feap revela o calendário para este ano, que já começou dia 19 com a 1ª etapa do Campeonato Paraibano de Kart 2022. **Página 21**

Editorial

Para todos

Os pais e mães responsáveis preocupam-se com suas crianças, enquanto “seres-no-mundo”, por entenderem que a existência dos garotos não está dissociada da realidade social. Assim como os jovens e adultos, as crianças também estão sujeitas a tornarem-se personagens de enredos trágicos - às vezes, destacando-se como protagonistas, o que é ainda mais cruel.

Diante da fragilidade dos pequenos, na inocência da pouca idade, a violência do mundo alcança uma dimensão assombrosa. Agora, é o futuro do planeta que também transfigura-se em pesadelo. A pergunta que não quer calar, nas famílias que têm o privilégio de ter um lar: Como prepará-los adequadamente, para o enfrentamento de tantos problemas?

O mundo material, espiritual e politicamente fragmentado que aí está é resultado da ação humana como um todo. Cada indivíduo ou sociedade, em maior ou menor grau, tem sua parcela de responsabilidade, aqui e agora, no que diz respeito à afinação ou desarmonia das vozes e instrumentos que compõem a grande orquestra da humanidade.

Se as variadas formas de violência apavoram avôs e avós, pais e mães, tios e tias, padrinhos e madrinhas, faz-se necessário uma autorreflexão, até o limite de se ter plena consciência do papel que cada cidadão e cidadã desempenham na comunidade. Meu comportamento dentro e fora de casa vai ao encontro ou de encontro ao ideal de uma sociedade solidária?

Muitos dos que reclamam contra o excesso de violência quase sempre adotam condutas intolerantes em relação aos próximos, e tornam-se vedetes de brigas relacionadas a acidentes de trânsito e filas de supermercados, por exemplo, situações em que o culto à paciência e ao diálogo impediriam que a raiva florescesse, com seus espinhos letais.

Nesse processo, é fundamental procurar entender – e combater - as causas das desigualdades sociais. Nem sempre corpos malhados, armas e cercas elétricas conseguem proteger aqueles que, de algum modo, com ou sem culpa, são favorecidos pelo sistema. O fim da violência depende muito da adesão de todos a um projeto de vida próspera... para todos!

Artigo

Claro-escuro

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Quem lançou a moda dark na Paraíba foi Raul Córdula, já em 1961. O pintor passou uns tempos indo de terno preto para as aulas do Clássico nas claras manhãs do Liceu. Novo na praça, me aproximei do pintor e perguntei se ele estava de luto por algum familiar, o cumprimento de pêsames já engatilhado. E o pária, todo de preto, todo blasé: “Estou de luto universal”.

Éramos jovens, alguns de nós artistas, e, por isso, nos sentíamos duplamente marginalizados. Ou queríamos habitar apenas a margem de um mundo absurdo para nós, que o herdamos daquele jeito.

O polegar coçava a palma da mão constantemente. A quem perguntava — como eu, noviço na praça — o pintor explicava, de passagem, que “tinha alergia a tinta”. De quando em vez, ele esquecia de coçar a mão, pegava uma caixa de fósforos, batucava um bossa-nova e cantava Salete Gondim, nossa musa e seu modelo d’ A vendedora de flores:— “É tarde, me perdoa...”

Salete estava de luto por um familiar e os dois, de preto, formavam um par distinto de nossas fardas cinzas. Talvez Raul tenha captado o luto da moça e transposto seu sentimento melancólico para o rosto cabibaiço d’ A vendedora de flores. A moça parecia adivinhar o destino da tela, sequestrada com flores e tudo até hoje.

Esta exposição que Raul abriu no Cordão Bleu me desperta velhos fantasmas. O pintor nasceu de uma efervescência cultural que agitou a Paraíba no fim da década de 50, quando começou realmente o modernismo na província. Pode parecer incrível, mas a Semana de Arte Moderna, de 22, só teve um movimento de adesão na Paraíba, restrito à cidadela de Princesa, em 1925, sob inspiração do escritor Joaquim Inojosa.

Depois houve algumas respostas isoladas, como os poemas de Aderbal Piragibe. Mas a definição só veio mesmo no final da década de 50. Foi quando surgiu o cinema paraibano com Linduarte Noronha, João Ramiro, Vladimir Carvalho, Clemente Ribeiro, João Córdula, Pedro Santos. Segundo Gláuber Rocha, o Cinema Novo Brasileiro nasceu na Paraíba com Aruanda, Romeiros da Guia, e Cajueiro Nordeste.

Naquela época, o teatro paraibano lançava o autor Altimar Pimentel e se destacava, com seus amadores — o Teatro de Estudantes da Paraíba — com quatro premiações da peça de Ibsen, João Gabriel Borkman (primeira apresentação brasileira), no festival de Santos, em 1959. O Teatro de

Estudantes já havia se revelado com a peça de Ariano Suassuna, Cantam as harpas de Sião, em apresentação local no princípio da década de 50. Nas artes plásticas, surgiam Ivan Freitas, Hermano José, Archidy Picado, Raul Córdula e o escultor Breno Matos. O movimento poético foi mais pródigo, lançando a antologia “Geração 59”, com quatorze nomes: Jurandy Moura, Marcos Aprígio de Sá e Zezito Cabral, esses já falecidos; Jomar Souto, Vanildo de Brito, Luiz Correia, Tarcísio Meira César, Celso Almir Japiassu, Clemente Rosas Ribeiro, João Ramiro, Geraldo Medeiros, Liana Mesquita, Ronaldo Cunha Lima e José Bezerra Cavalcanti.

Por fixar uma data e a palavra “geração”, a antologia serve de marco a todo um movimento de artistas das mais variadas categorias estéticas, abrangendo o cinema, teatro, artes plásticas, letras, música e dança — com a Paraíba perdendo precocemente seu bailarino Adauri.

Pois o pintor Ivan Freitas nos batizou com o apelido de “párias”, e era assim que nos tratávamos carinhosamente: pária Raul, pária Jomar...

A imprensa noticiou que a primeira exposição de Raul ocorreu em 1960. Eu mesmo estava equivocado, pensando ter sido em 1961. Mas o pária Vanildo se lembra da mostra de desenhos de Raul, apresentada em 1958, juntamente com uma exposição de poemas que viria compor a antologia da Geração 59. São detalhes de notas desbotadas pelo tempo que já levou A Vendedora de Flores e, um dia, cobrirá as maravilhas de areais.

“Éramos jovens, alguns de nós artistas, e, por isso, nos sentíamos duplamente marginalizados

Sitônio Pinto

Foto

Legenda

Marcos Russo
A União



A paz da natureza

Artigo

A morte que incendiou o Brasil

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com | Colaborador

Em 1968 as manifestações estudantis explodiam no mundo inteiro. Tudo era motivo para se organizar um ato público de protesto ou de reivindicação. Em vinte e oito de março, final de tarde, alguns estudantes planejavam uma passeata programada para o dia seguinte, exigindo melhorias nas condições de higiene do restaurante Calabouço, localizado no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, quando policiais invadiram o local usando da violência. Os estudantes secundaristas que diariamente jantavam ali foram surpreendidos com o ataque e tentaram se defender reagindo com o arremesso de pedradas. Foi o suficiente para que fossem disparados vários tiros contra eles. Entre os estudantes presentes, estava o jovem de dezesseis anos, Édson Luis de Lima Souto, atingido por uma bala no peito que lhe causou morte imediata.

Viria a ser o fato determinante de uma grave crise que viveria o país. O corpo do estudante morto foi levado nos ombros pelos colegas até a Assembleia Legislativa onde passaria toda a noite sendo velado por milhares de pessoas, num clima de muita tensão e de crescente revolta. Os teatros cariocas, ao tomarem conhecimento do assassinato, suspenderam seus espetáculos e convocaram os espectadores a participarem do velório. O enterro do estudante foi acompanhado por mais de cinquenta mil pessoas, cujo cortejo percorreu várias ruas do Rio de Janeiro, recebendo a solidariedade da população por onde passava. Iniciava-se, naquela oportunidade, em todo o Brasil, um período de grande agitação que perdurou por todo o ano.

Em João Pessoa, estudantes do Liceu realizaram comício relâmpago em frente ao colégio, na Avenida Getúlio Vargas, no momento em que Édson Luis era sepultado no Rio de Janeiro. Discursos inflamados das lideranças estudantis paraibanas defendiam a decretação de uma greve geral, em solidariedade ao movimento paredista que sinalizava acontecer em todo o Brasil. A manifestação aconteceu de forma improvisada pelos alunos do curso noturno do Liceu, mas logo recebeu a adesão dos estudantes de outros educandários e dos que frequentavam as escolas no período diurno.

A vida brasileira foi incendiada por sucessivos acontecimentos que envolviam não só os estudantes, mas também os intelectuais e as organizações sindicais. Na Paraíba não foi diferente. Os manifestantes nas ruas e a repressão

“O assassinato do estudante Édson Luis causou forte repercussão nos meios políticos

Rui Leitão

do governo acontecendo, de forma violenta, constituíram-se marcos históricos do enfrentamento à ditadura militar em nosso Estado.

O assassinato do estudante Édson Luis causou forte repercussão nos meios políticos. A Assembleia Legislativa da Guanabara, para onde o corpo foi levado e permaneceu até a hora do sepultamento, abriu sessão em caráter extraordinário com sucessivos e exaltados discursos dos parlamentares em solidariedade aos estudantes que ocupavam as escadarias do edifício, na Praça Floriano Peixoto. Em Brasília, a sessão noturna da Câmara Federal foi agitada pela presença dos estudantes que ocuparam as galerias gritando palavras de ordem. Por várias vezes, o presidente José Bonifácio ameaçou a retirada dos manifestantes daquela casa legislativa. Três deputados paraibanos se pronunciaram naquela oportunidade, Humberto Lucena, Pedro Gondim e Osmar de Aquino. A Assembleia Legislativa da Paraíba, foi movimentada por inflamados pronunciamentos dos deputados estaduais, manifestando o repúdio aos atos de repressão da polícia carioca que culminaram com a morte do estudante Édson Luis.

Havia um clima de inquietação. O movimento ganhava apoio de parcelas importantes da sociedade que passavam a reconhecer os estudantes como seus representantes nas manifestações de oposição ao regime. A tragédia do Calabouço potencializou a insatisfação geral contra a ditadura.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

William Costa

DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda

DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão

DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéia

GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

NA PARAÍBA

Procura por energia solar teve aumento de 77,5%

Em fevereiro deste ano, foram registrados 158,9 megawatts de potência instalada

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Os dias ensolarados percebidos, praticamente, durante todo o ano são um atrativo na Paraíba para a geração de energia solar, e os paraibanos já estão atentos a esta característica comum no Nordeste brasileiro, região com um dos maiores níveis de insolação do planeta. No mês de fevereiro, a procura por energia solar no estado teve um crescimento de 77,5% se comparado ao mesmo período do ano passado. Os dados são da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar) e se referem à energia distribuída, aquela cujos painéis solares fotovoltaicos são instalados nas residências e estabelecimentos comerciais. Em fevereiro deste ano foram registrados 158,9 megawatts de potência instalada, enquanto no mesmo período do ano passado esse número chegou a 89,5 megawatts de potência instalada.

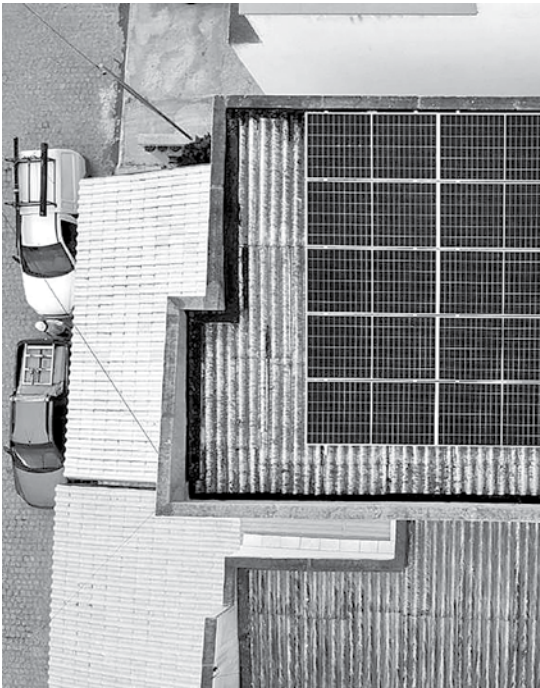
Segundo a Absolar, um dos motivos para o aumento da demanda na Paraíba foi a elevação na conta de luz (da fonte de energia convencional), queda nos preços dos equipamentos solares, maior alívio no bolso dos consumidores, redução de gasto com a adoção da energia limpa e maior competitividade para empresas. O engenheiro eletricista Walmeran Trindade, professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), e membro do Comitê de Energia Renovável do Semiárido (Cersa), afirmou que um relevante fator que também contribui para a maior procura por energia solar distribuída é a iminência da cobrança de uma taxa prevista no Marco Legal da Ge-

Segundo a Absolar, um dos motivos para o aumento da demanda na Paraíba foi a elevação na conta de luz

ração Distribuída, sancionado por meio da Lei nº 14.300/2022, no mês de janeiro.

O Marco instituiu uma cobrança que recairá a quem instalar painéis solares em uma unidade consumidora, o que ficou apelidado de “taxação do sol”. A cobrança, prevista para iniciar em janeiro do próximo ano, se refere ao custo da distribuição de energia para quem gera a própria energia solar por meio do sistema conectado à rede de distribuição de energia (convencional).

Antes da lei, essas pessoas eram isentas da tarifa. “A partir de janeiro, vai ter início uma taxa progressiva pelo uso da rede para quem for utilizar o sistema de compensação de energia elétrica, ou seja, de injetar a energia (limpa) na rede (convencional) e transformar em crédito. Quem instalar os painéis fotovoltaicos até dezembro deste ano vai poder contar com um intervalo de tempo para ser taxado”, contou o professor.



O professor Valnir Lira instalou os painéis solares fotovoltaicos em casa



Fotos: Arquivo Pessoal

Isso significa dizer que a pessoa que instalar energia solar em casa ou estabelecimento comercial até 12 meses antes da publicação da lei vai continuar isento até 2045. Para quem adotou o sistema a partir da publicação da lei, terá uma cobrança gradativa, começando com uma taxa de 23% em 2023 e chegando a cobrança cheia a partir de 2029.

Benefícios na conta

O professor Valnir Lira, morador do município de Campina Grande, instalou um sistema fotovoltaico em casa e disse que já está usufruindo dos benefícios da conta de luz, que saiu de R\$ 350, em média, para cerca de R\$ 70. Como já vinha se preparando há algum tempo para concretizar esse projeto, ele pagou R\$ 18 mil à vista pelo serviço e não teve que arcar com as parcelas do financiamento, que é outra forma de custear a instalação dos painéis solares.

“Instalei os painéis em casa e quem deseja colocar energia so-

lar recomendo demais”, frisou. O sistema fotovoltaico instalado na casa do professor é ligado diretamente na rede da concessionária de energia elétrica que abastece a Paraíba. É tudo o que o professor Valnir gera em casa com a energia solar é enviado para a concessionária, que faz a compensação do que ele consumiu com o que foi produzido pelo sistema fotovoltaico. Caso o professor produza mais energia do que possa consumir, o excedente é convertido em crédito, que pode ser abatido nas contas de energia posteriores.

Se a produção de energia solar for suficiente para abastecer toda a casa do professor, ele só deverá pagar R\$ 50, que é a uma taxa mensal cobrada pela distribuidora.

Ao falar sobre os motivos que fez com ele que fizesse essa opção, Valnir ressalta o alto custo da conta de energia, e a probabilidade da taxa prevista no Marco Legal da Geração Distribuída. “Também tem a questão ecológica, porque é uma energia renovável, limpa”, acrescentou.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

MINISTRA NA BERLINDA: SENADO OUVIRÁ DAMARES SOBRE POSIÇÃO ANTIVACINA



Foto: Agência Brasil

O número de casos de Covid-19 no país – e, por extensão, de interações e óbitos –, felizmente, está em declínio. E, obviamente, foi a vacinação da população que contribuiu para que chegassemos a esse cenário que, se ainda não é o ideal, re-

presenta uma vitória da ciência contra o negacionismo propagado por agentes políticos – uns, por absoluta ignorância ou desinformação, outros por interesses escusos ou deliberada manipulação política. Pois bem, o tempo passou e, finalmente, estamos conseguindo vencer os obstáculos impostos pela pandemia. Porém, posturas negacionistas e obscuras de outrora da gestão Bolsonaro não foram esquecidas pelo Congresso. A Comissão de Direitos Humanos e Participação Legislativa (CDH) do Senado convocou a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damara Alves, para explicar a nota técnica apresentada pela pasta se posicionando contrária ao passaporte vacinal e à obrigatoriedade da vacinação infantil. No Senado, o autor da convocação, Humberto Costa (foto, do PT), que presidente a CDH, disse que a nota técnica “não possui qualquer respaldo jurídico, não converge com renomadas pesquisas científicas e prejudica as ações tomadas pelos governos estaduais e municipais no combate à pandemia”. De fato.

GASTOS COM NEGACIONISMO

Em justificativa à convocação de Damara Alves, Humberto Costa ressalta que houve um agravante cometido pela pasta da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: ampliou o alcance do disque-denúncia para receber queixas de pessoas anti-vacinas. “Causa-nos espanto saber que órgãos do governo dispensam recursos públicos com ações contrárias a uma das principais ações para combater essa doença: a vacinação”, disse.

REDE RATIFICA APOIO A JOÃO

“A gente está livre para acompanhar o governador, mesmo que o PSOL lance candidatura própria ao Governo do Estado”. Do deputado estadual Chió (Rede Sustentabilidade), ratificando que, mesmo com a federação entre as duas legendas – o PSOL deverá oficializar a candidatura a governadora da professora Adjany Simplicio – ficou acordado que o seu partido está liberado para formar aliança com o PSB, na eleição majoritária.

O RETORNO À CENA POLÍTICA

E por falar no Rede Sustentabilidade, o partido conseguiu um intento que muitos tentaram, no passado, sem êxito: fazer o ex-prefeito de Campina Grande, Félix Araújo Filho, voltar à cena política, após 25 anos de afastamento. Conforme registrou a coluna, dias atrás, o ex-prefeito será candidato a deputado estadual pela legenda. Além dele, outro ex-prefeito Dr. Eduardo, de Mamanguape, também se filiou ao partido.

FILIAÇÃO DE WILSON FILHO

A partir de amanhã, está aberta a contagem para que ocorra o anúncio de filiação partidária do deputado estadual Wilson Filho, líder do governo na ALPB. Ele deverá anunciar, oficialmente, nesta próxima semana, se irá para o PSB ou para o Republicanos, onde seu pai, o deputado federal Wilson Santiago, já se encontra. O parlamentar condiciona essa definição a uma conversa que terá com o governador João Azevêdo. O anúncio deverá ocorrer até a quarta-feira.

CAMPANHA PARA JOVENS

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) irá intensificar a campanha para estimular jovens entre 16 e 18 anos a tirar o título de eleitor. O foco são as redes sociais. Por meio de parcerias com influenciadores digitais e organizações da sociedade civil, a corte pretende elevar a adesão de jovens nessas faixas etárias. Na Semana do Jovem Eleitor, entre os dias 14 e 18, foram emitidos 96.425 mil novos títulos no Brasil e no exterior, adesão considerada baixa. Em 2018, alcançou 1,4 milhão.

PEC FORTALECE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA

As regras que estabelecem financiamento mínimo de campanhas de mulheres já constam no regramento jurídico – são previstas na Lei das Eleições e na Lei dos Partidos Políticos. Porém, ainda não estavam constitucionalizadas. Isso deverá ocorrer na próxima terça-feira, quando está prevista a votação, no Plenário da Câmara dos Deputados, da PEC que trata desse tema. Partidos devem destinar mínimo de 30% dos recursos públicos direcionados às campanhas eleitorais das candidaturas femininas.

Serviço

Mais sobre a cobrança

- A taxa que será cobrada de forma escalonada a partir do próximo ano está relacionada à Tarifa de Uso do Sistema de Distribuição (Tusd), um dos componentes que compõem a conta de energia elétrica. A Tusd é composta por uma série de componentes tarifários como, por exemplo, os custos vinculados à utilização da infraestrutura da rede de distribuição da concessionária local.
- Essa taxa vai recair sobre a energia excedente produzida por uma unidade consumidora de energia renovável, portanto vai variar conforme o que for produzido a mais pelo consumidor. No entanto, especialistas dizem que a cobrança não inviabiliza as vantagens do uso da energia solar.
- Por exemplo, uma pessoa paga R\$ 500 de energia elétrica todo mês na distribuidora convencional, mas conseguiu instalar energia solar em casa e hoje passou a gerar 75% do seu consumo de energia limpa. Com isso, sua economia na conta de luz todo mês chegou a 95%.
- A partir do primeiro ano da vigência das novas regras previstas com o Marco Legal da Geração Distribuída, sua economia mensal na conta de luz vai cair para 93%. No ano em que ocorrer a cobrança cheia, sua economia na conta de luz chegará a 78%, o que continua sendo bastante significativo. Ou seja, dos R\$ 500 que ela pagava, vai diminuir 78%, mesmo com as novas regras.

Conheça algumas orientações do professor Walmeran Trindade para se instalar energia solar em uma unidade consumidora

- O local onde vai ser colocado os painéis solares fotovoltaicos não deve ser sombreado;
- O consumidor deve buscar uma empresa idônea, experiente, confiável para fazer o serviço. É recomendado avaliar pelo menos três orçamentos antes de firmar o contrato;
- A edificação que vai receber os painéis solares tem de ter uma resistência mecânica adequada para suportar a estrutura do sistema de energia solar. Se o local for o telhado, tem de ser avaliado previamente;
- A rede elétrica da unidade consumidora também deve estar em boas condições.

Vantagens e desvantagens da energia solar distribuída

Vantagens

- É um modelo energético que estimula a criação de novos arranjos sociais e modelos econômicos em torno da ideia de produzir energia elétrica;
- Traz mudança na característica da energia elétrica, que sai da condição de mercadoria para a de insumo, tornando-se um bem comum que atende necessidades da população e do sistema produtivo;

Menor custo na conta de energia elétrica

- Energia limpa, não poluente.

Desvantagens

- Ainda é preciso divulgar mais o modelo;
- A energia solar, dependendo da época do ano, tem uma intermitência, e para resolver esse problema um dos caminhos é armazená-la. Mas para isso é preciso viabilidade econômica;
- Necessidade de ser um modelo energético autônomo, independente do sistema da rede de energia convencional;
- Dependência tecnológica do país na produção das células e módulos fotovoltaicos.

Daniel Beltrammi, Presidente da Fundação PB Saúde

“Queremos entregar saúde pública de qualidade”



Gestor diz que maior ambição da fundação é cuidar bem das pessoas e que a Paraíba dá exemplo de como ajudar o SUS

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@cpc.pb.gov.br

Dedicar-se a cuidar do próximo é uma missão encarada por muitas pessoas para a tomada de decisão sobre o futuro e profissão a seguir. Para profissionais de saúde, como médicos, essa realidade é ainda mais vivida no seu dia a dia. Cuidar das centenas de vidas diariamente é o seu objetivo principal. Aos que atuam na saúde pública, a missão é também a de conhecer e tomar consciência sobre as necessidades das pessoas e das comunidades, bem como sobre a questão do direito à saúde.

Cuidar das pessoas através da saúde pública, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), foi a escolha feita por Daniel Beltrammi, médico sanitário que atuou, durante dois anos de pandemia, à frente da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba (SES-PB), e foi crucial no cuidar e informar a população paraibana sobre a Covid-19.

Além disso, o médico de 41 anos possui 20 anos de atuação no SUS, passando do movimento estudantil ao controle social, ao voluntariado, como médico e, agora, na gestão. Neste mês, o ex-secretário deixou o cargo para dedicar-se, de forma exclusiva, à presidência da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (Fundação PB Saúde). A fundação governamental com natureza jurídica de direito privado é um novo modelo de gestão pública de saúde, comprometida com avanço nos resultados de cuidados com a saúde. Foi fundada em 28 de fevereiro de 2020 para gerenciar serviços hospitalares e demais unidades da Rede Estadual de Saúde.

Em 2022, a Fundação está em pleno funcionamento, tendo realizado concurso, contratado e empossado os aprovados, para a gestão do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita, que será a primeira unidade estadual a receber o novo modelo de gestão.

Ao Jornal **A União**, o médico falou sobre os novos desafios, a fundação e a pandemia da Covid-19.

A entrevista

■ *A Fundação é fruto de um projeto que não nasceu agora e tem projeções de crescimento no estado e no país. Gostaria que o senhor explicasse à população o que é a Fundação PB Saúde e quais são as suas funções.*

A Fundação Paraibana de Gestão de Saúde é uma fundação estatal de direito privado, então, ela é pública, de cada paraibana e de cada paraibano. E usa boas práticas do direito privado para conseguir contratar bem, comprar bem, manter os serviços de saúde abastecidos, equipados, nas melhores condições para cuidar das pessoas, quando elas mais precisam. E sim, ela é uma solução que trata da possibilidade do SUS ser cada vez melhor, não só aqui na Paraíba, mas uma solução que serve para todo país.

■ *A saúde na Paraíba foi destaque nos últimos anos no enfrentamento à Covid-19, com reconhecimento nacional. A Fundação PB Saúde é mais um fator de fomento e melhoramento do nosso sistema de saúde? Se sim, por quais motivos.*

A PB Saúde é a chance que o SUS tem para não parar de melhorar. Houve muito aprendizado nesses últimos 24 meses de pandemia sobre como gerenciar serviços, cuidar de quem cuida, organizar rede de serviços de saúde para estar cada vez mais conectada por meio de uma regulação efetiva, fazer com que cada necessidade possa ser atendida no tempo oportuno. E a fundação é uma ferramenta para que gente possa fazer isso melhor e mais rápido, ou seja, permitir que o sistema não pare de melhorar, ajun-

dando hospitais, ajudando a rede de serviços de saúde, cuidando do infarto, das mães, cuidando também do processo regulatório em todo Estado. A chance do cuidado estar próximo de casa, no tempo que as pessoas precisam dele. Esse aprendizado, então, vai ajudar a Fundação a ser uma garantidora dessa melhoria e não parar pelos próximos tempos que virão.

■ *O senhor já vinha acumulando funções como secretário Executivo de Saúde e também presidente da fundação. O que lhe motivou a priorizar a fundação?*

O projeto da fundação é grande, ele foi estruturado já desde setembro de 2019. E muito aconteceu até aqui. A substituição das antigas Organizações Sociais de Saúde (OSS) pela fundação é a prova de que a Paraíba tem uma proposta para não permitir que a saúde do Estado pare de melhorar. Esse projeto é um projeto grande que vai alcançar a Paraíba inteira, de Cachoeira dos Índios a João Pessoa, todos os serviços estaduais e até mesmo serviços municipais que queiram contratualizar com a fundação. E isso é um legado que a Paraíba deixa de ensinamento sobre como melhorar a gestão do Sistema Único de Saúde paraibano, mas também um aprendizado para ajudar o Sistema Único de Saúde fora do território paraibano, tanto que a fundação já troca experiências com outros estados para ajudá-los a implantar suas fundações. Por isso, concentrar esforços neste momento na fundação é importante para ajudar o SUS paraibano a seguir se desenvolvendo com bastante força.

■ *Como se darão, na prática, as ações da PB Saúde nos hospitais?*

A PB Saúde fica responsável pela gestão dos hospitais. Ela faz todo gerenciamento do “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” nas nossas recepções, às altas, os acompanhamentos nos nossos ambulatorios, em todos os serviços hospitalares que a fundação vai administrar ou até mesmo nos serviços que ela venha prestar dentro de outras unidades hospitalares, como, por exemplo, operando os sistemas de hemodinâmica que cuidam do infarto em dois outros hospitais, num futuro breve, em Campina Grande e Patos. E também fortalecendo a rede materna infantil, ajudando a prover médicos obstetras, pediatras e anestesiológicos em, pelo menos, 18 maternidades que são estaduais e estão em toda a Paraíba.

■ *Logo no início das atividades, a Fundação realizou concurso público, convocou e empossou os aprovados. A geração de emprego deve seguir para os próximos meses? Há alguma projeção de mais vagas e concurso?*

A Fundação Paraibana de Gestão em Saúde fez um dos maiores concursos públicos da Paraíba. Foram mais de 16 mil pessoas inscritas e mais de quatro mil pessoas aprovadas, e nesse momento ela já fez dois chamamentos que passaram de 1.300 pessoas para preenchimento de até 1.250 vagas no Hospital Metropolitano. As demais pessoas aprovadas seguiram sendo convocadas pela fundação para suas novas atividades à medida que elas sejam organizadas. E, sim, esse concurso que tem duração de, pelo menos, dois anos será sucedido por outros concursos no futuro. É também um compromisso da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde com a geração de empregos na área da saúde, o que certamente ajuda a Paraíba a não parar de se desenvolver.

■ *Gostaria que o senhor falasse sobre os projetos, planos, desafios e metas da sua gestão na fundação.*

O principal desafio da fundação neste momento é se estabelecer, iniciar suas atividades de maneira muito competente, muito eficiente, protegendo cada centavo do contribuinte paraibano, entregando cuidado em saúde que a pessoa precisa no momento adequado. Mas, além disso, a fundação é ambiciosa, sim, em ser reconhecida como um órgão do Sistema Único de Saúde do Governo do Estado da Paraíba, que entrega saúde de máxima qualidade, disputando mesmo, a qualidade dessa entrega até com a rede de serviços privados. A fundação quer poder cuidar bem de gente, quer desenvolver pessoas em saúde para devolver ao mercado de trabalho pessoas muito bem preparadas. Quer poder inovar e trabalhar a lógica de produção de novas tecnologias na gestão, no cuidado. Quer também poder

ajudar o Sistema Único de Saúde a se desenvolver nos seus aspectos de gestão. Isso vai ajudando a fundação a trabalhar para ser cada vez maior e cada vez melhor.

■ *Durante a pandemia e com o destaque recebido, a população paraibana passou a lhe conhecer, confiar e acompanhar o seu trabalho. Gostaria que o senhor fizesse um balanço do trabalho árduo e incansável que desempenhou na Secretaria de Saúde durante esse tempo de pandemia, especialmente.*

Foram mais de 24 meses de imensa devoção. Uma das maiores honras que já pude receber na minha vida, que é servir à Paraíba. Claro que ninguém sabia que, nas circunstâncias em que eu o fiz, a pandemia era uma situação imprevisível, quando eu estava aqui em setembro de 2019, mas eu também agradeço a Deus por ter tido essa oportunidade de estar junto das pessoas, de toda a Paraíba, nesse momento, momentos de grande sofrimento, de desespero, ansiedade, medo... E foi muito importante a gente ter podido não só preparar a Paraíba para atravessar muitos dias difíceis que nós atravessamos juntos, mas estar junto das pessoas, em contato, em comunicação efetiva, levando para as pessoas as melhores informações para que elas pudessem tomar boas decisões sobre o cuidado, cuidado que tinham que ter consigo, que ainda devem continuar mantendo, e o reflexo disso no cuidado com os outros. Uma lição enorme, nem nos meus maiores pesadelos eu poderia imaginar atravessar dias tão difíceis, eu fiquei muito tempo longe da minha família também, como muitos. Claro, com esta vivência, a gente muda o nosso conceito de qual é o nosso limite. Todo esse aprendizado a gente continua trazendo para seguir beneficiando a Paraíba.

■ *Para quem quiser seguir acompanhando as suas informações, como pode ser feito?*

Sem dúvidas, foi um prazer imenso poder estar com as pessoas próximas, conversando. Também aprendi muito nesses

contatos e agora eu sigo nesse esforço, até porque comunicar e educar é uma chance que nós temos de ajudar a Paraíba a não parar de melhorar. E quem quiser pode seguir me acompanhando, eu estarei sempre no @beltrammi, na minha conta pessoal do Instagram, comunicando o quanto possível for para que as pessoas possam receber boas informações. É um projeto que eu comecei durante a pandemia, com o Saúde Sem Fronteiras, e uso as minhas contas pessoais para, sem limite, levar melhor informação para que as pessoas possam usar e tomar boas decisões para viver mais e viver melhor.

■ *O que precisamos fazer, como sociedade, para sair da situação de emergência em saúde pública?*

Saída da emergência sanitária em 2022 tem que ser a nossa meta, isso depende de comportamento: optar pelas vacinas e optar pela proteção, especialmente quando a gente estiver em ambientes fechados, aglomerados com uso de máscaras. Saindo disso, termina o novo normal para a gente começar o normal novo. A emergência acaba e a gente tenta recolocar nossas vidas no eixo, podendo conviver com vírus, fazendo com que ele esteja mais controlado... Mas, isso vai exigir de nós, claro, sempre consciência de comportamento protetivo com a gente e com todos. E lembrar: vacinas salvam vidas! Todo ano nós vamos receber uma dose, certamente, para as vacinas da Covid-19. E tudo que a gente aprendeu na pandemia precisa nos ajudar a educar crianças, adolescentes e nos ajudar também a sempre tomar boas decisões. Não há incômodo pequeno, como eventualmente, o que o uso das máscaras pode nos trazer que supere o benefício de a gente estar protegido, então, essa sempre é uma boa ideia.

■ *Por fim, gostaria que o senhor lembrasse algum momento marcante durante a gestão na SES.*

Certamente, os momentos mais marcantes que eu tive ao longo da gestão foi receber reconhecimento do meu trabalho pelas pessoas que, de maneira muito generosa, muito carinhosa, muito genuína, ou me mandavam abraço, ou rezavam por mim, pediam a Deus que pudesse me guardar, abençoar minha vida, minha saúde para que a gente pudesse continuar junto trabalhando por dias melhores. A essas pessoas que eu pude conhecer, as pessoas que eu não pude conhecer, mas estiveram comigo em seus bons pensamentos, minha gratidão imensa. Nós todos compartilhamos uma coisa em comum, que é um amor enorme pela Paraíba e pelo povo da Paraíba, que é um povo sofrido, mas que em momento nenhum perde a capacidade de ser generoso, afetuoso e amoroso. Isso vou levar por toda a minha vida.

“
E isso é um legado que a Paraíba deixa de ensinamento sobre como melhorar a gestão do Sistema Único de Saúde paraibano

Daniel Beltrammi



NA PARAÍBA

O caminho das cidades inteligentes

Nova legislação e a implantação do Parque Tecnológico são iniciativas dentro do conceito de Smart City

■ O conceito de Cidade Inteligente prevê o desenvolvimento de tecnologias que possibilitem melhorias à coletividades através da coleta de dados em várias áreas, desde o trânsito até o meio ambiente

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Já imaginou morar em uma cidade conectada, que tenha um desenvolvimento equilibrado em todo seu território, que seja sustentável, tecnologicamente eficiente e que o planejamento dos gestores atue em função do respeito ambiental, do desenvolvimento econômico, humano e social? Para muitos parece algo fictício, mas essa é a concepção da *Smart City* ou Cidade Inteligente, sistema de interação de pessoas que já está sendo posto em prática em vários países do mundo.

Na Paraíba, ações implantadas pelas gestões estaduais e municipais já estão no compasso das chamadas Cidades Inteligentes. Uma delas pode ser observada no funcionamento do

Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, que tem como sede, o antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa. O parque busca estimular ideias tecnológicas, desde *start-ups* até projetos de dimensões maiores, buscando soluções inteligentes que poderão contribuir para o bem-estar da coletividade, em diversas áreas da sociedade.

Dentre as ações desenvolvidas no local, está a possibilidade de se criar plataformas que geram informações importantes para a melhoria de políticas públicas e desenvolvimento de negócios, disponibilizando o acesso da tecnologia para a população. “Isso possibilita maior oportunidade de negócios, de competitividade, inclusão digital e ações mais eficientes em várias áreas como a mobilidade urba-

na, o transporte público, e avanços na empregabilidade”, contou a coordenadora do parque, Francilene Garcia.

Para ela, a iniciativa da Assembleia Legislativa da Paraíba e do Governo do Estado em criar e sancionar uma lei que dispõe sobre a implantação do conceito de Cidades Inteligentes favorece, aos dirigentes públicos, uma postura mais aberta ao desenvolvimento sustentável, compatível com a Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas (ONU), e à implementação de programas voltados à formação de Smart Cities. “Essas cidades têm um potencial transformador e extremamente alinhado com a Agenda 2030. Acho que a lei foi uma boa iniciativa, que se conecta bem com os desafios que a gente tem não só no presente, mas também

para a construção de um futuro mais sustentável”.

Ela acrescentou que o parque tecnológico já trabalha dentro do conceito de Cidade Inteligente, uma vez que atua na criação de uma série de iniciativas realizadas conjuntamente entre atores vinculados às academias, ao serviço governamental, e a profissionais do segmento empresarial, trazendo soluções e projetos benéficos ao interesse público e privado.

Reforma do prédio

O prédio do Colégio Nossa Senhora das Neves, que vai sediar o parque, ainda está em reforma, que deve ser concluída no final do ano. Apesar do serviço estar em andamento, já há projetos sendo realizados por meio de plataformas digitais.

Iniciativas afetam cotidiano do cidadão

Um dos focos das *Smart Cities* é a conservação ambiental, que pode contar com o desenvolvimento tecnológico para incrementar gestões eficientes, rumo a uma cidade mais sustentável. Na Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) esta interação entre as novidades tecnológicas e a proteção do patrimônio natural do Estado já é uma realidade.

O superintendente do órgão, Marcelo Cavalcanti afirmou que ações como o monitoramento da água do mar, rios e açudes é realizado com a ajuda de recursos modernos que trabalham estratégias para evitar a poluição ambiental e garantir o bem-estar da população e da natureza. “Além disso, a Sudema está providenciando a aquisição de equipamentos que façam a medição da qualidade do ar em todo o estado. Serão equipamen-

tos de acesso remoto que enviarão, em tempo real, informações a respeito da qualidade do ar”, declarou Marcelo.

Ele frisou ainda que o conceito de Cidade Inteligente traz a sustentabilidade como grande aliada da qualidade de vida dos cidadãos. “Isso é possível por meio de tecnologia e recursos cada vez mais avançados que permitam um melhor controle e monitoramento das questões ambientais no Estado”.

Tratamento de dados

O secretário de Ciência e Tecnologia de João Pessoa, Guido Lemos, ressaltou que no atual mundo moderno, repleto de compartilhamento de informações digitais, comuns nas Cidades Inteligentes, é muito importante o cuidado com o tratamento dos dados, o que requer responsabilidades das autoridades.

A implantação de câmeras para monitorar o trânsito e a segurança nas ruas, a adoção de informações pessoais dos pacientes em clínicas e hospitais, são alguns exemplos que representam a vulnerabilidade do cidadão diante das tecnologias.

“A lei deixa claro que os dados dos cidadãos são de propriedade dele, e só podem ser utilizadas para determinados fins, com autorização explícita da pessoa. Por exemplo, eles não podem ser comercializados ou repassados sem essa confirmação”, salientou.

Ao olhar para o futuro, Guido Lemos destaca que vai ser cada mais comum uma gama de informações interligadas, conectadas, sobretudo com o avanço das Cidades Inteligentes pelo mundo, o que aumenta a responsabilidade dos administradores desses dados. Ele destacou que essas informações, só podem ser usadas pelos municípios para utilização de políticas públicas de forma “anonimizada”, e o uso deve ser sempre em benefício da comunidade.

Lei sancionada

No último dia 16, a Paraíba deu um importante passo no sentido da aplicação e estímulo desse conceito nos municípios do Estado. O governador João Azevêdo sancionou a Lei nº 12.244/2022, que estabelece os princípios e regras que nortearão os gestores na implantação de equipamentos, dispositivos e infraestrutura para adaptar o conceito de Cidades Inteligentes na Paraíba.

O autor da lei, o deputado



Monitoramento feito com câmeras não pode deixar o cidadão vulnerável

Adriano Galdino, presidente da ALPB, citou alguns exemplos de quais seriam esses equipamentos e dispositivos necessários para a adequação a esse sistema inteligente. “Um bom exemplo que mencionaria seria a aquisição de *software* e *hardware*, que devem ser instalados em pontos estratégicos das cidades paraibanas para fins de obter informações sobre assuntos de relevante interesse público”, afirmou.

Segundo ele, o levantamento e análise desses dados seriam importantes para alimentar a base de informações da gestão pública, contribuindo para a melhoria das ações e otimização da qualidade dos serviços públicos oferecidos, seja na saúde, na mobilidade urbana, na eficiência do uso da máquina administrativa, na responsabilidade ambiental, entre outras áreas.

Na nova lei é possível observar os princípios que devem ser seguidos pelos gestores para a construção de infraestrutura e instalação

de dispositivos necessários para viabilizar a constituição de uma Cidade Inteligente.

Na relação estão o desenvolvimento coletivo em detrimento dos interesses individuais; o crescimento equilibrado do território da cidade, evitando o investimento restrito às zonas mais rentáveis do município; o equilíbrio da oferta da infraestrutura e de serviços sociais na cidade, garantindo o acesso a todos os cidadãos; a distribuição igualitária e inteligente de investimentos externos e recursos do município, bem como o desenvolvimento de tecnologias que otimizem e democratizem o acesso à serviços públicos essenciais.

A publicação do DOE não cita prazo para que haja a adequação dos municípios dentro dos princípios das Cidades Inteligentes, mas segundo Galdino compete a cada gestor estudar a melhor forma de procurar atender os princípios estabelecidos na lei.



Antigo Colégio das Neves passa por obras para abrigar o parque tecnológico

VOLUNTARIADO

A atitude de doar e receber amor

Voluntário é aquele que dedica parte do seu tempo para promover o bem-estar da sociedade e dos indivíduos

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Voluntariado, substantivo masculino que significa um conjunto de pessoas que desenvolvem um determinado trabalho, em geral de cunho social, por vontade própria e, na maioria dos casos, sem nenhum tipo de remuneração. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), o termo “voluntário” representa uma pessoa que, por meio do seu interesse pessoal e espírito social, dedica parte do seu tempo para atividades diversas que visam o bem-estar da sociedade e seus indivíduos, sem necessariamente receber alguma coisa por isso. Pela experiência de alguns paraibanos como voluntários, essa atividade é uma via de mão dupla: enquanto ajuda alguém, o ajudador também é beneficiado com uma mudança de valores e filosofia de vida.

Pedrina Borges, de 24 anos, é técnica de Enfermagem e também estudante da graduação na mesma área. O vínculo com o servir já estava presente na profissão, mas ela decidiu ir mais além ao se voluntariar para o trabalho junto ao Anjos da Enfermagem, no Grupo de Ajuda à Criança Carente e com Câncer de Pernambuco (GAC-PE), localizado no Hospital Universitário Oswaldo Cruz, em Recife, há quatro anos.

O primeiro contato com o voluntariado foi através desse projeto, que foi encerrado em 2020. A partir disso, a jovem conseguiu se manter atuando como voluntária no GAC através de seleção própria. “Quando o grupo encerrou, eu não me via mais longe daquele setor. Por mais que seja doloroso ver crianças doentes, eu me sentia bem em proporcionar a eles sorrisos e brincadeiras, ouvi-los me chamando de ‘tia’. Hoje eu não me vejo fazendo outra coisa a não ser trabalhar com as crianças oncológicas, fazer parte da melhora delas ou amenizar um pouco o sofrimento”, contou Pedrina.

Para a futura enfermeira, o trabalho voluntário faz qualquer um que participe se tornar mais humano, a pensar mais no próximo. Estar em contato com pacientes oncológicos pediátricos aflora ainda mais essa sensação de humanidade e necessidade de humanizar as coisas, pois busca sempre ter ideias que possam, de alguma maneira, aliviar o sofrimento causado pela doença e a condição hospitalar.

A melhor parte desse trabalho, segundo Pedrina, é chegar na enfer-

“
Quando o grupo encerrou, eu não me via mais longe daquele setor. Por mais que seja doloroso ver crianças doentes, eu me sentia bem em proporcionar a eles sorrisos e brincadeiras, ouvi-los me chamando de ‘tia’. Hoje eu não me vejo fazendo outra coisa a não ser trabalhar com as crianças oncológicas, fazer parte da melhora delas ou amenizar um pouco o sofrimento

Pedrina Borges

maria e ser chamada de “tia”, receber um bom dia animado e poder brincar com as crianças. Quando o silêncio se faz presente, é preciso ressignificar a dor para continuar seguindo. “Perder uma criança e, depois disso, ter que arranjar forças para continuar no voluntariado é o mais desafiador para mim. Não vejo um paciente, enxergo sobrinhos de coração. Eles contam seus sonhos para quando crescerem, por exemplo, e às vezes a gente acaba vendo que esses sonhos não se tornarão realidade, porque a criança



A estudante Pedrina Borges e seus ‘sobrinhos’, pacientes da área de pediatria oncológica do hospital onde é voluntária

faleceu. A pior parte é conviver com o luto, com certeza”, afirmou.

Para balancear o peso que, por vezes, bate no coração, a técnica de Enfermagem decidiu auxiliar na vacinação contra a Covid-19, também como voluntária, e acaba sendo mais um canal de informações seguras para aqueles que ainda chegam receosos com os imunizantes. “Entrei através de uma ação, porque achei muito interessante a sala de vacina. Acho muito importante esse trabalho diante do novo coronavírus e da pandemia, porque aca-

bamos desmentindo muitos mitos em relação à vacina”, apontou ela.

Trabalhar na linha de frente de uma doença que até então era 100% desconhecida, principalmente atuando na etapa de proteção da sociedade, tem sido gratificante. “Ver muitas pessoas se vacinando, fazer parte desse marco histórico que está sendo, ver famílias inteiras sendo todas vacinadas, as crianças se imunizando contra o coronavírus” são alguns dos momentos que aquecem o coração de Pedrina.

Hoje, a jovem atua também em ou-

tras cidades, como Salvador e Fernando de Noronha, a partir do trabalho que se iniciou com o Anjos da Enfermagem. Se um dia o sonho era seguir na carreira de medicina pediátrica, hoje Pedrina é mais do que realizada através do trabalho como técnica, enfermeira e voluntária. “O contato direto com as crianças me ajudou muito a decidir na minha formação da pós-graduação, fez com que me apaixonasse mais ainda pela área de Saúde e a minha paixão por criança só aumenta a cada dia”, finalizou.

Agentes de transform(ação) social através do crescimento coletivo

O voluntário é uma figura social que se põe como agente transformador da vida do próximo pelo prazer de ajudar, de se fazer e sentir-se útil. Desde 2013, a ONG Milagre Sertão se propõe a ser um suporte assistencial para famílias em todo o estado da Paraíba, arrecadando e distribuindo alimentos, roupas, brinquedos e demais itens considerados de necessidade básica. Além disso, o projeto também oferta serviços de apoio como atendimentos médicos.

Rodrigo Bittencourt, de 32 anos, é empresário e atua como voluntário do Milagre Sertão, sendo um dos fundadores do projeto. Segundo ele, as possibilidades do voluntariado foram uma descoberta, porque antes da ONG não havia realizado nenhum tipo de trabalho nesse sentido. “Eu fui me descobrindo e descobrindo como é o trabalho voluntário. Isso foi de grande valia para a construção da minha personalidade. Fui conhe-

cendo outras partes do mundo a que eu não tinha acesso, outras realidades, e é muito engrandecedor”, dividiu.

A observação e essa percepção de que existem muitas realidades por aí, por vezes muito distantes do que se está habituado, foi o pontapé para dar início ao projeto. “A gente aprende um pouco a se doar, entende da solidariedade, deixa um pouco de lado esse sistema do mundo competitivo para um sistema mais colaborativo, e assim entende que quando as pessoas caminham juntas as coisas fluem de forma muito mais fácil”, afirmou Rodrigo.

Rodrigo acredita que essa troca e a possibilidade de ser esperança e agente de transformação na vida das pessoas são as melhores partes do voluntariado. Por outro lado, conciliar as responsabilidades do dia a dia com a dedicação ao trabalho voluntário, além de se manter sempre motivado, tem sido o mais desafiador. Se Rodrigo pudesse definir essa experiência com uma palavra, seria “entrega”.

Uma mão lava a outra
Janaína Cardoso, 36 anos, apren-

deu ainda muito nova sobre a importância de uma rede de apoio. Quando sua mãe ficou viúva e a família não tinha mais condições de morar em Campina Grande, vieram para João Pessoa. Na capital, foram abrigados por alguns parentes enquanto a mãe, que trabalhava

■
Janaína Cardoso é voluntária num projeto na comunidade Aratu: “A gente sai um pouco dos muros das nossas casas e se entrega ao próximo”

como empregada doméstica, tentava conseguir alguma melhoria de vida. “Eu senti em mim o quanto é importante ser ajudado, então sempre tive esse desejo de poder ajudar”, explicou.

Atualmente, mesmo estando de-

sempregada, Janaína trabalha como voluntária no projeto Clube de Mães do Aratu, comunidade onde mora. O objetivo do trabalho é, além de poder auxiliar com alimentos, roupas e demais itens básicos, também possibilitar a essas mulheres um empoderamento, fortalecer vínculos e orientar acerca de violências, se constituindo, de fato, como uma rede de apoio.

“Esse é um trabalho que tem me chamado há muito tempo. Fui voluntária em outros espaços, em outros bairros por onde morei, e quando vim para o Aratu, eu senti falta desse trabalho social, que é tão importante. Aos poucos a gente foi desenvolvendo até chegar ao Clube de Mães”, lembrou Janaína.

O trabalho busca também conscientizar as meninas mais jovens, crianças e adolescentes, a discutir temáticas atuais e se fortalecer também nesse sentido. Para Janaína, essa é uma experiência que muda, principalmente, a visão com relação ao mundo. “A gente sai um pouco dos muros das nossas casas e se entrega ao próximo. É uma experiência enobrecedora. A maior transformação foi dentro de mim”, completou.



Empresário Rodrigo Bittencourt: “A gente aprende um pouco a se doar”

PRECONCEITO RACIAL

Quando o problema chega em casa

Essa é a difícil realidade na vida de muitas famílias negras na PB e no Brasil que precisam lidar com o racismo

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Laura (nome fictício), uma menina de apenas quatro anos de idade, surpreendeu os pais ao dizer que não quer mais ser “marrom” e nem ter cabelo enrolado. Insatisfeita com a própria aparência, ela se recusa a aceitar os traços de suas raízes. Pode ter sido vítima de bullying, talvez praticado por colegas tão pequenos quanto ela, mas que também entranharam na mente o que seria considerado “padrão de beleza” – a pele branca e cabelo liso. O problema, causado pelo preconceito racial, é uma realidade na vida de muitas famílias negras no Brasil e um desafio a ser vencido.

Os familiares de Laura, assim como tantos outros pais, não sabem lidar com a situação, e sofrem ao constatar a infelicidade da criança que se acha diferente e feia por ser assim. Sem se identificar, a família relata que não buscou ajuda profissional e, mesmo sem orientação especializada, tem procurado contornar a situação através do diálogo, reforçando que suas características não têm nada fora do comum.

Nas conversas, tentam fazer a criança compreender que não há nada de errado em ser negra e ter cabelo enrolado, enfatizam que a cor da pele é linda e que o cabelo é tão bonito quanto um liso. Eles também têm procurado incentivar o interesse por histórias de personagens negros para que a criança se identifique.

Aversão pela cor

Na casa da professora Evyllin Renaly Silva da Costa, sua filha Maria Eloah, de sete anos, também começou a ter aversão pela própria cor aos quatro anos de idade. “Foi muito parecido com o que eu passei na infância. Sou filha de mãe branca e pai negro. Minha irmã mais velha é branca e eu, negra. Por causa da minha cor, ela me chamava de mucama, dizia que eu era escrava, e aquilo foi ficando na minha mente”, contou.

Com Eloah, os comentários também surtiram efeito negativo. A mãe relata que, ao ver os primos de pele branca, a criança perguntava a razão da diferença, não queria ir para a escola porque os coleguinhas falavam sobre sua cor. “Eu vivi essa experiência, me chamavam de cabelo picuim, de bucha, ouvia muitas piadas, e passei a trabalhar isso com ela. Vivi maus bocados com minha filha até que ela começasse a se aceitar”, relatou Renaly.

A mãe lembra que foi um período bem difícil e frisou que o preconceito das pessoas existe e é traumático para os pequenos. Quando a menina ainda era bebê, um parente fez um comentário por causa da cor. “Ele disse: ‘Olha, parece uma macaquinha’. Aquilo me ofendeu muito. Pode até ter sido uma brincadeira, mas de péssimo



Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Arquivo Pessoal

Na casa da professora Evyllin Renaly Silva da Costa, sua filha Maria Eloah, de 7 anos, começou a demonstrar rejeição à própria cor aos 4 anos de idade

Redes sociais e TV exercem influência

Para a psicóloga, não há dúvida de que a vitrine das redes sociais, dos modelos impostos na TV e até mesmo figuras de referência exercem influência no que é determinado e entendido como belo, admirável e bem aceito. Ela ressalta que o contato cada vez mais precoce, sem supervisão e sem orientação, promove uma inserção prematura em um universo de cobranças e comparações.

Uma vez instalado o problema, Marilya afirma que é preciso, através do diálogo, esclarecer a criança de que não há como mudar a cor de sua pele. Isso é possível reforçando a sua autoestima, falando sobre empoderamento numa linguagem acessível e reforçando o quão bonita e representativa é a cor da sua pele.

“Lições de amor próprio e autoconhecimento também são importantes. Aos adultos, um lembrete: para que uma criança possa se amar, ela precisa ser amada, elogiada e valorizada primeiro”, afirmou. E para fazer com que a criança compreenda que o tom da pele não interfere em nenhum aspecto de sua vida, a psicóloga sugere levar a mensagem para a compreensão da criança de forma lúdica e leve, através de brincadeiras, desenhos, pinturas, da arte, da música, por exemplo.

Para ser feliz como é, a autoaceitação deve ser trabalhada. Isso, conforme Marilya, se configura como um processo que engloba amar e respeitar tudo que lhe compõe e lhe pertence. Ela acrescentou que, nesse momento, é importante exemplificar celebridades, cantores, atores, modelos, grandes escritores e personalidades negras em quem a criança possa se identificar e se inspirar.

Em caso de bullying no contexto escolar, a escola deve ser procurada para tomar as medidas necessárias. O psicólogo, por sua vez, atua para orientar os pais a lidarem com a situação ou auxiliar o paciente a ressignificar os possíveis traumas, melhorar sua autoestima. A escola, segundo ela, pode ajudar,

promovendo debates sobre as consequências do preconceito e do racismo, preparando sua equipe para lidar e intervir em tais situações, tendo um diálogo próximo com os pais para entender o contato além da escola; e promovendo uma educação emocional e construtiva.

Sofrimento psicológico

O psicólogo é capacitado para intervir em situações em que a pessoa tenha vivenciado algum contexto que gere sofrimento psicológico. De forma humanizada e empática, acolhe a dor e a fala do paciente para buscar soluções ou encaminhamentos possíveis para as queixas. No caso de uma pessoa que sofreu racismo, a intervenção do psicólogo vai alcançar a necessidade do paciente.

Essa necessidade envolve trabalhar o seu sentimento diante do ocorrido, ressignificar a sua relação com sua cor, sua aparência e sua autoestima; e identificar e agir nos gatilhos de ansiedade que possam surgir a partir disso.

A psicóloga Marilya Nascimento relata que recebeu, em seu consultório, muitos adultos que buscavam sanar as consequências do racismo vivenciado na infância, que repercutiam em sua autoestima e apareciam em forma de insegurança, por exemplo. Alguns possuíam distorção da autoimagem, se vendo como feias, inadequadas e indesejáveis.

Ela diz que as crianças, quando amadas, acolhidas, valorizadas e elogiadas, tendem a ter uma boa autoestima e autoconfiança, e esse empoderamento deve brotar na infância. Marilya afirmou que é importante que esse sentimento positivo em relação à cor da pele, textura e aspecto do cabelo, além dos traços físicos sejam valorizados e reforçados. Ela comentou ainda que a relação com o espelho não começa na vida adulta, e dá sinais desde a infância. Se não for uma boa relação, é importante que essa pessoa busque ajuda. No caso das crianças, os pais e responsáveis ficam com essa missão. “O racismo e o preconceito

Lição
É importante que esse sentimento positivo em relação à cor da pele, textura e aspecto do cabelo, além dos traços físicos sejam valorizados e reforçados

são questões complexas, que se ramificam e abraçam muitos fatores. Na minha opinião, o melhor antídoto para estes males é o respeito, seguido da empatia”, ensinou.

Ninguém nasce racista

Para evitar que o preconceito vivido pelas crianças se transforme em um problema ainda maior para elas, a presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB-PB, Mislene Santos, explica que a família deve ficar atenta a mudanças de comportamento e procurar descobrir as razões para que ela não aceite a própria cor.

A partir daí, reforçar, de forma carinhosa, que a cor de sua pele tem valor e que seus cabelos têm representatividade, mostrando à criança o valor que ela tem do jeito que é. Aos poucos, segundo ela, a família deve falar, de forma didática, sobre racismo e, se necessário, buscar ajuda psicológica.

Se ocorreu na escola, ela aconselha conversar com professora, diretora, para que o comportamento não se reproduza. Para a advogada, a discriminação e o preconceito contra as minorias, sejam mulheres, negros, LGBTQIA+, partem de uma reprodução social e, inclusive, de uma reprodução na escola. “Não se nasce racista. Ensina-se a sê-lo. Da mesma forma, ninguém nasce preconceituoso. Ensina-se a sê-lo”, constatou.

Ditadura da beleza

A ditadura da beleza im-

põe padrões de cor de pele, peso, cabelo, reproduzindo a forma como o ser humano deve ser para ser aceito. Hoje, conforme analisou Mislene Santos, as grandes marcas têm quebrado um pouco as propagandas que mostram corpos magérrimos, mulheres brancas, olhos claros, cabelos lisos. Elas têm usado pessoas de mais idade, com rugas, corpos fora do padrão, o que ela considera um avanço, embora ainda haja um caminho longo a ser percorrido.

“Essa ditadura de beleza tem causados prejuízos à vida, levando muitas pessoas a morrerem de anorexia. Se você não se encaixa nos padrões, não é aceito na sociedade, e isso mexe com o psicológico, principalmente das crianças”. Para Mislene, as redes sociais contribuem para que os pequenos absorvam e reproduzam comportamentos de youtubers que, normalmente, são brancos, magros e atendem aos padrões de beleza.

Ela observa que falta controle dos pais em relação ao conteúdo que os filhos de pouca idade estão assistindo. “A dose do uso está envenenando as crianças a terem comportamentos prejudiciais para o psicológico e para a vida”.

A advogada lembrou que o racismo é crime e que a Constituição Federal garante direitos e deveres iguais para todos.

“É difícil dizer qual a solução para o preconceito, porque essa é uma questão secular. Ele está entranhado na sociedade capitalista, racista, excludente, individualista, onde não se respeita o outro e não se coloca no lugar do outro. Por isso, tem que começar com a educação ainda na infância”, completou.

A Comissão de Igualdade Racial da OAB-PB dá apoio às famílias que passam por esse problema, prestando atendimento assistencial no âmbito da Comissão, oferecendo apoio jurídico e acompanhamento psicológico, além de encaminhar o caso para a delegacia especializada, quando necessário.



Foto: Hércules Feitosa/Arquivo pessoal



Foto: Raiff Chaves/Arquivo pessoal

A cidade vem mudando consideravelmente e a população é a maior responsável pelo seu crescimento. Neste sentido, o comércio, a educação e a saúde são as áreas que mais se destacam

SÃO JOSÉ DOS RAMOS

Independência econômica é a meta

Antigo distrito de Pilar, município da Zona da Mata comemora, em 2022, 28 anos de emancipação política

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Além de ser um dos municípios paraibanos com emancipação política mais recente, São José dos Ramos faz parte do grupo de cidades que buscam uma independência econômica cada vez maior em relação às regiões vizinhas. A prova disso é que, apesar de ser reconhecida com um antigo Distrito de Pilar, a cidade guarda poucas lembranças do local a que estava ligado.

Em 2022, o município comemora seus 28 anos de emancipação política. De acordo com a secretária de Administração do município, Larissa Morais, São José dos Ramos é um lugar belo, acolhedor e de muitas histórias. O desejo da população sanjoseense é dotar o local de características totalmente próprias. “Desde sempre o povo de São José dos Ramos possui características de independência, que são próprias por ter tido pouca assistência nos âmbitos da edu-

cação, saúde e até infraestrutura. A maior parte dos recursos era investida na sede, que ficava longe para o deslocamento dos cidadãos da época”, considerou.

Ela afirma que o único legado que Pilar deixou para São José dos Ramos - e que perdura até hoje - foram duas escolas construídas: a Escola Municipal Maria Caxias de Lima e a Escola José Francisco da Costa. “Mas os demais prédios públicos já foram construídos a partir de 1997, inclusive a arquitetura da prefeitura já foi eleita como uma das mais bonitas do interior paraibano”, orgulha-se.

São José dos Ramos está localizada na região geográfica imediata de Itabaiana (situada a 10km a norte-oeste), que é a maior cidade nas proximidades. Além disso, tem uma área territorial de 100,642 km² e uma população estimada em 5.998 habitantes, segundo um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2020.

Ele pertence à região da Zona da Mata paraibana e está distante aproximadamente 60km de João Pessoa. São José é vizinho de Itabaiana, Riachão do Poço, Mogei-ro, Pilar, Gurinhém, Caldas Brandão, Salgado de São Félix, São Miguel de Taipu, Sobrado, Juripiranga, Mari, Sapé, Juarez Távora, Ingá, Mulungu, Alagoa Grande e Itatuba. Também faz vizinhança com as cidades pernambucanas de Camutanga, Ferreiros, Itambé e Timbaúba.

Conforme a assessoria de comunicação da Prefeitura, a cidade foi criada em 30 de julho de 1979 ainda como um distrito chamado São José do Pilar, pela Lei Estadual nº4087, anexado ao município de Pilar. Foi elevado à categoria de município, com a denominação de José do Pilar, pela Lei Estadual nº5897, em 29 de abril de 1994, e desmembrado das cidades de Caldas Brandão, Pilar e Gurinhém.

A mesma lei estadual ainda modificou o nome do local

Conquista

Nas escolas, os comandos de gestão ficam por conta das mulheres. Dos 13 cargos mais importantes, sete são ocupados por elas

para São José dos Ramos. Assim, São José de Pilar se transforma em São José dos Ramos através da emancipação política do dia 29 de abril de 1994. “De acordo com a ex prefeita Aparecida Amorim, a cidade vem mudando consideravelmente, pois a sua população vem colaborando para a independência econômica do local. Ela classifica o co-

mércio, a educação e a saúde como as áreas que mais chamam a atenção hoje em dia. “Antes, São José era muito dependente de Itabaiana e Pilar. Hoje, vemos mercados, lanchonetes e percebemos um certo progresso. São José era um distrito de Pilar muito dependente, mas com a emancipação esse vínculo foi quebrado e São José não depende de mais quase nada”, comemora.

Cida Amorim ou “Dra Cida”, como é conhecida entre os sanjoseenses - foi prefeita entre 2009 e 2012 e conta que testemunhou alguns momentos importantes para o município, a exemplo da emancipação política. “Tudo em São José era de Pilar, mas com a emancipação a cidade ficou mais ligada a Itabaiana, em alguns pontos. Hoje, o sanjoseense pode viver em um município independente em questões de comércio, acesso a água potável, energia elétrica e outros serviços”, descreveu.

Além da busca por mais

independência, São José dos Ramos se destaca por ser uma cidade onde muitas mulheres são protagonistas em várias esferas. “Temos as agricultoras, as amazonas que aboiam, as professoras, as que são destaque na política, as empresárias e outras. Com quinze anos de emancipação política São José dos Ramos elegeu a primeira mulher prefeita, a Drª Cida. Em seu mandato, houve grande avanço na saúde e na área social”, declarou a secretária de administração.

Larissa Morais ressaltou ainda que hoje a Câmara de Vereadores possui quatro mulheres eleitas. Nas sete escolas do município o comando da gestão fica por conta das mulheres e dos 13 cargos mais importantes (de confiança da gestão), sete são ocupados por mulheres. “São José dos Ramos está cada vez mais se direcionando a novas políticas, com abertura de determinados espaços para as mulheres escreverem a sua história”.

Terra do aboio e cantador de viola

Conforme o prefeito Matheus Amorim, São José dos Ramos é a terra do aboio e do cantador de viola. O aboio é o canto dos vaqueiros durante a condução do gado pelas pastagens ou em direção ao curral. Já a cantoria de viola é uma arte conhecida no Nordeste em que os poetas disputam entre si através de versos improvisados, ao som da viola. “Nós tínhamos um cantador de viola muito conhecido, que era Manoel Xudú. Essa tradição é algo que já vem de Pilar”, comentou.

O gestor lembra que a ci-

dade faz parte de um conjunto de municípios com processos de emancipação recentes e, dessa forma, São José não desenvolveu tanto quanto gostaria, no segmento cultural. “Por isso, sempre trazemos atividade nova para a cidade, promovendo mais atividades culturais”, completou.

Segundo a secretária de Administração, Cida Amorim, além do aboio, o município também se destaca no artesanato. “Temos ainda o privilégio de ser conhecida como a ‘cidade dos profes-

ses’ no meio acadêmico, por termos um grande número de professores em relação à quantidade de estudantes proporcionalmente ao porte do município”, conta.

O Centro da cidade é o ponto mais visitado, conforme explica Cida, o local onde existe o corredor com as palmeiras imperiais e alguns casarios antigos na rua principal. E a Praça Noé Rodrigues de Lima é o meu amor. É a rua central da cidade onde fica a prefeitura, a Igreja Matriz, a Secretaria de Educação e os Correios”, elencou.

Agricultura é a base da economia local

De acordo com o prefeito, a economia sanjoseense é baseada principalmente na agricultura familiar, através das plantações de mandioca e batata, além da produção de mel. Também movimentam a economia local o comércio varejista, serviços de alimentação e serviços essenciais, como salões de beleza, naildesign (design de unhas) e farmácias.

Cida Amorim comenta que, antes da emancipação,

serviços como energia elétrica, pavimentação de ruas e água potável não existiam. Hoje, são uma realidade. Isso permitiu um rápido crescimento econômico, apesar de manter um forte vínculo com Itabaiana, cidade estratégica daquela região do Estado. “Cerca de 14 municípios ficam em torno de Itabaiana, que é a cidade polo da região. Ela possui um forte comércio, além da vantagem de geograficamente estar em

uma posição central. Inclusive, os acessos rodoviários para Recife, Campina Grande, João Pessoa e Timbaúba passam por esse município”.

Conforme Larissa, as principais metas para o crescimento da cidade hoje incluem incentivar a agricultura familiar com programas voltados aos pequenos produtores rurais, além de estimular a educação das crianças e jovens.

Memória cultural em construção

Para a ex-prefeita, os moradores não carregam mais tantas características da época em que São José era distrito de Pilar e são poucos os espaços que conservam a memória da cidade, a exemplo da Igreja Matriz, com detalhes idênticos aos de sua construção, e os casarios (casas antigas) de arquitetura diferenciada. “As características de antigamente foram perdidas ao longo do tempo e a memória da cidade se apaga a cada dia, tanto na relação dos casarios como das pessoas”, opinou.

Segundo a moradora, a perda da memória cultural é negativa e por isso é necessário guardar as lembranças que fazem parte do marco inicial de São José dos Ramos, visando ter algo para mostrar às gerações futuras. “A arquitetura, por exemplo, é muito diferente da atual: no revestimento das paredes, o tipo de tijolo, a espessura das paredes, o tipo de janela, porta, travas. Usavam travas de ferro para fechar portas e janelas e tudo isso foi se perdendo”, detalhou.

Larissa Morais acrescen-

tou ainda que apesar da rápida urbanização e das arquiteturas da prefeitura e da matriz da Igreja Católica chamarem atenção, o município ainda não possui locais considerados especificamente como pontos turísticos. “O município tem grande potencial em pontos turísticos na zona rural, por ter concentrado territórios tanto da Zona da Mata quanto do Agreste. Quem já visitou o município sabe o quanto é lindo o paisagismo de alguns picos para ver o pôr do sol”, sugere.

Educação permitiu desenvolvimento

Muitos dos jovens do município estão hoje interessados em cursar uma universidade. Antes, a maior parte dos moradores costumava chegar até o nível médio. “Antigamente, quando precisávamos de algum profissional de nível superior, como um médico, dentista, psicólogo ou fonoaudiólogo, tínhamos que chamar de fora da cidade, porque não tinha”.

Nos primeiros anos, após a emancipação, era frequente as pessoas estudarem apenas para serem professores, de nível básico ou médio, e caso estudassem fora, geralmente pegavam uma van com moradores de Itabaiana. Agora, a cidade já conta com várias pessoas de nível superior trabalhando, principalmente nas áreas de saúde e educação.

A ex-prefeita acredita

que a população hoje vem se qualificando cada vez mais, permitindo um maior desenvolvimento. “Os estudantes têm um transporte da prefeitura até a Universidade. O nível de escolaridade vem aumentando: são educadores físicos, assistentes sociais, fonoaudiólogos, nutricionistas e advogados da própria cidade, que podem contribuir para o crescimento local”, adiantou.

Tânia Alves: “Não virei nenhuma santinha”

Com 50 anos de carreira, atriz e cantora carioca fala ao Jornal A União sobre o seu primeiro monólogo e seus papéis marcantes com relação à Paraíba e ao Nordeste

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Em uma pesquisa rápida na internet, é fácil achar a informação que a atriz e cantora Tânia Alves nasceu no Sertão da Paraíba, em Bonito de Santa Fé, e que tem 68 anos. Nada que corresponda à verdade. É que a carioca de 72 anos, nascida em Copacabana, ficou tão associada aos papéis de mulheres nordestinas que até a sua biografia foi confundida com os personagens que acumulou em 50 anos de carreira. Prestes a estrear em seu primeiro monólogo, a artista fala para **A União** sobre suas relações artísticas com o estado, a educação opressora que recebeu e, também, sobre sensualidade, pornochanchada, *Parahyba Mulher Macho*, Elba Ramalho e analisa seu próprio futuro profissional.

“Adoraria ter nascido no interior da Paraíba, tenho muitos amigos aí e a praia de João Pessoa é a mais gostosa do Brasil”, afirma a artista, que se prepara para interpretar uma personagem sem gênero na peça *Criogenia de D. - ou manifesto pelos prazeres*, com previsão de chegar a João Pessoa no segundo semestre deste ano. O texto ainda está sendo adaptado e é baseado no livro homônimo de Leonardo Valente. “O texto é de uma poesia tão sofisticada, tão erudita. Eu fiz faculdade de Letras, amo a Língua Portuguesa e fiquei louca”, fala Tânia, por telefone, sobre a dramaturgia que considera desafiante.

A direção é do cineasta paraibano André da Costa Pinto, que faz sua estreia no teatro. O premiado diretor dos filmes *Tudo que Deus criou* (2015) e *Madame* (2019) realiza um sonho de sua avó, teatróloga e atriz, que sempre quis trabalhar com Tânia Alves e Elba Ramalho. O espetáculo vai exigir muito fisicamente de Tânia, que deve ser a sua própria contrarregista, montando e desmontando os cenários durante as cenas, às vezes cantando, às vezes dançando. Nada que assuste a dona de um spa e praticante de *windsurf*, *ski* na neve e capoeira. “Com 50 anos de carreira, eu consigo me entregar de uma forma que as coisas entram pelo meu DNA”, revela ela sobre o processo de criação de *D.*

Filha de pernambucano com carioca, Tânia veio de uma família disfuncional, com um pai violento que chegou a apontar um revólver para matar a sua mãe. “Não fui criada para ser uma pessoa segura e autoconfiante. É que eu sou louca e corro os riscos. Pago para ver. Quando eu era pequena, quando me perguntavam o que eu queria ser quando eu crescesse, eu dizia: ‘santa’. Não virei nenhuma santinha”. Bem longe disso. Antes de fazer enorme sucesso vivendo a personagem título na minissérie da Rede Globo, *Lampião e Maria Bonita* (1982), o teatro abriu para ela um mundo de sexo, drogas e... forró.

Era década de 1970 e Tânia participava do Grupo Chagança, do pernambucano Luiz Mendonça, que adaptava a literatura de cordel para os musicais. Ela convivia com a marginália urbana carioca, bebia cerveja com Madame Satã e desconstruía completamente a sua educação tradicional. A companhia virou uma casa de acolhida para vários artistas da música que procuravam por oportunidades de trabalho no Rio de Janeiro, como Geraldo Azevedo, Alceu



Tânia Alves se prepara para a produção do cartaz de ‘Criogenia de D.’, peça que tem inspiração no quadro de Ismael Nery

Foto: Arquivo Pessoal

co acima do tom. Outro problema era sua convivência com Cláudio Marzo, no papel de João Dantas.

“Ele não era gentil comigo. Não sei se ele estava em crise existencial. Fiquei preocupada e cheguei a falar com a Tizuka ‘como vou fazer cenas de sexo com alguém que me trata mal?’. E ela me falou para assumir o comando do ato sexual. E as pessoas me perguntavam se eu tinha tido um caso com ele, para você ver como ator não tem vergonha de mentir”, remonta a artista que teve sua sensualidade explorada em muitos papéis que interpretou.

Símbolo sexual que veio na esteira de novos padrões de beleza iniciados por Sônia Braga, Tânia estampou a capa da *Playboy* em dezembro de 1983 e era muito procurada por produtores de filmes com grande apelo erótico. “Teve uma época em que só se fazia sucesso no cinema, Os Trapalhões e a pornochanchada. O cinema nacional tinha que ter nu, se não tivesse não dava bilheteria”, contextualiza a atriz de produções como *Loucuras*, *o bumbum de ouro*, *Cabaret mineiro* e *O olho mágico do amor*. “Adoro este filme. Acho um trabalho superatual: meio Quentin Tarantino, meio *trash*”, classifica a atriz que chegou a se recusar a seguir o roteiro e fazer uma cena de sexo na qual colocava um apetrecho para simular sexo com um homem.

“A sensualidade não humilha e não diminui ninguém. Houve um momento em que me incomodou porque só queriam isso. Achava isso repetitivo e eu nunca gostei de rótulos em virtude do meu jeito livre de ser”, afirma a atriz, que vê hoje uma grande evolução das produções audiovisuais que tratam com muito mais profissionalismo e pudor o corpo das atrizes. Atualmente, Tânia integra o elenco de quatro filmes inéditos (*Senhoritas*, *TPM mon amour*, *Tudo de bom* e *o Aniversário do Sr. Lair*) e de uma série na Netflix (*Olhar indiscreto*). “Estou cada vez mais feliz, mais livre, mais amorosa e mais entregue. Continuo inquieta e amando o belo. Tenho um pacto com o belo no sentido amplo: nos gestos, nas atitudes, pensamentos e sentimentos. A minha carreira é apenas uma expressão do que eu sou”, define Tânia.

“

Estou cada vez mais feliz, mais livre, mais amorosa e mais entregue. Continuo inquieta e amando o belo. Tenho um pacto com o belo no sentido amplo: nos gestos, nas atitudes, pensamentos e sentimentos. A minha carreira é apenas uma expressão do que eu sou

Tânia Alves

Valença, Vital Farias, Pedro Osmar e Cátia de França. “Eu estava no primeiro dia que a Elba chegou ao Rio. Nós ficamos muito amigas e a gente, no palco, era um escândalo. Uma vez o (jornalista) Artur Xexéo falou que Tânia Alves e Elba Ramalho, no palco, era como o Fla-Flu entrando em campo”, lembra ela. O musical permitiu a Tânia conhecer o Brasil profundo e transicionar da cantora lírica para a cantora popular.

Se uma parte criativa da Paraíba ia ao seu encontro no Rio, em 1983 ela foi ao encontro da lendária Anayde

Beiriz no filme *Parahyba Mulher Macho*, de Tizuka Yamasaki. O trabalho no longa-metragem lhe deu reconhecimento internacional com o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Havana, mas trouxe algumas dificuldades devido à sua inexperiência na grande tela. “Fui treinada no teatro musical, que era uma coisa histriônica em uma época em que não se usava microfone. Fiz vários musicais só no gogó, com a voz que precisava atingir a última fileira”, explica ela, para justificar sua interpretação que considera um pou-

Imagem: Reprodução



Cartaz do filme ‘Parahyba Mulher Macho’ (1983), longa dirigido por Tizuka Yamasaki no qual Tânia Alves interpreta a lendária Anayde Beiriz

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Maquiavel, política e moralidade

Don Corleone, com sua sabedoria de chefe da máfia, dizia que a dívida em forma de um favor é mais valiosa do que em dinheiro.

Em geral, ficamos gratos quando somos ajudados em situações de dificuldade, o que tende a gerar uma obrigação moral para com o outro, que pode por sua vez ser paga de diferentes formas.

Até mesmo com a vida. A moralidade é uma das grandes invenções da cultura.

Ela permite que organizemos o mundo social estabelecendo limites para o comportamento, que façamos distinções entre o que consideramos certo e errado, aumentando o controle e a previsibilidade das ações humanas.

Muitas vezes agimos de acordo com determinada regra moral, mesmo que isso signifique ir contra os próprios desejos e consciência.

Uma das características da vida civilizada é o desenvolvimento da capacidade de adiar e planejar a realização daquilo que queremos.

Nesse contexto, damos muita importância às escolhas racionais.

Maquiavel achava que a ação política deveria se pautar mais no cálculo do que na moralidade. A ação política teria como finalidade ser bem-sucedida, alcançar os objetivos almejados.

É por isso que Maquiavel discor- dava da crença de que a obrigação de agir moralmente é absoluta.

A ação política para Maquiavel está baseada em resultado.

Assim, quando o governo Putin decidiu invadir a Ucrânia, ele se guiou por objetivos políticos e econômicos concretos e por uma estratégia que demandou um planejamento acurado e envolveu os melhores estrategistas do estado russo.

A moralidade é colocada em segundo plano ou transformada em um recurso retórico, servido mais como um meio de legitimar a guerra.

As tomadas de decisão política ocorrem dentro de um conjunto de circunstâncias dadas. Dentro de um cenário histórico concreto.

As exigências de resultado se dão, portanto, de acordo com cada contexto no qual as limitações conjunturais podem apresentar saídas limitadas, e, ao mesmo tempo, amargas para a resolução dos problemas ignorando a moralidade.

Maquiavel

A ação política deveria se pautar mais no cálculo do que na moralidade. A ação política teria como finalidade ser bem-sucedida, alcançar os objetivos almejados

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Justiça, ciência e liberdade

As atitudes filosófico-científicas e os valores humanos – nos dias atuais – estão diante do desafio de descobrir uma solução para impedir uma guerra sem sobreviventes. Infelizmente, a humanidade sempre conviveu com batalhas durante muitos séculos, e alguns líderes de Estado alimentam suas patologias na imutabilidade do mau. Eles reconhecem que deve preservar à vida e toda dignidade humana, entretanto, a perversidade constitui o caráter e a forma de agir deles, porque são monstros que se alimentam de ódio e preferem “o prazer da vingança do que a honra do perdão”.

A Revolução Francesa, no ano de 1789, priorizou o direito à liberdade e o desenvolvimento em bens públicos, e constituiu à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Esses dois princípios criaram resistências às opressões como uma “expressão da vontade geral”. Isso influenciou o professor e jurista francês René Samuel Cassin (1887-1976), uma de suas teses afirma: “Não haverá paz sobre este planeta enquanto os direitos humanos forem violados em alguma parte do mundo”. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz no ano de 1968 por seu trabalho na elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. Nesse mesmo ano, foi honrado com um dos prêmios de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU). Presidiu o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos de 1965 a 1968. Promoveu o ensino e o direito pela Europa, África, Médio Oriente e Extremo Oriente, onde presidiu organizações.

No ano de 2002, a ONU apresentou a norma de que “a solidariedade é a base do bem comum”. Isso influenciou os avanços da ciência e o desenvolvimento tecnológico a construírem bens para qualidade de vida – acessíveis a todos – a fim de garantir a dignidade humana e fortalecer o bem-estar social. Esse argumento também pode ser encontrado nas contribuições do filósofo italiano Pietro de Alleori Ubaldi (1886-1972), uma de suas frases afirma: “O progresso só pode verificar-se através dos progressos indivi-

duais somados”. Diante disso, a consciência do indivíduo e os valores humanos deverão priorizar um significado de respeito ao outro em uma sociedade democrática e pacífica, a fim de unir-se à ciência para garantir a defesa dos cidadãos contra à miséria, o ódio e a guerra, de forma a preservar à vida de todos e o bem comum.

Jacob Bronowski (1908-1974) foi matemático e historiador polonês-britânico. No final da Segunda Guerra (1939-1946), fez parte de uma equipe britânica de cientistas, físicos e engenheiros que visitou o Japão para documentar os efeitos dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki com o objetivo de estudar os efeitos da bomba atômica e suas implicações para o futuro; e, também, analisar a natureza da violência. Uma das suas observações, diante do centro destruído de Nagasaki, provocado pela ciência e tecnologia bélica, constatou que a explosão ocorreu sobre a maior população cristã do Japão e matou 40 mil nos primeiros instantes da detonação. Também concluiu que o uso de outras bombas atômicas eliminaria a racionalidade; desorientaria a ciência; anularia a ética e a moral e todos conceitos; destruiria a humanidade e devastaria a natureza. Ele afirmou: “(...) Os homens exigem liberdade, justiça e respeito precisamente à medida em que o espírito científico se espalhava entre eles”. Após suas anotações dos efeitos dos bombardeios, interrompeu seu

trabalho de pesquisa militar britânica e se dedicou à biologia. No ano de 1967, na Universidade de Yale, Bronowski publicou trabalhos com o tema “A contribuição da imaginação e da linguagem simbólica no progresso do conhecimento científico”.

O escritor russo Lev Nikolae- vitch Tolstoi (1828-1910) apresentou duas preocupações que impõem algumas incertezas que impossibilita apresentar qual é a finalidade da ciência moderna, que são estas: “Que devemos fazer e como devemos viver?”. Diante desse desafio, o esforço de humanização do pensamento científico contra a violência deve produzir uma consciência para a preservação à vida. Também, faz-se necessário construir uma linguagem que potencialize o pertencimento, dignifique o espaço social e mantenha uma serenidade para resolver todos conflitos com liberdade, justiça e ciência. O físico e cientista brasileiro José Leite Lopes (1918-2006) sugeriu que se deve priorizar um discurso científico que construa uma linguagem adequada – para a ciência – que seja aplicada às organizações sociais.

Sinta-se convidado à audição do 362º Domingo Sinfônico, deste dia 27, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o violoncelista alemão Benedict Kloeckner (1989).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A foto da capa

Não dá para falar sobre fotografias nestes tempos sombrios, sem esquecer as imagens da guerra na Ucrânia, sem estar a chorar perdido em meio a tantos horrores. Mesmo sendo uma guerra, os fotógrafos estão cobrindo e nos cobrindo de imagens cruéis: tanques, mísseis, bombas e cadáveres.

Eu, que não acredito em quase nada, estou imerso, partido feito um bife. E que Vladimir Putin vá para o inferno.

A foto, título da coluna de hoje, é de outra cena, assinada por Aguinaldo Ramos, 1982, ele do antigo Jornal do Brasil. É uma imagem que impressiona pela capacidade de conseguir o que poucos profissionais conseguem: o clique perfeito, jornalístico, na hora.

A foto da capa do livro que estou lendo *Brizola*, da Editora Record (de autoria de Clóvis Brigagão e Trajano Ribeiro), tem me levado a descobrir coisas bem definidas da personalidade de um político feito Brizola, que tinha bom humor e impressionava com seus discursos. O livro é bem escrito.

A (im)possibilidade do flagrante manifesta-se no traquejo de Aguinaldo Ramos e reitera a sentença de um momento, já que nossa alma ou o rastro dela, fica impregnado nas fotografias, não essas que a gente anda fazendo pelo celular.

A foto de Aguinaldo Ramos, que desde o ano 2000 alterou seu nome para crédito “Guina Araújo Ramos”, pode não ter tido tanta repercussão na época, a década de 1980, mas tão significativa, como imagem em si, porque o pulo de uma fogueira sem necessariamente está pulando a fogueira no sentido figurado de algo ruim, como costumávamos dizer nos sertões do Brasil, mas porque a foto tem vida, numa velocidade, que só Brizola poderia proporcionar, pulando uma fogueira.

Aguinaldo conta que saiu da redação do JB com o repórter J. Paulo, para acompanhar o então candidato a governador do Rio Leonel Brizola, pela Zona Norte da cidade. “No começo da tarde estávamos no Conjunto Amarelinho, em Irajá, junto à Avenida Brasil. As lideranças locais aproveitaram a visita para fazer, além da luta pela reforma do conjunto, uma manifestação pela paz na comunidade, cercada de favelas. Promoveram a queima, em grande fogueira à frente do conjunto, das armas de plástico recolhidas das crianças”.

Esse relato já é a história de uma foto que marca o nosso país, tão castigado nos últimos anos. Queimaram armas de brinquedo? E nem chamou a atenção do mundo?

Pois bem, Brizola sacou a onda de atear o fogo, lembra Aguinaldo, que o fez com a prática de “gaúcho churrasqueiro”. De repente, ele vira-se para o mais destacado cabo eleitoral local e pergunta: “Tens coragem de pular a fogueira, tchê?!... Vai na frente, que eu vou atrás!...”

Os assessores tentaram preservar o chefe. Nada adiantou e Brizola enfrentou as chamas. “Eu me preparei como pude... Busquei uma posição lateral, pus a 24mm (a maior grande angular disponível, das cinco lentes que levava), me agachei, mantive o dedo no obturador. O líder local, com a maior desenvoltura, cumpriu sua parte. Acompanhei de rabo-de-olho, sem apertar, preocupado com Brizola, que podia nem esperar o salto do outro. Ou, refugar...”, diz o Guina Araújo Ramos.

Na fotografia, Brizola traz um sorriso de menino. “Com suas botinas de gaúcho exilado, camisa azul claro de mangas arregaçadas, arregou um pouco a garotada, abriu uma roda, concentrou-se e, sem outras considerações, partiu!”.

Quem sabe faz a hora, não espera acontecer, para não dizer que não falei das flores de Geraldo Vandré.

Kapetadas

- 1 - Entreter é simples. Para quê por rodinha em patins de gelo? Ele já desliza;
- 2 - O preço do gás tá pela hora da morte, vou fazer uma saladinha: 14 reais o quilo de tomate;
- 3 - Som na caixa – “Eu já não aguento mais/ Alguém me tira desse lugar/Vem, vamos agora/ Que esperar não é fazer”, Neusinha Brizola.



Brizola em registro de Guina Ramos para o ‘Jornal do Brasil’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Saga de um garoto irlandês deve conquistar o Oscar

Não é nenhuma novidade que o cinema nasceu historiando a realidade cotidiana, tanto de lugares como de pessoas, seus feitos e acuidades. O uso do que chamo de “pirotecnias visuais” no cinema, seriam efêmeras com os super-heróis, embora já existissem na época inicial da *movie-art*.

Atualmente exacerbada em sua criação, essa pirotecnia visual vem nos saturando naquilo que é supérfluo, até de forma inconsequente. Pelo menos, nas pessoas que têm uma noção da realidade humana como ela ainda é. Isso, em razão das facilidades visuais midiáticas e do diáfano enganoso da telinha.

Bem posta é a análise que nos faz Paulo Emílio Sales Gomes, em seu rico livro *O Cinema do Século*, um calhamaço de mais de seiscentas páginas, que recebi de presente de minha filha Patrícia Araújo, havia algum tempo atrás. Paulo Emílio fala da esperteza dos pioneiros do cinema, como os Méliès, por exemplo, que se interessaram profissionalmente por registros cinéticos da vida como ela é de fato. Filmes, *Chegada do trem na estação de Paris*, também, *Saída dos operários da fábrica* retratam um típico cinema documental sobre o cotidiano das pessoas, seus ambientes e fazeres.

Em razão dessa originalidade óbvia do cinema, gostaria de admitir como minha, também, afirmação de um influente poeta francês do início do século passado, Guillaume Apollinaire, que disse sobre o cinema de Méliès: *Il et moi faisons à peu près le même métier, on essaie de charmer le vulgaire*. Que



Foto: Divulgação

Garoto Jude Hill interpreta Buddy em 'Belfast', drama que tem sete indicações ao Oscar

em bom português significa: “Ele e eu fazemos praticamente o mesmo trabalho, tentamos encantar o vulgar.” Aqui, um conceito de “vulgar”, evidentemente, voltado para aquilo que é corriqueiro, trivial, na vida normal das pessoas; um misto de “encantamento” através de um écran imagético, que só o cinema nos oferecia anteriormente. Daí, as origens do filme documentário, depois, das narrativas em forma de folhetim (ficção).

E é nesse universo trivial do cinema, lógico, que mergulho em *Belfast*. Já se viu narrativa mais “artesanal” que a desse longa do diretor norte-irlandês Kenneth Branagh, que também escreveu o roteiro?

Mesmo com várias indicações ao Oscar, que se realiza neste domingo em Los Angeles, Califórnia, EUA, *Belfast* não é um tipo de filme para encantar os sonhos hollywoodianos. Para alguns, “um drama-lhão”, o que não concordo, é filme que reverencia a essência do cinema, naquilo que lhe é mais simbó-

lico: a existência comum das pessoas, épocas e fatos. Que o diga a própria técnica visual adotada: um preto & branco fascinante, que diz tudo sobre aquilo que foram os conflitos e destruições entre católicos e protestantes, na Irlanda do Norte, em 30 anos, das décadas de 1960 até 1990.

Na realidade, contando com um bom elenco encabeçado pelo pequeno Jude Hill, que vive o papel de Buddy, cujos pais são os atores Jamie Dornan (*Cinquenta Tons de Cinza*) e Caitriona Blafe, do seriado *Outlander*, o filme se passa todo pela visão do garoto. Como se fosse um traço semiautobiográfico do próprio diretor Kenneth Branagh.

Mesmo não estando no *streaming* (Amazon, Netflix, Now, Flix e demais), mas já em cartaz num dos cinemas de shopping da cidade, assisti (*at home*) à *Belfast*, graças ao meu filho Alexandre MCS, *expert* em assuntos midiáticos. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br.



APC debate ‘PB na Literatura III’

Integrantes da Academia Paraibana de Cinema, reunidos na manhã de ontem (sábado), no Cine Mirabeau, discutiram sobre a publicação da Editora A União, *Paraíba na Literatura III*. O encontro sobre a importante obra foi composto pelo acadêmico da APC Mirabeau Dias, Cadeira 12, que tem como patrono o jornalista Assis Chateaubriand.

Um dos temas mais assinalados na ocasião, incluído na obra com o título *O Poeta Esquecido*, foi sobre o vate paraibano de Lucena, Américo Augusto de Souza Falcão, ainda, sobre o audiovisual que narra a história de vida do poeta, realizado em 2015, também pelo acadêmico da APC, Alex Santos.

Em cartaz

ESTREIA

AMBULÂNCIA - UM DIA DE CRIME (*Ambulance*). EUA. Dir: Michael Bay. Ação. 14 anos). O veterano condecorado Will Sharp (Yahya Abdul-Mateen II), desesperado para pagar as contas de hospital da sua mulher (Eiza Gonzalez), pede ajuda à única pessoa a quem não devia pedir – o seu irmão adotivo, Danny (Jake Gyllenhaal). Criminoso profissional, Danny faz-lhe uma contraproposta: o maior assalto a um banco de LA: 32 milhões de dólares. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h45 (dub.) - 17h45 (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub., sessões exceto na seg. e ter.): 15h30 - 18h30 - 21h20; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h20 - 17h55 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h20 - 17h55 - 20h30.

EPA! CADÊ NOÉ? 2 (Ooops! The Adventure Continues...) EUA. Dir: Sean McCormack e Toby Genkel. Animação. Livre). A arca de Noé segue em mar aberto com Finny, sua melhor amiga Leah e muitos animais a bordo. Depois de muitas trapalhadas, semanas à deriva, a paz acaba quando um acidente leva os animais menores ao mar, com o último lote de comida. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h30 (sáb. e dom.).

ME TIRA DA MIRA (Brasil. Dir: Hsu Chien. Comédia. 12 anos). Roberta (Cleo Pires) é uma funcionária da Polícia Civil do Rio de Janeiro que se infiltra em uma clínica de realinhamento energético para investigar a misteriosa morte da atriz Antuérpia Fox (Vera Fischer). Ao decorrer da investigação, Roberta precisará lidar com os dramas da atriz Natasha Ferrero (Júlia Rabello), que está sendo “cancelada” na internet, e com o reencontro de seu grande amor do passado, o policial federal Rodrigo (Sérgio Guizé), o qual está investigando uma suspeita de tráfico internacional envolvendo a mesma clínica. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h15 - 16h45 - 19h - 21h10; CINÉPOLIS

MANGABEIRA 2 (dub., sessões exceto na seg.): 14h15 - 16h45 - 19h15 - 21h45.

CONTINUAÇÃO

BATMAN (*The Batman*). EUA. Dir: Matt Reeves. Aventura. 14 anos). Dois anos vigiando as ruas como o Batman (Robert Pattinson), causando medo nos corações dos criminosos, acabou levando Bruce Wayne às sombras da cidade de Gotham. Quando um assassino tem como alvo a elite de Gotham, apresentando uma série de maquinações sádicas, uma tilha de pistas enigmáticas coloca o Maior Detetive do Mundo em uma investigação sobre o submundo, onde ele encontra personagens como Selina Kyle, também conhecida como Mulher-Gato (Zoë Kravitz), Oswald Cobblepot, o Pinguim (Colin Farrell) e o Charada (Paul Dano). CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 18h15 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 13h45 - 17h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg.): 14h - 17h30 - 21h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h30 - 18h (exceto qui.) - 21h (exceto qui.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h30 - 18h - 21h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h - 17h30 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h40 - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h40 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h40 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h40 - 19h.

BELFAST (Reino Unido. Dir: Kenneth Branagh. Drama. 14 anos). Uma família protestante da Irlanda do Norte da classe trabalhadora da perspectiva de seu filho de 9 anos durante os tumultuosos anos de 1960. O jovem Buddy (Jude Hill) percorre a paisagem das lutas da classe trabalhadora, em meio de mudanças culturais e violência extrema. Buddy sonha em um futuro melhor. Sete indicações ao Oscar. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 21h15.

OS CARAS MALVADOS (*The Bad Guys*) Reino Unido. Dir: Pierre Perifel. Animação. Livre). Baseado nos quadrinhos de Aaron Blabey, um grupo de animais ladrões e suas travessuras: Sr. Lobo, Srta. Tarântula, Sr. Tubarão, Sr. Piranha e Sr. Cobra sempre foram vistos como maus. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h20 - 17h40 - 19h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 15h50 - 16h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h45 - 16h - 18h15 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h30 - 17h30 - 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 17h30 - 19h30.

O RITUAL: PRESENÇA MALIGNA (*The Bannishing*). Reino Unido. Dir: Christopher Smith. Terror. 14 anos). Durante a década de 1930, na Inglaterra, um reverendo se muda com a esposa e a filha para uma mansão misteriosa. Aos poucos, eles começam a presenciar eventos bizarros, apenas para descobrir que a propriedade se trata da casa mais mal-assombrada de todo o Reino Unido. Agora eles precisam descobrir o segredo terrível que mantém o mal dentro de seu lar. CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 21h (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 21h (sáb. e dom.).

UNCHARTED: FORA DO MAPA (*Uncharted: Drake's Fortune*). EUA. Dir: Ruben Fleischer. Aventura. 12 anos). Baseado em uma das séries de videogame, mostra a primeira aventura de caça ao tesouro do jovem Nathan Drake (Tom Holland) com seu parceiro Victor “Sully” Sullivan (Mark Wahlberg). CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 18h45 (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h45 (sáb. e dom.).

VALE NIGH (Brasil. Dir: Luis Pinheiro. Comédia. 16 anos). Um grupo de amigos da periferia do Brasil vivencia o amor e os desencontros da juventude. CINE SERCLA PARTAGE 5: 16h45 (sáb. e dom.).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Livros e ideias

Recolho, para minha reflexão e para meu comentário, três ideias do professor Leo Barbosa, extraídas de seu artigo *Livros & livros*, publicado em **A União** do dia 11 de março do corrente ano. Desde já reconheço o pertinente poder de sugestão que elas encerram, como também a possibilidade que abrem para que possamos meditar acerca do prazer e da felicidade que os livros proporcionam àqueles que os amam.

A primeira ideia encontro neste período: “Entendo que, mesmo as leituras que não me marcaram tanto, têm sua importância”.

Não tenho dúvidas, meu caro mestre. E não somente porque com elas se aprende “a como não escrever e no que não pensar”, segundo suas próprias palavras, mas, sobretudo, quero crer, por razões outras, talvez mais profundas e menos visíveis. Sou dos que pensam que não ler também é uma forma de leitura, leitura heterodoxa e enviesada, leitura avessa e oblíqua, pelo que revela de indiferença, preguiça ou preconceito. Porém, sempre leitura, e como toda leitura, tendo a probabilidade de contribuir com alguma coisa essencial para a formação intelectual e humanística do leitor. Alguém já disse que, por pior que seja um livro, alguma coisa de valor ele contém. Já em outra clave, assegura o poeta: “De tudo fica um pouco”.

Pode-se, por exemplo, traçar o perfil de um leitor, enumerando as obras que ele não leu e que não lhe “marcaram tanto”, quer porque não gostou, quer porque as considera fracas, ruins e inúteis (existem mesmo coisas inúteis?). Falo deste insólito e delicioso prazer numa de minhas crônicas da coletânea *Os livros: a única viagem* (João Pessoa: Ideia, 2017).

A segunda, vejo nessa outra oração cheia de sabedoria: “Afinal, antes de se aventurar a escrever, um escritor deve ser sobretudo um leitor”.

Perfeito. Um leitor de palavras, um leitor de imagens, um leitor de “situações, cenários e pessoas”. Enfim, um leitor do mundo e de suas múltiplas ofertas. Paulo Freire nos ensina: Antes da leitura da palavra vem a leitura do mundo. E o mundo, alguns o entendem como um complexo e infinito livro, de leitura e exegese inesgotável.

Na verdade, o que é um escritor senão um leitor da vida, antes mesmo que a vida se transfigure em linguagem. Um leitor especial cuja sensibilidade, cuja memória, cuja imaginação, fundidas no delicado cimento da palavra, são capazes de devassar a aparência das coisas e das sensações, descortinando a sua invisível medula, aquilo mesmo que o olhar comum não alcança nem a lógica científica consegue revelar.

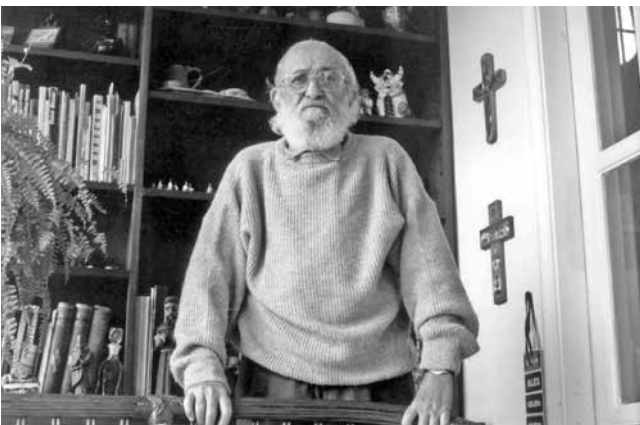
Com a terceira e última ideia, deparo-me nestas palavras: “Ainda que seja uma revisita, é importante frisar que não se lê duas vezes o mesmo livro. A obra, embora seja a mesma, o leitor já não o é – parafraseando Heráclito”.

Correto, Corretíssimo! Também por isto, penso, releituras são mais viscerais que a leitura primeira, embora não devamos esquecer que certas primeiras leituras têm o insubstituível sabor do primeiro contato com o desconhecido, com a verdade e com a beleza.

Quando alguém me diz, por exemplo, que está lendo, pela primeira vez, *A divina comédia*, de Dante, ou um romance como *Crime e castigo*, de Dostoiévski, ou os contos de Tchekov, ou a poesia de Fernando Pessoa, fico morrendo de inveja e, ao mesmo tempo, imaginando o fascínio e o arrebatamento que o envolvem nessa aventura extraordinária.

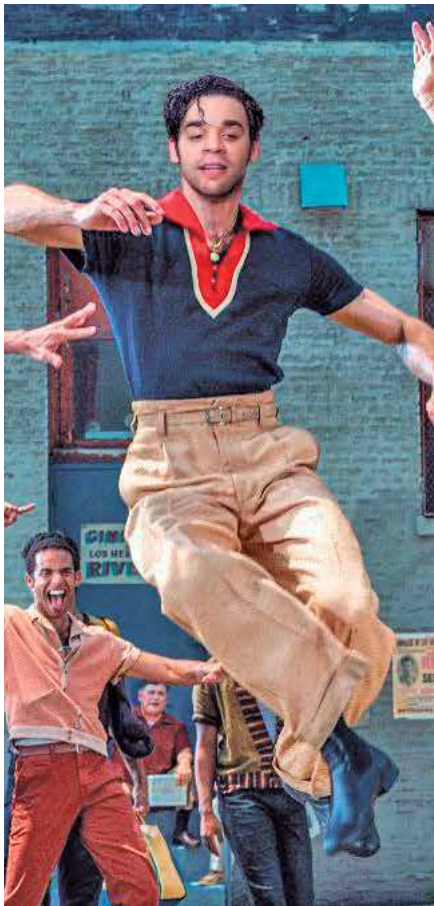
Mesmo que a releitura de tais obras seja indispensável durante a vida inteira, uma vez que elas crescem e se adensam na medida em que vamos amadurecendo como leitor, nunca podemos olvidar o espanto e o êxtase da primeira leitura. É lá onde tudo começa, nas abóbadas iluminadas da primeira manhã.

Foto: Clóvis Cranchi/Estadão Conteúdo



Paulo Freire: Antes da leitura da palavra vem a leitura do mundo

Colunista colaborador



Na disputa na categoria principal de Melhor Filme (da esq. para dir.): a ficção científica ‘Duna’, o drama ‘Ataque dos Cães’, o musical ‘Amor, Sublime Amor’, e os com toques biográficos ‘Belfast’ e ‘King Richard’

OSCAR 2022

Será esta a vez do ‘streaming’?

Hoje, Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood vai anunciar os vencedores do ano

Renato Félix
Especial para A União

A Netflix tentou com *Roma* em 2019, com *O Irlandês* em 2020, com *Mank* em 2021. Mas não conseguiu levar o primeiro Oscar de Melhor Filme para uma produção lançada em uma plataforma de *streaming*. Será que agora vai? Seu *Ataque dos Cães*, filme em que Jane Campion faz observações sobre questões da masculinidade num ambiente próximo ao Velho Oeste americano, é o maior indicado e o favorito do ano para a cerimônia que será transmitida hoje, a partir das 21h, no canal TNT e pela plataforma Globoplay.

As plataformas digitais acabaram se tornando, nos últimos anos, um refúgio para projetos um pouco mais ousados e que estão tendo dificuldade de serem financiados pelos estúdios de cinema – cada vez mais de olho nos *blockbusters* de retorno financeiro garantido. E na pandemia, com as salas fechadas ao longo de 2021, o *streaming* também se tornou o caminho natural para o espectador em busca de novidades.

Só nas últimas semanas parece ter surgido outro indicado com chances de roubar a glória de *Ataque dos Cães*. E é outro lançamento do *streaming*: o simpático (e não muito mais do que isso) *Coda - No Ritmo do Coração* – uma terna história sobre uma família surda e a única filha ouvinte, que deseja seguir carreira na música – ganhou

prêmios importantes e se credenciou para a disputa aos 40 do segundo tempo.

A maioria das categorias parece ter favoritos claros: Campion, Will Smith, Troy Kotsur, Ariana DeBose, *Duna* nas categorias técnicas... O maior equilíbrio parece estar entre as melhores atrizes: uma seleção acima da média, na qual três ou quatro já foram apontadas como merecedoras do prêmio do ano.

PRINCIPAIS INDICADOS:

Melhor Filme

Amor, Sublime Amor; *Ataque dos Cães*; *O Beco do Pesadelo*; *Belfast*; *Drive My Car*; *Duna*; *King Richard: Criando Campeãs*; *Licorice Pizza*; *Não Olhe para Cima*; *Coda - No Ritmo do Coração*

Parece que desta vez vai: o *streaming* deve ganhar seu primeiro Oscar de Melhor Filme. *Ataque dos Cães* vem aparecendo com mais chances há um bom tempo, enquanto *Belfast* foi diminuindo a presença na temporada de prêmios. Surpreendentemente, *Coda - No Ritmo do Coração* ganhou os principais prêmios nos sindicatos de atores, produtores e roteiristas e surge como uma inesperada força na reta final.

Melhor Direção

Steven Spielberg (*Amor, Sublime Amor*); Jane Campion (*Ataque dos Cães*); Kenneth Branagh (*Belfast*); Ryusuke Hamaguchi (*Drive*

My Car); Paul Thomas Anderson (*Licorice Pizza*)

Tudo indica que Jane Campion vai se tornar a terceira mulher a ser premiada na categoria, por um trabalho sensível que revisita mitos do cinema americano e discute a masculinidade. Mas Paul Thomas Anderson, com poucas chances, parece sempre ser subestimado pela Academia.

Melhor Ator

Javier Bardem (*Apresentando os Ricardos*); Benedict Cumberbatch (*Ataque dos Cães*); Will Smith (*King Richard: Criando Campeãs*); Andrew Garfield (*Tick, Tick... Boom!*); Denzel Washington (*A Tragédia de Macbeth*)

Antes da temporada de prêmios, acreditava-se que Benedict Cumberbatch seria o favorito, mas Will Smith vem ganhando todos os prêmios importantes do ano – só falta o Oscar.

Melhor Atriz

Nicole Kidman (*Apresentando os Ricardos*); Olivia Colman (*A Filha Perdida*); Penélope Cruz (*Mães Paralelas*); Jessica Chastain (*Os Olhos de Tammy Faye*); Kristen Stewart (*Spencer*)

A categoria mais interessante do ano. Nenhuma das atrizes concorre por um indicado a melhor filme. Há um grande equilíbrio desde o começo da temporada. Houve quem apostasse na consagração de Kristen Stewart, ou em Nicole Kidman interpretando o ícone da co-

média Lucille Ball, mas que vem aparecendo forte é Jessica Chastain como uma caricata evangelista de TV que existiu mesmo.

Melhor Ator Coadjuvante

J.K. Simmons (*Apresentando os Ricardos*); Jesse Plemons (*Ataque dos Cães*); Kodi Smit-McPhee (*Ataque dos Cães*); Ciarán Hinds (*Belfast*); Troy Kotsur (*Coda - No Ritmo do Coração*)

Troy Kotsur é o grande favorito e deve se tornar o segundo ator surdo a ser premiado pelo Oscar (a primeira foi sua colega de elenco Marlee Matlin nos anos 1980).

Melhor Atriz Coadjuvante

Ariana DeBose (*Amor, Sublime Amor*); Kirsten Dunst (*Ataque dos Cães*); Judi Dench (*Belfast*); Jessie Buckley (*A Filha Perdida*); Aunjanue Ellis (*King Richard: Criando Campeãs*)

Outra categoria com uma favorita evidente: Ariana DeBose, que deve fazer da personagem Anita uma das três a vencer o Oscar duas vezes com dois intérpretes diferentes (os outros são Vito Corleone e o Coringa). Rita Moreno ganhou o mesmo prêmio com o papel em 1962.

Melhor Filme de Animação

Encanto; *A Família Mitchell e a Revolta das Máquinas*; *Flug*; *Luca*; *Raya e o Último Dragão*

No conjunto, *Flug* (ou *Flee*, o título em inglês) se destaca dos demais por ser o único não infantil:

é um documentário dinamarquês sobre um homem que revisita seu passado no Afeganistão. Mas o prêmio deve mesmo ficar entre os sucessos da Disney, *Encanto* e *Luca*, com alguma vantagem para o primeiro.

Filme de Língua Não Inglesa

Drive My Car; *A Felicidade das Pequenas Coisas*; *Flug*; *A Mão de Deus*; *A Pior Pessoa do Mundo*

Na categoria que a Academia agora chama de “Filme Internacional”, três dos indicados romperam o gueto e também concorrem em outras categorias. Um pequeno indicativo do processo de internacionalização dos membros em anos recentes. O japonês *Drive My Car* é o único indicado também a Melhor Filme e Melhor Direção – assim, pela lógica, é o grande favorito aqui.

O restante da lista poderá ser acessada no site oficial do Oscar (www.oscars.org).



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Oscar



Também na disputa de Melhor Filme (da esq. para dir.): o semibiográfico ‘Licorice Pizza’, o nipônico ‘Drive My Car’, o suspense ‘O Beco do Pesadelo’, o drama ‘Coda - No Ritmo do Coração’ e a comédia ‘Não Olhe Para Cima’

URNAS ELETRÔNICAS

Segurança e agilidade para a votação

Equipamento enfrenta desconfiança de políticos e “fake news”, mas foi confirmada pelo Congresso para as eleições

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O sistema de votação eletrônico brasileiro tem sofrido diversos ataques, com desinformação e fake news e gerado dúvidas na população, que fazem o seguinte questionamento: é possível confiar nas Urnas Eletrônicas?

Há mais de 20 anos o Brasil conhece um único sistema de votação: o eletrônico. A votação rápida, ágil, que facilita as filas e diminui a espera para o resultado final, começou a ser questionada em diversas esferas. Enquanto o próprio presidente da República, eleito com esse sistema, questiona a segurança das urnas eletrônicas, a população fica insegura: é possível confiar?

A discussão pela segurança virou política e chegou até o Congresso Nacional, com a votação para o retorno das cédulas de papel. No entanto, não foi para frente. Em agosto do



Foto: Antonio Augusto/Ascom/TSE

A urna eletrônica possibilita ao eleitor rapidez na votação e celeridade na consolidação dos resultados com apuração rápida

ano passado a Câmara dos Deputados rejeitou a proposta de autoria da deputada Bia Kicis (PSL-DF), que determinava a impressão de cédulas físicas

conferíveis pelo eleitor independentemente do meio empregado para o registro dos votos em eleições, plebiscitos e referendos.

Foram 229 votos fa-

voráveis, 218 contrários e 1 abstenção. Como não atingiu o mínimo de 308 votos favoráveis, o texto foi arquivado. No entanto, a discussão permane-

ce, principalmente com a chegada das eleições deste ano.

Segundo o secretário de Tecnologia do Tribunal Regional Eleitoral da

Origem

Desde a implantação das urnas, ocorreram discussões sobre a sua eficácia

Paraíba (TRE-PB), José Cassimiro, desde o início da implantação das Urnas Eletrônicas no Brasil, ocorreram discussões sobre a sua eficácia. No entanto, as recomendações eram técnicas, com o fim de melhorar o sistema. Ele avalia que os debates mudaram de rumo. “Virou uma discussão política. Antes haviam sugestões técnicas de como melhorar a urna eletrônica, hoje saiu do campo da razão e foi para o da paixão, as acusações são de interesse político”, comentou.

Proteção em camadas

José Cassimiro explicou que a urna dispõe de vários requisitos de segurança, com mais de 30 camadas de proteção. “Eu comparo a urna eletrônica com uma cebola, cheia de camadas. Essas camadas são coisas que a gente coloca para dificultar ou até tornar inviável qualquer tipo de tentativa de fraude”.

A urna tem barreiras para proteção interna, caso servidores da própria Justiça Eleitoral tenham alguma intenção de fazer algo e barreiras externas. O secretário de Tecnologia ressaltou que é impossível que a urna seja invadida por algum hacker, já que ela não é conectada a nenhuma rede de internet.

“As pessoas até não entendem quando a gente fala que um hacker não pode invadir a urna, e elas me perguntam: ‘mas as pessoas invadem Nasa, FBI, não invadem a urna?’ E eu sempre digo, você não tem como invadir algo que não está conectado na internet. São estações que a gente chama de stand alone, isoladas, que a gente coloca os dados nela a partir de mídias especiais, e uma cerimônia oficial.”

Um dos procedimentos de segurança que pode ser acompanhado pelo eleitor é a Cerimônia de Votação Paralela. Na véspera da eleição, em audiência pública, são sorteadas urnas para verificação. Essas urnas, que já estavam instaladas nos locais de votação, são conduzidas ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e substituídas por outras, preparadas com o mesmo procedimento das originais.

No dia das eleições, também em cerimônia pública, as urnas sorteadas são submetidas à votação nas mesmas condições em que ocorreria na seção eleitoral, mas com o registro, em paralelo, dos votos depositados na urna eletrônica. Cada voto é registrado numa cédula de papel e, em seguida, replicado na urna eletrônica, tudo isso registrado em vídeo. Ao final do dia, no mesmo horário em que se encerra a votação, é feita

a apuração das cédulas de papel e comparado o resultado com o boletim de urna.

“Se você tem um bule de café na sua casa, em cima do fogão, aquele bule jamais será invadido, porque ele não tem ligação nenhuma com a internet. Mas se você tem uma cafeteira hightec, ligada no seu roteador, essa cafeteira pode ser invadida. Então a urna você entenda como o seu bule, que não tem ligação nenhuma com a internet”, exemplificou José Cassimiro.

Segundo o secretário ressaltou, o trabalho da Justiça Eleitoral junto às urnas é justamente para evitar fraudes, como as que ocorriam com as cédulas de papel, devido a facilidade de burlar o sistema. “A urna nasceu em 1996. Desde então a gente vem sempre aprimorando. O formato externo é o mesmo, a gente mudou só agora em 2020, mas o interior muda.

A gente tem uma tecnologia para garantir a segurança do seu voto que é a mesma que o banco usa para garantir a segurança do seu dinheiro. A missão da Justiça Eleitoral como defensora da democracia, é garantir isso para todos os eleitores”.

Para a aposentada Maria Auxiliadora Batista Rolim, de 64 anos, a votação com cédulas de papel não deveria voltar. Ela conta das grandes filas que enfrentava e da insegurança que tinha se o seu voto seria computado da maneira correta. “Com o aparecimento da urna acabou aquela insegurança que as pessoas tinham a respeito dos políticos que poderiam alterar o resultado da eleição. Eles poderiam ter aliados que se passavam por fiscais e durante a contagem alteravam o resultado”, comentou.

Além disso, Maria Auxiliadora conta das grandes filas que enfrentava e a demora para o resultado. “A gente pegava uma fila enorme. Eu prefiro a urna eletrônica porque não existe a manipulação de pessoas no processo”, disse.



Ilustrações: Freepik

Como ocorre a preparação das urnas?

Após a cerimônia de assinatura digital e lacração dos sistemas, os softwares são liberados para todos os Tribunais Regionais Eleitorais com a finalidade de distribuição, instalação e importação dos dados eleitorais. Depois disso, em cerimônia pública, as mídias que preparam as urnas para eleição são geradas em Tribunais Regionais ou zonas eleitorais.

A urna trabalha com dois tipos de mídia: uma em formato de cartão de memória, também conhecido como flash card, e outra em formato exclusivo

da Justiça Eleitoral conhecida como memória de resultado, uma espécie de pen drive.

A primeira etapa de preparação de urnas de seção, de justificativa e de contingência se completa após a instalação de sistema operacional, programas, bibliotecas e dados eleitorais. A segunda e última etapa é concluída com a realização de vários testes para comprovar o correto funcionamento da urna.

Os cartões de memória de carga, conhecidos como flash de carga, são usados na primeira parte da preparação da urna para eleição. Na última parte, a urna usa conjuntamente os cartões de memória de votação, conhecidas com flash de votação, e as memórias de resultado.

Após a preparação das urnas, os compartimentos delas são lacrados fisicamente com lacres especiais produzidos pela Casa da Moeda, cujas propriedades químicas impedem qualquer tentativa de violação: ao ser retirado, aparece imediatamente a inscrição de que foi violado. Todas as portas de acesso físico à urna são lacradas.

Depois desse momento, as urnas são armazenadas em local designado pelo TRE para, às vésperas da eleição, serem transportadas para os locais de votação. Qualquer tentativa de uso antes disso será em vão, pois a urna possui sistemas que só permitem que seja utilizada no momento programado para a votação.



Se você tem um bule de café na sua casa, em cima do fogão, aquele bule jamais será invadido, porque ele não tem ligação nenhuma com a internet

José Cassimiro

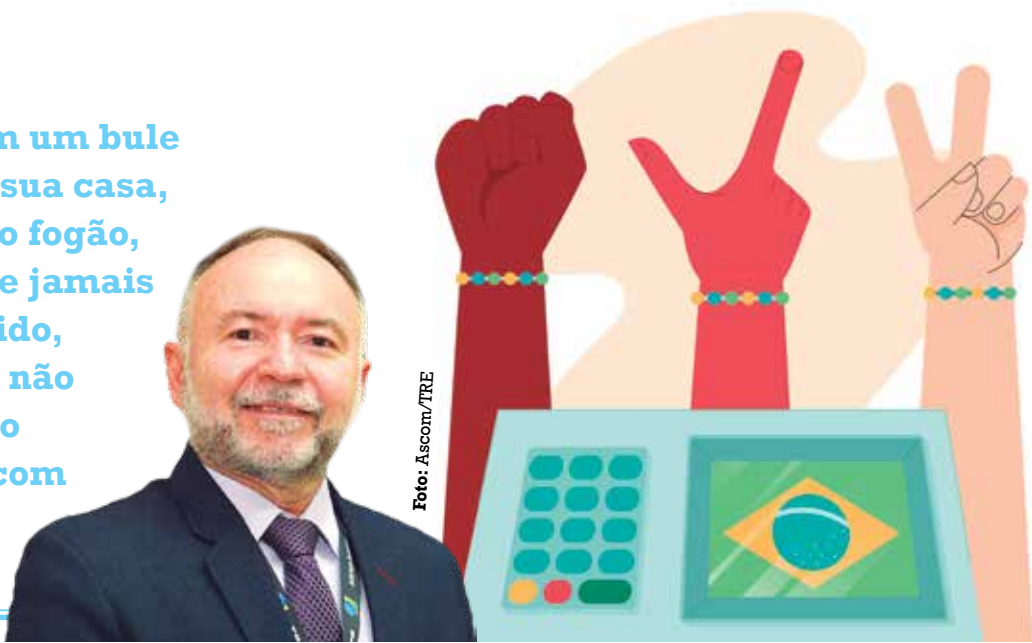


Foto: Ascom/TRE

ELEIÇÕES 2022

Políticos condenados na Lava Jato voltam às ruas

Após sentenças anuladas, alvos investigados por corrupção vão disputar cargos

Luiz Vassalo
Agência Estado

Após uma onda de anulações de sentenças e provas da Lava Jato, e novos entendimentos sobre o alcance da operação, políticos que foram alvo de investigações por corrupção enxergam sinal verde para se reposicionar no cenário eleitoral. Em outubro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que chegou a ser condenado em terceira instância, não será o único a ter seu nome de volta às urnas. Movimentações partidárias podem reabilitar outros alvos recentes, como o ex-governador Beto Richa (PSDB-PR), o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves (MDB-RN), e o ex-senador Gim Argello (sem partido). Todos chegaram a ser presos.

Até quem ainda cumpre pena ou está oficialmente inelegível se mantém no jogo político articulando candidaturas de aliados. É o caso, por exemplo, de Sérgio Cabral (sem partido) e Eduardo Cunha (PROS). O ex-governador do Rio e o ex-presidente da Câmara negociam legenda para seus filhos - Marco Antonio Cabral e Danielle Cunha, respectivamente - tentarem uma vaga na Câmara dos Deputados.

As movimentações são resultado direto de decisões do Supremo Tribunal Federal (STF), como a que passou a não permitir prisão após condenação em segunda instância e, principalmente, a que anulou sentenças da Lava Jato por considerar que a vara federal de Curitiba não era



Ex-presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves tenta voltar ao cenário

competente para julgar parte dos casos levantados pela operação.

Além de Lula, outros políticos pretendem retornar à vida pública após anulação de condenações. Henrique Eduardo Alves é um dos casos mais simbólicos. Condenado a 8 anos e 8 meses de prisão por lavagem de dinheiro na Operação Sepsis, que mirou esquemas de corrupção na Caixa Econômica Federal, ele ficou 328 dias preso entre 2017 e 2018. Está livre desde que o Tribunal Regional Federal da 1ª Região anulou a condenação por entender que a competência era da Justiça Eleitoral, e não da Justiça Federal em Brasília, que julgou o emedebista.

Liberado para as urnas, Alves tem sido assediado por lideranças de PSB, Avante e Cidadania, que tentam convencê-lo a deixar o MDB e integrar seus quadros.

Provável vice de Lula, o ex-governador Geraldo Alck-

min (PSB) ainda responde a uma ação na Justiça Eleitoral por suposto recebimento de R\$ 11 milhões em caixa dois da Odebrecht. Na última semana, a Justiça Eleitoral mandou arquivar, por falta de provas, outro caso que citava o ex-governador, uma investigação com base na delação de um executivo da Ecovias que relatou recebimento de R\$ 3 milhões nas campanhas de 2010 e 2014.

No Paraná, quem tem se movimentado por uma candidatura a deputado federal é o ex-governador Beto Richa, que chegou a ser preso duas vezes em investigações sobre corrupção quando estava no cargo. Os processos somam R\$ 42,5 milhões em supostas propinas relacionadas a contratos de concessões de rodovias. Reviravoltas nos casos, que não foram julgados, entretanto, podem favorecer o tucano. Em fevereiro, por exemplo, o minis-

tro Gilmar Mendes, do STF, mandou a investigação para a vara eleitoral por considerar que há suspeita de caixa dois.

Presidente do PSDB no Estado, Richa admite que, em razão do peso de ser alvo da Lava Jato, uma vaga na Câmara é “mais fácil” de conquistar do que o governo ou o Senado. “Isso eu não posso deixar de reconhecer”, disse.

Aliados

Até quem ainda cumpre pena ou está oficialmente inelegível se mantém no jogo político articulando candidaturas de aliados

Investigados buscam a redenção política

Após denúncias por corrupção e lavagem na Lava Jato, o ex-senador Romero Jucá (MDB) não conseguiu se eleger em 2018 e abriu uma empresa de lobby em Brasília. Nos últimos anos, no entanto, nenhuma ação contra o emedebista andou. Uma delas, por corrupção envolvendo empreiteiras, foi retirada da Justiça Federal do Paraná e enviada à Justiça Eleitoral. Outra, para Brasília. No STF, um processo foi rejeitado. As decisões viraram argumento para Jucá tentar voltar ao Senado.

Na Bahia, os irmãos Geddel e Lúcio Vieira Lima, ambos do MDB, foram condenados por lavagem de dinheiro na ação relativa aos R\$ 51 milhões em espécie encontrados em um apartamento em Salvador. Lúcio não chegou a ser preso, mas não se reeleger para a Câmara em 2018. Neste ano, porém, após a anulação de parte da sentença pelo Supremo, tem

conversado com outros partidos sobre a eleição estadual, na qualidade de presidente de honra do MDB baiano. Ao Estadão, no entanto, disse que não pretende concorrer “nem a síndico de condomínio”.

O ex-senador Gim Argello (sem partido) chegou a ser condenado a 19 anos de prisão por obstrução à Justiça, corrupção e lavagem de dinheiro, mas a sentença foi anulada em fevereiro. Nas últimas semanas, Argello procurou representantes do União Brasil para buscar a filiação e uma eventual candidatura ao Senado, mas caciques do partido têm resistido a seu nome para a disputa no Distrito Federal, como quer o ex-senador.

Defesas citam vícios processuais e ‘espetacularização’ das ações. Assim como reafirma a defesa de Luiz Inácio Lula da Silva, advogados de outros políticos investigados pela Lava Jato citam anulações

recentes de condenações e provas da operação para ressaltar a inocência de seus clientes.

Responsável pela defesa de Henrique Eduardo Alves, Marcelo Leal disse que não busca nulidades, mas a comprovação da inocência do ex-deputado. “Ao longo de cinco anos de processos foram ouvidas mais de 200 testemunhas e nenhuma afirmou que Henrique jamais tivesse recebido propina”.

O advogado Cristiano Zanin, que defende Lula, afirmou que desde 2016 tem apresentado à Justiça graves vícios processuais que estavam sendo cometidos contra o ex-presidente. “Construímos um sólido alicerce jurídico que permitiu ao Supremo Tribunal Federal analisar nossos fundamentos e reconhecer que Sérgio Moro foi parcial em relação a Lula e, ainda, que ele jamais poderia ter aberto investigações e processos con-

tra o ex-presidente em Curitiba”, disse. Zanin ressaltou que Lula foi absolvido em processos fora da Lava Jato.

Para o advogado de Romero Jucá, o criminalista Antonio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, a Lava Jato e a Procuradoria-Geral da República tentaram “criminalizar a política, descrevendo atitudes partidárias absolutamente dentro do sistema democrático como uma organização criminoso”. Kakay disse que “Jucá só perdeu as últimas eleições por causa da espetacularização do processo penal que a Lava Jato propiciava”.

O ex-governador do Paraná Beto Richa afirmou que não existe “meia prova” que o incrimine. “Apenas tinham sangue nos olhos. Nenhuma das testemunhas no processo das rodovias cita meu nome. Invadiram a minha casa e sequestraram eu e minha mulher dias antes das eleições”, disse.

fesas de políticos acusados de irregularidades, os tribunais enxergaram perseguição política, parcialidade e incompetência do ex-juiz Sérgio Moro - hoje pré-candidato do Podemos à Presidência -, além de abusos dos órgãos de investigação.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Memorial sintético das amizades

Nessas longas tardes, noites e manhãs de apartação social, tenho pensando nos amigos e amigas que passaram pela minha vida, alguns que já morreram e que são mais do que números, outras e outros ainda presentes iluminando minha vivência com poesia, afeto, fraternidade, companheirismo, ensinamento e boas lembranças.

Hoje vi um portal chamado “Inumeráveis”, memorial dedicado a cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil que já passam de 600 mil pessoas. A ideia é registrar em poucas linhas a personalidade das vítimas da doença a partir de depoimentos das famílias, para que deixem de ser apenas números na estatística dessa tragédia (www.inumeraveis.com.br). Definições do tipo “Adalberto, o carnaval em pessoa; Adélia generosa; Adriana dentista, criadora de sorrisos”; Afrodísia, matriarca amorosa; Aldevan, um bravo doce...”; Alexandra Popoff, imigrante russa que fazia a melhor bacalhoadá; Ana que amou a vida; Anísio que amava rock and roll; Arthur Martins que foi ao encontro do seu cão amado; Augusto Octávio, o palhaço da família; Bernadete, tia Bebê tão generosa; Carlilo, seu sonho era voltar a andar; Cícero Romão, enfermeiro que cuidou de todos até seus últimos dias”, e vai por aí.

Pois eu gastei o juízo um pouquinho e fiz microbiografias de algumas pessoas do meu círculo de amizade. Nunca, entretanto, pensando em que venham a constar desse memorial das vítimas do coronavírus, mas só para exercitar minha destreza no laconismo e reafirmar a simpatia e apreço que sempre tive e terei por essas pessoas. Certos nomes ficaram de fora. Alguns porque não toleram publicidade, outros porque são tão essenciais na minha história de vida que a redundância chega a ser chocante. Meu pai, por exemplo, o que diria dele em 14 palavras? “Foi quem me deu a primeira papa, o primeiro livro e o primeiro elogio”.

Da lista já constam mais de duas centenas de nomes, pela ordem alfabética. Daqui para o final do isolamento, terei uns 500 micro perfis. Eis os primeiros do inventário da dileção:

Adeildo Vieira - Cantador das benquerenças e um coração enorme.

Adiel - Meu primeiro patrão. Fui ajudante de aguadeiro, tangedor de burros do meu primo.

Agnaldo Barbosa - Ardiloso criador de estórias e um herói do populario.

Adilson Adalberto - Um biólogo que quis ser poeta e vive seu sonho.

Alves - Meu compadre maquinista de gigante simpatia e trovador das estradas de ferro.

Alcion - Morreu datilografando carta para a namorada. Primo e amigo de infância.

Albenor - Cândido menino comunista oitentão.

Almiro - O mestre do babau, o ator popular, o cantor de rua, um artista singular na sua simplicidade.

Aracílio Araújo - “A máquina de fazer forró”, como intitulou Alceu Valença, parceiro do meu camarada de infância em Itabaiana.

Antonio de Pádua El Gorrión - Professor que fez da escola um lugar de interlocução e vivência, com seus folhetos e a força da simpatia.

Avelino - Mistura da bonomia do Sargento Garcia com a valentia do Zorro. Sargento Avelino, de quem fui escrivão improvisado e admirador.

Antonio Carlos Abelha - Trovador que voa livre e ligeiro na cultura de sua terra, como suas abelhas.



Ferramenta está sendo construída com técnicas de big data, a fim de gerar dados para monitorar as emissões de gases, compreender suas causas e nortear a criação e fiscalização de políticas públicas

EFEITO ESTUFA NA AMAZÔNIA

Projeto da USP terá sistema de dados

Centro de Pesquisa para Inovação em Gases de Efeito Estufa ganhará uma plataforma de livre acesso

Camila Boehm
Agência Brasil

Uma plataforma de livre acesso está sendo desenvolvida no âmbito do Centro de Pesquisa para Inovação em Gases de Efeito Estufa (RCGI), sediado na Universidade de São Paulo (USP). Com ampla diversidade de dados sobre as emissões de gases de efeito estufa na Amazônia, a plataforma vai agregar variáveis que controlam o ciclo do carbono, além de possibilitar análises e ajudar nos estudos do papel da região no clima global.

O coordenador do projeto, cientista Paulo Artaxo, informou que a ferramenta deve ficar pronta em até três anos. No entanto, ao final deste ano, ele prevê que os primeiros dados já estejam disponíveis e que seja

possível acompanhá-los. Artaxo é professor do Instituto de Física da USP e um dos pesquisadores principais no RCGI.

“O ponto forte da plataforma é ser de livre acesso para qualquer pessoa, ela poder ser usada como ferramenta para os governos de todos os nove países da bacia amazônica estruturarem políticas públicas, por exemplo de redução de desmatamento na região. O Brasil tem compromisso internacional de zerar as emissões na Amazônia em 2028 e a grande pergunta é: como é que o governo vai fazer isso?” Segundo ele, o sistema vai fornecer um acompanhamento desse processo.

Sobre as análises que poderão ser feitas a partir do novo sistema, ele observa: “Se a Amazônia já

“
Se a Amazônia já se tornou uma fonte de gases de efeito estufa para a atmosfera ou se ainda está absorvendo carbono. Essa informação nós ainda não temos.

Paulo Artaxo

se tornou uma fonte de gases de efeito estufa para a atmosfera ou se ainda está absorvendo carbono. Essa informação nós ainda não temos.”

A ferramenta está sendo construída com técnicas avançadas de big data, a fim de gerar dados que possam ser usados para monitorar as emissões de gases, compreender melhor suas

causas e nortear a criação e fiscalização de políticas públicas voltadas à mitigação de emissões.

Segundo o RCGI, ela permitirá acompanhar os compromissos internacionais do Brasil na redução do desmatamento e na emissão de gases de efeito estufa pelo ecossistema Amazônia.

De acordo com o cien-

tista, dois aspectos que terão destaque nessas análises são o papel da expansão agropecuária e o impacto das mudanças climáticas nas alterações dos processos fotossintéticos da floresta. “Observamos que o aquecimento global e a mudança na precipitação na Amazônia estão afetando os processos que regulam a absorção e a emissão de gases de efeito estufa, fazendo com que a floresta possa estar começando a perder carbono para a atmosfera”, disse.

Para Artaxo, isso é preocupante porque a floresta tem cerca de 120 bilhões de toneladas de carbono no ecossistema, o que corresponde a 10 anos de queima de todos os combustíveis fósseis do mundo.

Para se estruturar políticas públicas viáveis, efi-

cientes e de fácil aplicação, o cientista afirma que ter dados confiáveis é fundamental. “Temos todo um componente de validação desses dados, ou seja, vamos pegar medidas concretas que a gente fez no solo em várias regiões da Amazônia e comparar com dados do satélite.

Com isso, vamos separar os satélites que fazem medidas de boa qualidade sobre a Amazônia e outros onde os algoritmos não são tão precisos assim”, explicou.

Com esse sistema, análises importantes poderão ser realizadas, como o papel da degradação florestal nas emissões, o impacto do El Niño e da La Niña na emissão de gases de efeito estufa, o cálculo das emissões de metano em áreas alagadas, entre outras.

Dados unificados vão trazer parâmetros pela primeira vez

Conforme o RCGI, esta é a primeira plataforma a trazer, de forma unificada, a maior parte dos parâmetros que controlam o processo de absorção e emissão de dióxido de carbono e metano para a atmosfera. Artaxo afirma que essa iniciativa será crucial para o Brasil adotar políticas públicas lastreadas pela ciência, com dados abrangentes e confiáveis.

“Conseguiremos também analisar o estado atual das emissões quase em tempo real, e fazer projeções, usando inteligência artificial e técnicas avançadas de aprendizado de máquina”, diz o cientista.

O coordenador da parte computacional do projeto, José Reinaldo Silva,

professor da Poli-USP lembra que “as técnicas de big data, como inteligência artificial e aprendizado de máquina, serão usadas para processar e analisar essa gigantesca massa de dados, desvendando os complexos relacionamentos não lineares entre múltiplos parâmetros”.

Segundo ele, o sistema amazônico é tão complexo e amplo que é necessário o desenvolvimento de ferramentas computacionais mais avançadas, permitindo a compreensão do comportamento não linear da interação da floresta com o sistema climático e um entendimento mais completo desse sistema.

Com uma proposta de oferta abrangente de da-

dos, a plataforma vai permitir acesso a dados de satélites, de medidas em torres, do sistema Lidar (Inpe) e dados meteorológicos, cobrindo toda a re-

■
Iniciativa será crucial para o Brasil adotar políticas públicas lastreadas pela ciência, com dados abrangentes e confiáveis

gião amazônica em seus nove países. O cientista destaca que a ferramenta é muito diversa em relação aos dados, incluindo propriedades atmosféricas, do solo e dados socioeconômicos, e que tudo isso será atualizado continuamente.

“A plataforma vai congrega imagens de satélite, resultados de modelagem atmosférica, medidas no solo, então é uma base de dados gigantesca onde a gente espera realmente poder agregar todas essas variáveis que controlam o ciclo do carbono na Amazônia”, acrescenta Artaxo.

A primeira fase, que está em andamento, é a de coleta de dados de sensoriamento remoto, de superfície e de modelagens

já feitas. Depois disso, os pesquisadores começarão a integrar e ligar diversos bancos de dados e desenvolver as ferramentas de inteligência artificial que permitam extrair informações qualificadas do sistema como um todo.

A plataforma está sendo desenvolvida dentro da USP, no âmbito do projeto Emissão de gases de efeito estufa na Amazônia e sistema de análise de dados e serviços do RCGI, que já conta com equipe de nove pós-doutorandos e muitos estudantes de mestrado e doutorado. O financiamento é da empresa Shell e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

O projeto tem o apoio

de entidades como o Instituto de Pesquisas Amazônicas (Ipam), o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) e o MapBiomass, que trazem diversos dados geolocalizados sobre as emissões de gases e o desmatamento na região, além de possibilitar retroalimentar outros bancos de dados. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia (Inpa), o programa Experimento de Larga Escala da Biosfera e Atmosfera da Amazônia (LBA), a torre Amazon Tall Tower Observatory (Atto), a Escola Politécnica e o Instituto de Física da USP são os coordenadores do projeto.



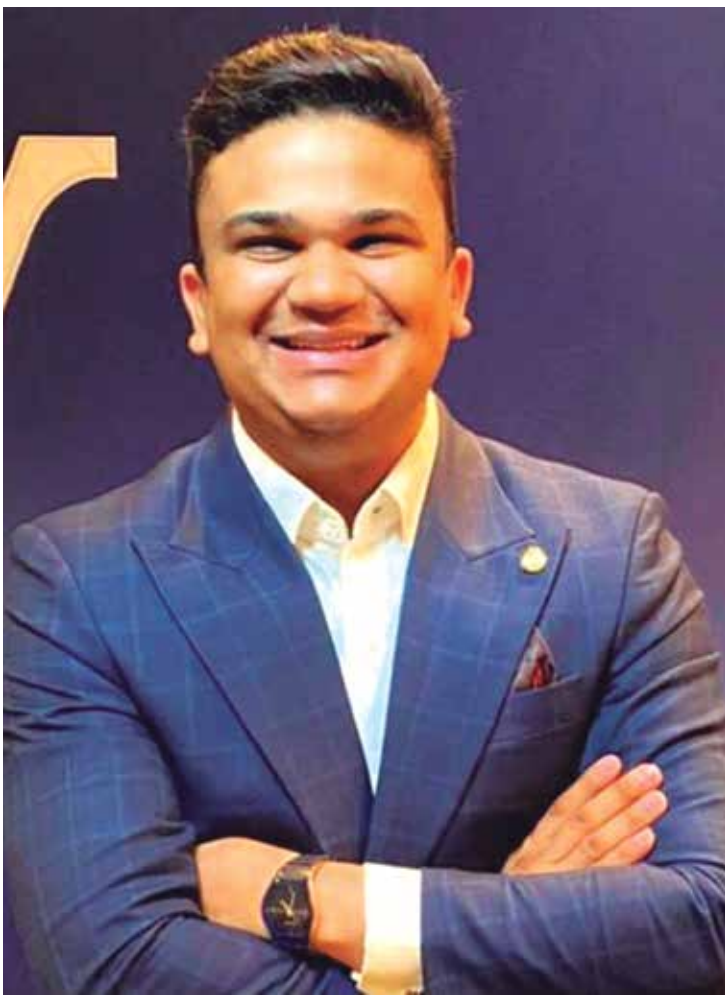
Rosa Aguiar, Aldenora Ramalho, Bruno Azevedo, Joana Darc Palmeira Dantas, Rosevania Rimá, Daniella Pereira Barbosa, Kaline Macena, Nilda Gondim, Fernando Lianza e George Delameida são os aniversariantes da semana.



No próximo dia 7 de abril, quando se comemora o Dia do Jornalista, a Associação Paraibana de Imprensa (API-PB) vai promover um show de comédia com a jornalista Romye Schneider (foto), que está comemorando trinta anos de profissão.



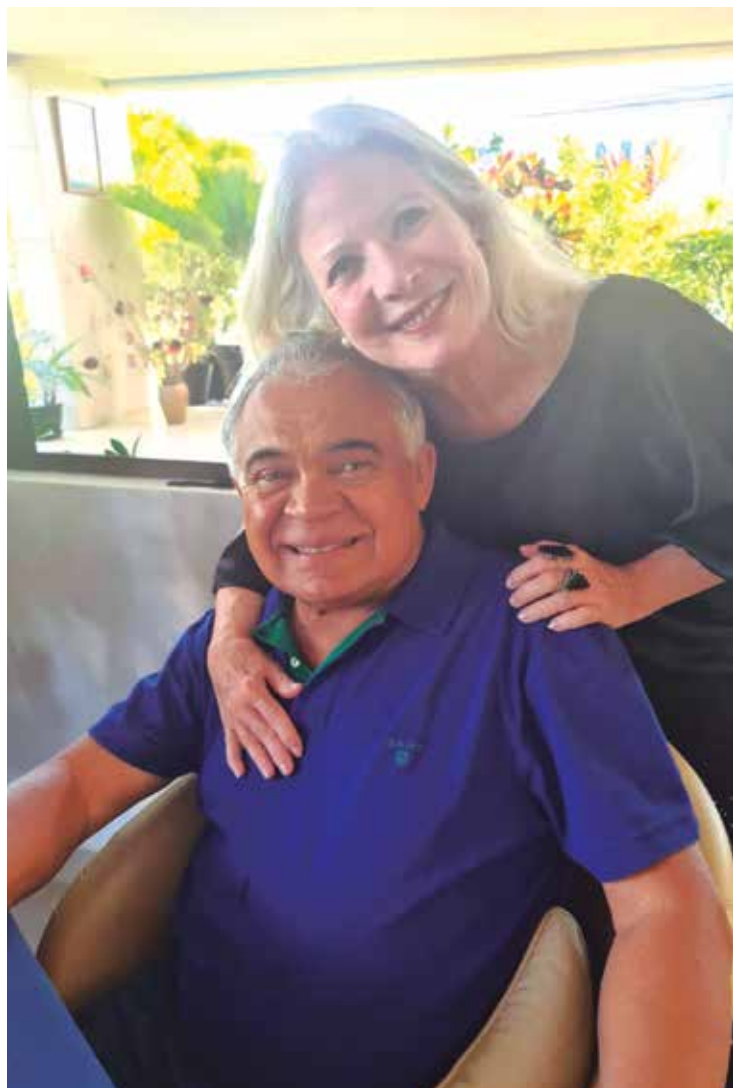
O casal Hermes Alvarenga e Val Nascimeto assistiram ao belo espetáculo Chicago, durante breve estadia na Terra da Garoa.



O especialista em vendas e diretor da KLA João Pessoa, Alberto Marinho, não para de inovar e, em 2022, a sua novidade é o portal de conteúdo empresarial MarinhoFlix. Trata-se de uma nova modalidade para assistir aos cursos de treinamento empresarial ou mentorais sem ficar preso às datas das turmas presenciais. O site marinhoflix.com.br já está disponível.



O Arquivo Afonso Pereira, em parceria com a Academia Cabedelense de Letras, entidade cultural presidida por Tânia Castelliano (na foto com a professora/doutora Ana Flávia Pereira), está promovendo interessantes ações entre as duas casas de cultura. Importante registrar que o professor Francelino Soares faz parte da diretoria da Academia que valoriza a cultura cabelense.



A ação da parceria entre a Academia Cabedelense de Letras e o Arquivo Afonso Pereira está sendo liderada pelo professor Sales Gaudêncio, imortal da Academia.



A presidente do Arquivo Afonso Pereira, a neta do saudoso casal, Clemilde e Afonso Pereira, Daniella Pereira (na foto entre a secretária Socorro Ramalho, o pesquisador Sales Gaudêncio, a presidente da Academia Cabedelense de Letras, Tânia Castelliano e a professora Ana Flávia), está entusiasmada com os projetos que prometem dinamizar as entidades parceiras.



Os empreendedores Ana Paula Viana, Gerardo Rabello e Ricardo Castro (na foto com o arquiteto Rabi Araújo), trio da melhor qualidade, promoveram evento de lançamento da mostra Luxo Décor Brasil 2022 | Edição Paraíba. Claro que o Liv Mall, local do lançamento, ficou repleto de muita gente bonita.



Com a confirmação do Maior São João do Mundo, já estão sendo montadas as estruturas do Parque do Povo, em Campina Grande. No evento, que terá 31 dias de muito forró, já estão confirmadas as seguintes atrações: Wesley Safadão, Xand Avião, Elba Ramalho, Flávio José e Santana.



O presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), Ramalho Leite, recebeu a visita da presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), jornalista Naná Garcez, cujo objetivo foi firmar parcerias e convênios entre a entidade cultural e a EPC. A foto registra os dois presidentes entre os jornalistas Abelardo Jurema e William Costa.



Selic Fixado em 16 de março de 2022 11,75%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial -1,75% R\$ 4,747	Euro € Comercial -1,92% R\$ 5,214	Libra £ Esterlina -1,89% R\$ 6,260	Inflação IPCA do IBGE (em %) Fevereiro/2022 1,01 Janeiro/2022 0,54 Dezembro/2021 0,73 Novembro/2021 0,95 Outubro/2021 1,25	Ibovespa 119.081 pts 0,02%
--	---	--	--	---	---	---

PREÇO SALGADO

Usuário paga 130% a mais por lanche em aeroporto

Valor de uma refeição simples é o mais alto na comparação com outros locais

Carol Cassoli
Especial para A União

Durante a temporada turística, a circulação de pessoas no Aeroporto Internacional de João Pessoa aumenta. Ao passar pelo saguão do terminal, no entanto, os passageiros notam a alta vertiginosa nos valores de todos os tipos de alimentos. E, nos cardápios do local, nem mesmo a tradicional xícara de café fica de fora da alta que faz com que o preço de um lanche simples tenha variação de até 130% se comparados os preços praticados em diferentes pontos de João Pessoa.

Devido à necessidade de chegar com antecedência, não são raras as vezes em que o consumidor precisa ficar esperando o horário de seu voo, assim como aguardar por uma escala ou até mesmo por uma viagem que atrasou. Nestas horas, não há outra alternativa senão fazer a alimentação dentro do próprio aeroporto. O problema é que, sem saída, o passageiro vê as poucas opções existentes pesarem no bolso.

Em uma pesquisa realizada pela equipe de reportagem de A União em seis pontos de João Pessoa, o preço de um



Passageiros que esperam horas por um voo devem estar preparados para a despesa com alimentação

lanche simples (com três itens) foi comparado ao do aeroporto Presidente Castro Pinto, localizado em Bayeux. Durante a consulta, foram relacionados os valores de venda de um café expresso grande, uma garrafa d'água de 500 mililitros e um misto quente.

A maior diferença encontrada foi entre os valores praticados no aeroporto e no Centro de João Pessoa. Se um lanche com café, misto quente e água custa R\$ 23 no Castro Pinto,

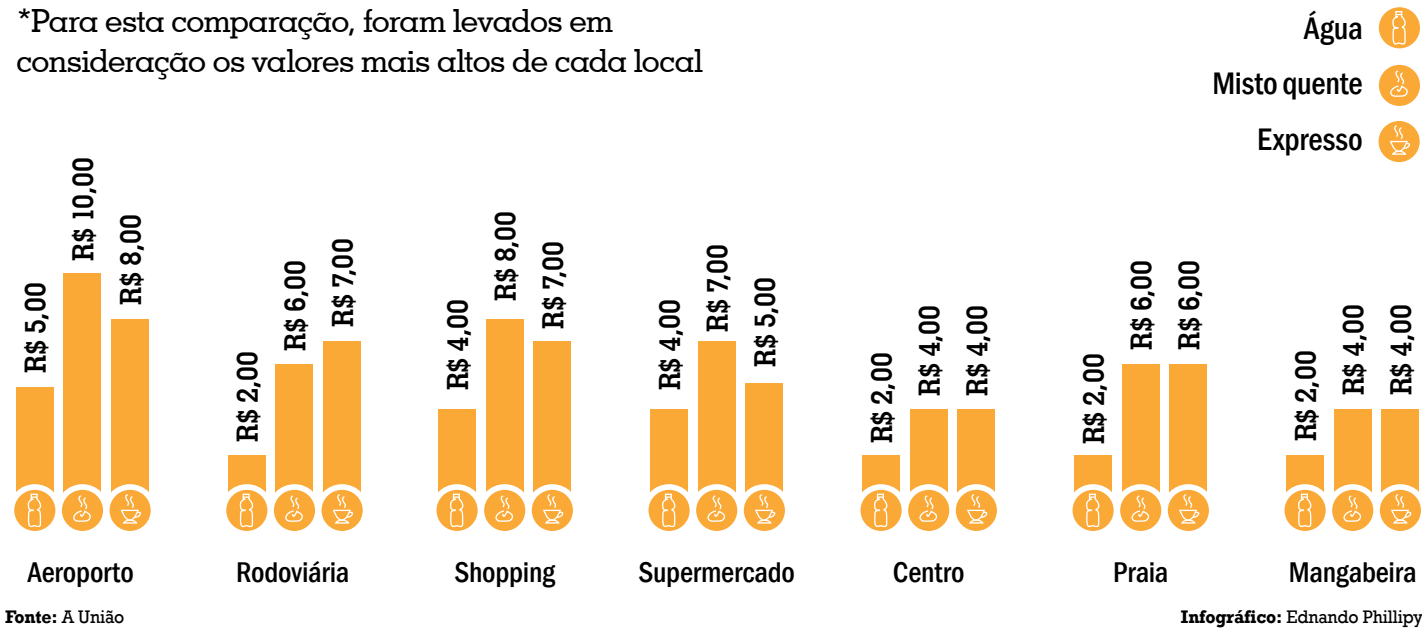
no Centro o valor cai para R\$ 10. Na comparação entre o aeroporto e a principal via do bairro de Mangabeira, a Avenida Josefa Taveira, o resultado foi o mesmo que o averiguado no Centro da capital, onde um lanche rápido é 130% mais em conta que no terminal aéreo.

Dentre os estabelecimentos visitados, o valor do lanche teve aumento de aproximadamente 21% do Manaira Shopping para o Castro Pinto. No shopping, os alimentos

listados custam, ao todo, R\$ 19. Já na lanchonete de um supermercado localizado no bairro dos Bancários, a mesma refeição rápida custa R\$ 16, uma variação de R\$ 7 se considerado o preço do aeroporto. Em comparação com o Terminal Rodoviário Severino Camelo, há alta de 53,33% nos mesmos alimentos. Além disso, os preços do aeroporto também são mais altos se comparados aos da orla de João Pessoa, onde esta refeição custa cerca de R\$ 14.

VARIAÇÃO NO PREÇO DE UM LANCHE RÁPIDO

*Para esta comparação, foram levados em consideração os valores mais altos de cada local



Fonte: A União

Infográfico: Ednando Phillippy

Aluguéis e taxas influenciam nos valores

Com tantas variações, todas elas apontando para o aeroporto como o local com os maiores preços, o consumidor pode se perguntar o motivo de valores tão altos em alimentos considerados tão simples. Segundo a superintendente da Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon-PB), Késsia Cavalcanti, não há apenas um motivo para este fenômeno. Uma das justificativas para tamanha alta seria, por exemplo, os custos operacionais (como aluguel, encargos e licença) de lanchonetes e restaurantes ins-

talados no terminal aéreo.

Késsia também explica que não existe tabelamento e, por isso, os preços praticados no aeroporto (e em outros espaços) são livres. “Os preços realmente são mais altos nos aeroportos, principalmente em áreas internacionais, mas o consumidor pode levar seus próprios alimentos e consumi-los lá, se quiser”, destaca.

Por fim, a superintendente do Procon-PB, enfatiza que cabe à autarquia apenas a fiscalização e cobrança de normas de venda, como a exposição dos

preços ao consumidor, o respeito ao prazo de validade dos alimentos e o respeito ao direito de escolha do consumidor.

Fatores

De acordo com o sócio de um dos restaurantes do aeroporto, Luís Gonzaga, embora hoje o aluguel do ponto não seja tão superior ao de shoppings, como era antes, há muitas taxas para se pagar e, por isso, é necessário “seguir as regras do jogo”.

“Temos que nos adaptar às normas constantemente, precisamos pagar o treinamento de funcionários e li-

dar com o fato de que, com a pandemia, o número total de clientes caiu bastante”, observa Gonzaga.

Procurada, a Aena Brasil, empresa responsável pela operação do Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto, informou que a precificação dos produtos comercializados no terminal não diz respeito apenas à empresa, mas também aos concessionários. Por este motivo, a Aena não deu informações do preço do aluguel nestes espaços, tampouco sobre como é feita a fiscalização dos preços de cada estabelecimento.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

João Pessoa sobe em ranking de melhores cidades brasileiras para empreender

O Índice de Cidades Empreendedoras (ICE) 2022 tem como base os 101 municípios mais populosos do país. Serve como um termômetro sobre o estímulo do empreendedorismo nas cidades listando sete categorias (ambiente regulatório, infraestrutura, mercado, acesso à capital, inovação, capital humano, e cultura empreendedora).

Na classificação geral, João Pessoa (PB) subiu da 83ª posição em 2020 para a 35ª em 2022. Cidades do Nordeste como Salvador (BA) e Natal (RN) ficaram na 39ª e 42ª posição, respectivamente. O ICE 2022 também auxilia os gestores locais a atuar com mais força por meio de programas e políticas públicas para alcançar resultados melhores, principalmente no aspecto de ambiente regulatório e capital humano, e/ou atuar frente aos desafios indicados pela pesquisa.

Das sete categorias elencadas, João Pessoa apresentou avanços em cinco: ambiente regulatório; infraestrutura; mercado consumidor; acesso a capital; e inovação. No ambiente regulatório que envolve os efeitos da burocracia, desde a abertura e liberação de funcionamento, passando pelo pagamento de impostos, até seu fechamento, houve considerável melhoria. Destaca-se ainda que quanto menor os tributos, mais atrativa é a cidade para implantação de novos negócios. A infraestrutura da região também evoluiu. Esta interfere diretamente na decisão do investidor, consiste entre um dos principais fatores que determinam a melhoria do ambiente empreendedor, determinando as chances de sucesso de um empreendimento. No mercado, há uma grande relação entre a demanda e a oferta. O mercado consumidor para comprar os produtos e serviços são essenciais para que as empresas cresçam, gerando mais empregos e desenvolvimento local. Nesse aspecto, o mercado consumidor da capital vem amadurecendo frente às potencialidades da cidade.

O acesso à capital, que representa a disponibilidade de recursos para investir no negócio, é considerado pelos empreendedores como o principal entrave a ser superado na abertura de um novo negócio. Por isso, a dificuldade de acesso a capital é apontada como um dos principais desafios dos empreendedores brasileiros. Na inovação, o atual contexto globalizado e interconectado demanda que os empreendedores estejam atentos e integrados às inovações apresentadas no mercado. Foi observado a capacidade de inovação dos municípios, o que se deve estimular cada vez mais a criação de novas patentes e a construção de parques tecnológicos.

O ICE 2022 revelou desafios em duas categorias (capital humano e cultura empreendedora). Estas, recuaram quando comparadas ao resultado da última pesquisa. O capital humano, que passa pela qualificação da mão de obra local, é uma das principais características que o empreendedor busca para compor seu negócio. Este pilar está relacionado com a percepção do gestor de atuar face às políticas educacionais dando ênfase para ações que melhorem os índices locais. Em relação à cultura empreendedora, a pesquisa observou através de sites de buscas, iniciativas empreendedoras por parte dos internautas, por exemplo, de como abrir um negócio, como também por instituições que auxiliavam a empreender.

O avanço no ranking nacional do ICE 2022 vem junto com o saldo positivo de empregos formais na capital, mais de 15 mil no ano passado, aliado à retomada econômica. Para este ano, a despeito do aumento da inflação, incertezas e menor ritmo de crescimento do PIB, novos desafios estão no caminho. Até a próxima!



Interrupções no processo de globalização ocorreram em diferentes momentos da história, mas o modelo atual parecia consolidado desde o fim da Segunda Guerra até o início dos anos 2000

PANDEMIA E GUERRA

Eventos põem globalização em xeque

Países se veem forçados a reduzir dependência de matérias-primas e energia após várias crises na última década

“
A economia russa, que é muito importante em termos de commodities que são chave, como óleo e gás, será desvinculada do restante do Ocidente. Não há como reconstruir as relações econômicas quando o presidente dos EUA chama Vladimir Putin de criminoso de guerra

Ian Bremmer

Beatriz Bulla
Agência Estado

Os ventos desfavoráveis à globalização, que percorrem o mundo desde a crise financeira de 2008 e ganharam força com a pandemia de Covid-19, intensificam-se com a guerra na Ucrânia. Com as retaliações comerciais impostas a Moscou, os países ocidentais estão sendo levados a reduzir sua dependência da energia e das matérias-primas russas. Além disso, o eventual apoio chinês aos russos também pode acirrar a rivalidade com o Ocidente. A consequência é um crescente risco ao comércio e à integração internacional.

“A economia russa, que é muito importante em termos de *commodities* que são chave, como óleo e gás, será desvinculada do restante do Ocidente. Não há como reconstruir as relações econômicas quando o presidente dos EUA chama Vladimir Putin de criminoso de guerra”, afirmou Ian Bremmer, fundador da consultoria de risco político Eurasia Group. Os efeitos do conflito na integração global já se apresentam na força-

da diversificação energética europeia e no aumento do preço do níquel, que pode desacelerar a produção de carros elétricos, segundo o jornal The New York Times. Também na busca do agronegócio brasileiro por novos exportadores de fertilizantes e na possível piora na crise de produção de semicondutores. E, ainda que haja um acordo de paz para encerrar o conflito militar no futuro próximo, a preocupação com segurança nacional passará a ditar o estabelecimento das novas cadeias de suprimentos. “Toda a cadeia de produção, dis-

tribuição de produtos e logística, toda essa geografia de comércio será afetada. Estamos presenciando um princípio de fim da globalização como conhecemos”, afirmou a especialista em comércio internacional e professora adjunta de Direito Internacional da American University, Renata Amaral. “Como o Brasil vai continuar se dando bem com EUA, Rússia e China? A questão de escolha de lado vai ficar muito mais evidente daqui para a frente, e isso vai se refletir nas decisões de investimento futuro das empresas.”

Sanções e rupturas marcam o momento econômico

A adoção de sanções econômicas pelos americanos e europeus, na tentativa de estrangular economicamente Putin e a oligarquia russa, causou uma leva de fechamento de empresas ocidentais no país. Segundo a escola de administração de Yale, pelo menos 400 companhias interromperam completamente as operações na Rússia desde o início da guerra. O mais emblemático fechamento de portas foi o da rede americana McDonald’s, um símbolo ocidental que atraiu multidões em 1990 quando abriu as portas em plena União Soviética. A dependência europeia do gás russo como fonte de energia foi escancarada durante a escalada de

tensão regional. Países começaram a estruturar planos para aumentar a independência energética, ainda que isso leve meses ou anos. A promessa da Comissão Europeia é reduzir em dois terços o uso de energia proveniente da Rússia até o fim deste ano e cortar por completo a dependência “bem antes” de 2030, com medidas que incluem o aumento imediato de importação de gás natural de países como os EUA. “No melhor cenário, ainda haverá um movimento desfavorável à globalização e alguma repercussão contra a China”, diz Bremmer. “A resposta do mundo democrático à agressão e aos crimes de guerra de Moscou é correta, tanto do ponto

de vista ético quanto de segurança nacional. Isso é mais importante do que a eficiência econômica”, escreveu o presidente do Peterson Institute for International Economic, Adam Posen, em artigo para a revista Foreign Affairs. A repercussão das sanções adotadas por europeus e americanos contra o Kremlin e a reação da Rússia atingem a cadeia de produção também do Brasil, que precisou buscar no Canadá acordos com o setor privado para ampliar a importação de fertilizantes que viriam da Rússia. Hoje, o país importa 85% dos fertilizantes utilizados na base da produção agrícola nacional.

Símbolos

Empresas que se instalaram na Rússia após o fim da Guerra Fria estão deixando o país, numa declarada ruptura de relações do capitalismo ocidental

Onda de ‘desglobalização’ atinge países desde 2008

A tendência de ‘desglobalização’ ou *slowbalization*, a diminuição no ritmo da integração econômica internacional, é observada por analistas desde a crise de 2008. Interrupções no processo de globalização já ocorreram em outros momentos da história, mas, desde o fim da Segunda Guerra até o início dos anos 2000, o mundo vivenciava um aumen-

to no intercâmbio de bens, investimentos, tecnologias e serviços. A pandemia de Covid-19 acelerou o processo de ‘desglobalização’, quando a quebra na cadeia de produção imposta pelo fechamento de fábricas expôs fragilidades mundiais. Países adotaram a autoproteção, caso dos EUA, que invocaram leis de defesa nacional para manter em território nacio-

nal a produção de respiradores, enquanto o mundo se dava conta de que a China era a produtora de mais de 40% dos equipamentos médicos de proteção individual de todo o mundo. Para os especialistas, o posicionamento da China ditará o futuro da dinâmica comercial global. “Putin pode se tornar um pária internacional, mas ainda fará nego-

ciações com a China, com o Brasil e com nações em desenvolvimento. A grande questão é se a Guerra Fria com a Rússia irá desencadear uma Guerra Fria com Rússia e China”, afirma Bremmer. “Se os chineses seguirem com apoio à Rússia, aí estaremos em um cenário de precipitação da fragmentação da economia global. E de possível ‘desglobalização’”.



Piscinas naturais do Seixas, em João Pessoa, são o campo experimental do trabalho, que envolve moradores locais que trabalham com a pesca e com o turismo, além da comunidade científica da capital

RESTAURAÇÃO

Bióloga pesquisa os corais do Seixas

Estudo conta com parceiros da iniciativa privada, organizações não governamentais e Governo do Estado

Márcia Dementshuk
Assessoria (SEC%T)

Notícias sobre desmatamento em florestas são mais comuns de serem encontradas e geralmente abordam as ameaças desse fato ao aumento do aquecimento global. Por outro lado, pouco é dito na imprensa sobre o papel do oceano para o equilíbrio dos gases atmosféricos.

O oceano retira o CO2 do ar e o mantém nas profundezas; atua como um regulador do sistema climático e promove um ambiente apropriado para a vida em quase toda a superfície da Terra. Só isso já justificaria o apoio a projetos de restauração e conservação dos ambientes marinhos. Mas os argumentos se acentuam quando se acrescentam valores sociais e econômicos.

Essa é a dimensão da pesquisa “Restauração ecológica de corais”, realizada pela bióloga marinha Karina Massei, em nível de pós-doutorado, pela Universidade Federal da Paraíba. Conta com parceiros da iniciativa privada, de organizações não governamentais, de moradores locais e com apoio do Governo do Estado da Paraíba por meio do Programa de Bolsas de Pesquisa de Pós-Graduação, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba.

O campo experimental é as piscinas naturais do Seixas, em João Pessoa; abre oportunidades para ampliação do turismo sustentável e pedagógico; promove a economia, desenvolve a pesquisa em biotecnologia; envolve moradores locais que trabalham com a pesca e com o turismo, a comunidade científica, gestores

públicos, órgãos como a Capitania dos Portos da Paraíba, a Polícia Militar, a PBTur, estudantes, entre outros. Um esforço conjunto canalizado para a conservação marinha.

O Greenpeace informa que mais de 90% do excesso de calor produzido pelos gases de efeito estufa tem sido absorvido pelo oceano. “E tem mais. Sob certas condições, o CO2 se dissolve naturalmente na água e é puxado para as profundezas pelas correntes oceânicas, mantendo-o fora da atmosfera a longo prazo”. Se esse carbono fosse lançado na atmosfera, o planeta estaria muito mais quente.

Ao longo dos anos o oceano vem absorvendo volumes cada vez maiores de dióxido de carbono (CO2) e, por isso, a água tem se tornado mais ácida, influenciando na saúde de animais e vegetais ma-

rinhos. Isso é observado nas piscinas do Seixas, tanto pelos pesquisadores quanto pelas pessoas que frequentam o local há anos, como Daniel Virgílio Basílio Crispim da Silva, guia turístico náutico, pescador que atua no Seixas desde 1998.

“Eu nunca tinha visto tantos corais branqueando ao mesmo tempo e num espaço tão curto de tempo. Havia, mas era uma pontinha aqui, outra ali. De 2020 para cá, foi repentinamente. Tem uma espécie específica de coral que está morrendo em massa. É o que chamamos de tapitanga (“Millepora alcorni”). E eles atraem os peixes, lagostas, polvos. Agora não encontramos mais algumas espécies de peixes que estavam aqui em 2019”, diz Daniel, alarmado.

O guia turístico Daniel e colegas que trabalham no Sei-

xas estão engajados no projeto de pesquisa para a restauração ecológica de corais porque têm esperança de que essas espécies retornem ao habitat. “Além disso, o turista só retorna ou indica o passeio quando ele comprova que os prestadores de serviço estão engajados na conservação do ambiente”.

Segundo Daniel, 12 catamarãs com capacidade média de 100 pessoas se distribuem pelas piscinas do Seixas em dias de maré baixa. Esse é um dos fatores que contribui para a degradação, conforme aponta Karina Massei; mas há outros: “Há um consenso entre os pesquisadores de que o branqueamento dos corais ocorre porque o coral sofre com o aumento da temperatura da água e desprende uma microalga que lhe fornece nutrientes e a cor. Também, pelo o oceano estar mais sobrecarregado de

gás carbono, ele está mais ácido, o que atinge os corais e outros animais. Por isso estamos vendo o branqueamento em massa desde 2020, a demora para esses corais se recuperarem e, infelizmente, a morte de muitos deles”.

É neste apelo que a pesquisa científica se insere. Na última segunda, foram implantados no recife, simbolicamente, protótipos de bioatratador de corais - fragmentos de recifes manipulados biologicamente que servirão de base para a colonização de corais. Um marco inicial para um trabalho cuja intenção vai além de conservar a vida nos recifes do Seixas. É mostrar que estamos, todos e todas, em uma via de mão dupla: “Enfrentar as mudanças climáticas é fundamental para o oceano; e protegê-lo também é fundamental para regular o clima no planeta”.



Karina Massei realiza a pesquisa “Restauração ecológica de corais”



Foram implantados, simbolicamente, protótipos de bioatratador de corais

Bioatratadores serão monitorados quinzenalmente

Um dos produtos que a pesquisa científica realizada por Karina Massei, executada no âmbito do Programa de Ecologia e Monitoramento Ambiental (PPGEMA/UFPB Rio Tinto) e supervisionada pela professora Dra. Cristiane Sassi, é o Bioatratador Recifal Multifuncional.

São suportes feitos com o rejeito do marisco processado com cimento de sílica (ecológico). O material é compactado dentro de uma estrutura estilizada e produzida por impressora 3D.

Nesta estrutura estilizada serão encaixadas peças menores, onde estarão os fragmentos de corais transplantados. A área em que será instalada a unidade amostral do projeto, nas piscinas naturais do Seixas, foi tema da tese de doutorado da bióloga. Já foram realizados, portanto, estudos prévios necessários (geomorfologia, levantamento da fauna e flora, caracterização socioambiental da área).

Os bioatratadores serão monitorados quinzenalmente, sendo os dados inseridos na plataforma aberta www.sisfaumar.com, já em operação.

Em formas artísticas, os bioatratadores têm como principal matéria prima as conchas de mariscos, são descartadas constantemente depois da retirada do marisco para alimento. Terão um destino mais nobre ao compor a base natural que vai sustentar o fragmento coral. As estátuas submersas, onde os corais crescerão, serão uma atração turística diferenciada e oportunidade para educação ambiental. Irão melhorar os habitats marinhos e expandir as populações pesqueiras, proporcionando oportunidades criativas, econômicas e de captura de carbono da atmosfera.

Globalmente, existem projetos similares, utilizando diversas biotecnologias. O desafio no Brasil, é adaptar para as nossas espécies, que são endêmicas. Neste sentido, existe

um projeto em Porto de Galinhas que tem sido base para a pesquisa na Paraíba.

O dia em que os primeiros fragmentos de recifes manipulados biologicamente seriam colocados no mar do Seixas amanheceu chuvoso. A implantação da pesquisa integrava as atividades da Semana do Consumidor Consciente promovidas pelo Procon-PB, em alusão ao “Dia da Água”.

As pessoas seriam recebidas no Espaço Oceano, um local em frente ao mar que agrega atividades náuticas e de pesquisa científica. Estavam convidados representantes da Superintendência do Meio Ambiente da Paraíba (Sudema), da Defensoria Pública da Paraíba, da PBTur, de ONGs, o capitão de Fragata Erijansen de Souza Maciel, da Capitania dos Portos da Paraíba, o presidente da Fapesq-PB, Roberto Germano, o secretário-executivo da Ciência e Tecnologia da Paraí-

ba, Rubens Freire, Késsia Lilianna Dantas Bezerra Cavalcanti, superintendente do Procon-PB, o coronel Tibério, do Estado Maior da Polícia Militar da Paraíba, a coordenadora do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Maurício de Nassau, Patrícia Oliveira, apoiadores da iniciativa privada e amigos.

A chuva que poderia atrapalhar caiu timidamente e recuou. No mar, o presidente da Fapesq, Roberto Germano, foi um dos convidados para implantar um dos fragmentos: “Só quando estamos aqui entendemos o impacto global que tem uma ação como esta. A Paraíba, com o litoral que tem, requer pesquisas científicas nesse nível”, afirmou Roberto Germano. Além de Roberto Germano, Christina Vasconcelos, coordenadora de Estudos Ambientais da Sudema, Alexandro Batista, líder do Grupo CaiaquePB, e Daniel Crispim da Silva implantaram fragmentos de corais no recife.

BIODIVERSIDADE

As aves que aqui gorjeiam

Espécies da avifauna na Paraíba garantem espetáculo de cores e cantos aos apreciadores das belezas naturais

Ítalo Arruda
Especial para A União

A Paraíba possui uma grande diversidade de aves nativas registradas em todas as regiões do estado. Dados mais recentes do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (Cemave) apontam que existem cerca de 400 espécies catalogadas, incluindo aves residentes e migratórias.

Entre as espécies mais comuns na avifauna paraibana, ou seja, aquelas que possuem maior população e, consequentemente, são vistas com mais frequência, sobretudo na região litorânea, destacam-se o anu-branco (Guira guira); bem-te-vi (Pitangus sulphuratus); sibito (Coereba flaveola); pardal (Passer domesticus); sanhaço (Thraupis sayaca); carcará (Caracara plancus), gallo-de-campina (Paroaria dominicana), entre outros.

De acordo com o analista ambiental do Cemave e coordenador do Plano de

Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga, Antônio Barreto de Sousa, cada espécie desenvolve um papel de extrema relevância para o equilíbrio e funcionamento do ecossistema como um todo.

Além das aves que atuam como dispersores de sementes e frutos, o ambientalista cita aquelas que desempenham uma função polinizadora (quando os pássaros se alimentam do néctar presente nas plantas), como é o caso do beija-flor e da cambacica.

“Também temos espécies que são consideradas importantes porque contribuem com o controle de pragas, como as aves insetívoras; outras por serem detritívoras, ou seja, que contribuem com a limpeza do ambiente, como fazem os urubus; e aquelas que pertencem ao grupo dos predadores de cadeia, contribuindo com o equilíbrio das populações de suas presas e, inclusive, servindo de alimento para outros animais”, explica.



Especialistas confirmam o que a população já percebeu: há menos pardais nas cidades

Espécies estão ameaçadas

Atualmente, conforme o levantamento do Cemave, 32 espécies estão ameaçadas de extinção na Paraíba, com destaque para o uru-do-nordeste (Odonophorus capueira plumbeicollis), o jacu-de-alagoas (Penelope superciliaris alagoensis), o gavião-gato-do-nordeste (Leptodon forbesi), o chupa-dente-do-nordeste, entre outros tipos de aves.

Para definir o grau de ameaça de uma espécie, o chefe da Divisão de Fauna da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Leandro Costa, destaca que são considerados fatores como número de indivíduos, declínio populacional, perda de habitat e ameaças às aves, como o tráfico de animais. “Outro aspecto importante é que o grau [de extinção] pode variar de acordo com a unidade espacial considerada”, observa.

Além disso, a forte pressão da caça e a criação ou comercialização ilegal destes animais, assim como a constante perda de habitat, seja pela escassez da vegetação ou pelo processo de atropização (alterações) destas áreas naturais, também são fatores de risco para o desaparecimento de determinados pássaros no território paraibano, acrescenta Leandro.

A Sudema, por meio da Coordenação de Estudos Ambientais (CEA), desenvolve uma série de trabalhos voltados à preservação das aves ameaçadas nas unidades de conservação estaduais (grandes áreas de remanescentes florestais) que, por sua vez, oferecem condições para a manutenção da biodiversidade na Paraíba. Estima-se que estas unidades abrigam, aproximadamente, um quarto das espécies observadas em todo o estado.

Segundo informações disponíveis no site WikiAves – plataforma especializada em conteúdos científicos sobre aves brasileiras –, foram registradas 125 espécies no Parque Estadual do Pico do Jabre

(localizado no município de Matreia); 113 espécies na Área de Proteção Ambiental das Onças (localizada na cidade de São João do Tigre); 101 espécies no Parque estadual Pedra da Boca (no município de Araruna); 91 espécies Área de Proteção Ambiental do Cariri (assentada no Planalto da Borborema); e 113 espécies no Jardim botânico Benjamim Maranhão, mais conhecido como Mara do Buraquinho, em João Pessoa.

“Estas unidades são áreas institucionalizadas e têm como função preservar e conservar a flora, a fauna, os recursos hídricos, como também os aspectos geológicos, culturais e as belezas naturais, fatores estes que contribuem para a preservação da avifauna existente na Paraíba”, ressalta Leandro Costa.

O chefe da Divisão de Fauna da Sudema também cita a importância da fiscalização e apreensão dos animais silvestres como uma forma de combater a extinção. “Os animais apreendidos oriundos do comércio e criação ilegal são encaminhados ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), e, após o processo de reabilitação, são devolvidos à natureza”, frisa.

Verticalização das cidades e menor oferta de alimentos podem estar reduzindo a presença dos pardais na zona urbana

Onde estão os pardais?

Embora não seja uma espécie nativa do Brasil, o pardal é considerado um dos pássaros mais populares da avifauna urbana. No entanto, este pássaro tem apresentado indícios de diminuição da sua população em algumas regiões do país, incluindo municípios da Paraíba, apontam especialistas. Entre os fatores relacionados ao declínio da espécie destacam-se a verticalização das cidades, a redução da oferta de alimentos e a ausência de locais para a construção de ninhos.

De acordo com a bióloga e ornitóloga da ONG Animallia, Andreza Amaral, o “desaparecimento” dos pardais pode estar relacionado ao processo de urbanização, visto que os ambientes onde estas aves costumam nidificar, como casas e áreas domésticas com cavidades, foram alterados.

Além disso, ela diz acreditar que a pandemia do novo coronavírus pode ter ligação com a ausência do passer domesticus (nome científico da espécie) em alguns locais devido à baixa oferta de alimentos provocada pelo isolamento social, que, por sua vez, modificou a rotina e o funcionamento de restaurantes e outros estabelecimentos – potenciais fornecedores de alimentação para os pardais, que se aproveitam de restos de comida, migalhas, sementes e insetos.

“Possivelmente, o longo período de confinamento causado pela pandemia acarretou uma diminuição da oferta de alimento para animais oportunistas, em geral, como é o caso dessas aves, que se alimentam de resto de comidas espalhados. Isso interfere diretamente na velocidade de procriação”, explica a especialista.

Andreza também acrescenta que é pouco provável que os pardais estejam migrando para outras áreas do estado, como as zonas rurais, por exemplo, já que são pássaros estritamente urbanos. “A ocupação de outros nichos para esta espécie não é tão fácil, dada a competição das espécies nativas e a especiação desta em interação a áreas antrópicas”.

Para Getúlio Freitas, analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o declínio da população não traz danos ao ecossistema, pois, em um determinado espaço de tempo, a ausência de pardais pode permitir que outras espécies preencham o espaço vazio. “A diminuição deles permite que espécies silvestres ampliem as suas populações e passem a ser mais vistas”, afirma.

Mesmo com a observância da diminuição de pardais, o estado de conservação da espécie na Paraíba é pouco preocupante, ou seja, não está ameaçada de extinção.

- AVES EM PROCESSO DE EXTINÇÃO / GRAU DE RISCO:**
- Saíra-pintor (Tangara fastuosa) –Vulnerável;
 - Jacucaca (Penelope jacucaca) – Vulnerável;
 - Gavião-de-pescoço-branco (Leptodon forbesi) - Em Perigo Crítico;
 - Apuim-de-cauda-amarela (Touit surdus) – Vulnerável;
 - Tatac (Synallaxis infuscata) – Em perigo.



O anu-branco, o bem-te-vi e o galo de campina estão entre as espécies mais comuns da avifauna paraibana: cada um com seu canto e seus encantos



O Autódromo Internacional da Paraíba recebe, hoje, a primeira e segunda etapas do Campeonato Interestadual

AUTOMOBILISMO PARAIBANO

Motores roncando a todo vapor

No kart, já foi dada a largada da temporada no Circuito Paladino; hoje, é a vez dos carros no Autódromo da Paraíba

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O ronco dos motores começou a ecoar mais alto em solo paraibano. Neste mês de março foi aberto o calendário oficial de automobilismo com a realização da 1ª etapa do Campeonato Paraibano de Kart 2022, no Circuito Internacional Paladino, na cidade de Conde e, ainda neste primeiro semestre, a Federação de Automobilismo do Estado da Paraíba (Feap) vai realizar outros grandes eventos, agendados para os meses de abril, maio e junho, com destaques para o Campeonato Interestadual de Kart, a Corrida Fora de Estrada 4x4 e o Rally do Nordeste. A Feap também articula uma etapa do Stock Car Brasil, em João Pessoa, prevista para o mês de dezembro.

Durante o período crítico da pandemia, as competições oficiais geridas pela Feap foram paralisadas, mas de forma gradual as provas foram retomadas, desde o ano passado. Na atual temporada, o calendário começou de forma integral, no entanto, a entidade ainda está atenta aos cuidados sanitários. Para o presidente da Feap, Otávio Ribeiro, a retomada com as atividades automobilísticas significa um marco para a categoria.

“Quando ocorreu toda essa problemática de saúde pública, em função da pandemia, tivemos de parar todas as atividades automobilísticas. Reiniciamos as atividades, ano passado, sem a presença de público, seguindo todas as regras com os cuidados sanitários estabelecidos pelas autoridades de saúde. Este ano, felizmente podemos retornar com as nossas atividades esportivas de forma integral. A perspectiva é de que possamos realizar grandes eventos, que irão marcar, de forma positiva, o calendário do automobilismo da Paraíba”, comentou.

Na abertura do Campeonato Paraibano de Kart, no último dia 19, disputado no Circuito Internacional Paladino, os pilotos do estado foram destaques na 1ª etapa e subiram ao lugar mais alto do pódio em três modalidades. João Pedro, na categoria Mirim; George Crispim Filho, categoria Sudam e Francisco

Barbosa Júnior, categoria F4 Sênior. Nicole Campos, Felipe Babello, Miguel Góis e Gustavo Pereira foram segundo colocados nas categorias Mirim, Cadete, F4 Júnior e F4 Sênior, respectivamente. A competição segue, em sua 2ª etapa, somente no mês de abril.

De acordo com o dirigente, os eventos organizados pela Feap oferecem aos pilotos paraibanos a oportunidade de se destacarem nas competições, ao ponto de represen-

■ Na abertura do Campeonato Paraibano de Kart, disputado no Circuito Internacional Paladino, os pilotos do estado foram destaques na 1ª etapa com João Pedro, na Mirim; George Crispim, na Sudam; e Francisco Barbosa, na F4 Sênior

tareem o estado nas principais pistas de automobilismo do Brasil. Ele acredita que novos talentos do automobilismo irão surgir ao final das principais competições realizadas no estado.

“As nossas competições abrem oportunidades para o surgimento de novos talentos, que, futuramente, despontarão como grandes nomes do automobilismo brasileiro. Na 1ª etapa do Campeonato Paraibano de Kart tivemos pilotos paraibanos se destacando. Ao final da competição, alguns deles já serão reconhecidos como novos talentos. Os grandes pilotos do país participaram dos eventos organizados

pela Feap. Entre os paraibanos, destaque os pilotos Leo Barbosa, Daniel Coutinho, Valdeno Brito e Faruk Oliveira que, inclusive, já venceu uma temporada do Campeonato Fora de Estrada 4x4, competição inserida no calendário oficial de nossa Federação de Automobilismo”, explicou Otávio Ribeiro.

A Feap vai reunir pilotos e o público apaixonado pelo automobilismo na abertura de mais uma competição. Hoje, a partir das 9h, no Autódromo Internacional da Paraíba (AIP), localizado na cidade de São Miguel de Taipu, será dada a largada da 1ª e 2ª etapa do Campeonato Interestadual de Automobilismo. Ao todo, serão disputadas cinco categorias nas duas etapas, sendo elas: G83-Marcas e Pilotos; S-Sport; Palio Cup, G83-Super Turismo e Turismo Light. A entrada para o evento vai custar para o público, o valor de R\$ 20, na bilheteria do AIP.

Ainda neste 1º semestre estão previstos a realização de dois grandes eventos no calendário esportivo da FAEP, a Prova Fora de Estrada 4x4 - Campeonato de Jeep Cross e a 1ª etapa do Rally RN 1500 - O Rally do Nordeste.

Na Prova Fora de Estrada - Jeep Cross não vai faltar velocidade e adrenalina aos pilotos amantes do 4x4. Nesta edição, o Campeonato Paraibano da categoria será disputado em quatro cidades: Areia, Bananeiras,



Foto: Roberto Guedes

Otávio Ribeiro vê a retomada das atividades como marco para a categoria

ras, Campina Grande e João Pessoa. A abertura da competição acontece no próximo mês, em Bananeiras.

O Rally RN 1500 é uma das maiores provas de Rally do Brasil. Considerado o segundo maior Rally Cross-Country do país é um dos mais completos e bem elaborados, pois percorre diversos cenários, como serras pelos sertões, dunas e beira-mar do estado do Rio Grande do Norte. Na sua 24ª edição, a cidade de Campina Grande vai sediar, no mês de abril, a 1ª etapa do evento.

“Hoje a Paraíba tem um ponto privilegiado dentro da região Nordeste pelos seus cenários esportivos naturais. Somos o único estado detentor de um autódromo e um kartódromo com funcionamentos normais, com a realização de competições locais, e até de outros estados, além de etapas de competições regionais conceituadas no calendário do automobilismo brasileiro. Atualmente, sem dúvidas, a Feap é a Federação de Automobilismo mais conceituada e a que mais realiza eventos oficiais no Nordeste”, afirmou Otávio.

Em 2022, o principal objetivo da Feap é a realização de uma etapa do Circuito Nacional Stock Car Brasil, principal categoria do automobilismo do país, em João Pessoa. A ideia é montar uma pista de rua, no entorno da Estação Ciência, entre o Cabo Branco e a Ponta do Seixas.

“O Circuito Nacional Stock Car é a principal competição do automobilismo do Brasil. As grandes cidades brasileiras manifestam o desejo de sediar uma das etapas, João Pessoa não é diferente. Temos uma perspectiva de sediar uma etapa, no mês de dezembro deste ano. Teremos, nos próximos 15 dias, uma definição quanto a essa possibilidade”, finalizou.

Foto: Divulgação/Jampakart



A abertura da temporada no kart aconteceu no último dia 19, no Paladino



Na última quinta-feira, as equipes se enfrentaram em Campina Grande e o Treze levou a melhor por 1 a 0

TÍTULO DO PARAIBANO SUB-17

Decisão será amanhã na capital

CSP e Treze jogam às 15 horas no campo do Unipê, e a equipe de Campina Grande tem a vantagem do empate

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Nesta segunda-feira (28), o Campeonato Paraibano Sub-17 vai conhecer o seu mais novo campeão da categoria. CSP e Treze duelam pelo segundo jogo da final, no Campo da Unipê, em João Pessoa, a partir das 15h, para definir quem vai levantar o troféu na edição de 2022.

No primeiro confronto, em Campina Grande, no meio de semana, o Galo levou a melhor e venceu a partida por 1 a 0. Agora, o Alvinegro jogando em casa, o CSP terá que vencer a partida por diferença de dois gols, se quiser evitar o título do Alvinegro. A vitória, por diferença mínima de um gol, leva a decisão, para a disputa por cobrança de pênaltis.

Mesmo com a desvantagem, o treinador Josivaldo Alves, acredita que o grupo possa reverter a situação para conquistar o campeonato.

“Na primeira partida tivemos um resultado adverso, mas procuramos durante os treinos, corrigir os nossos erros. Acredito numa mudança de postura dos garotos, para esse segundo jogo. Treinamos cobranças de pênaltis, no entanto, espero conseguir resolver a partida durante os noventa minutos e garantir o título da competição”, confessou.

Caso o Treze não perca a partida, será campeão de forma invicta. O coordenador de futebol de base, Franklin Lopes, não quer se acomodar na vantagem adquirida

no primeiro jogo e vai apostar na postura do elenco para garantir o título da categoria para o Galo.

“Conseguimos uma boa vantagem na primeira partida. Para esse jogo final, vamos seguir com a mesma forma que jogamos na competição. A nossa evolução foi acontecendo a cada partida, chegamos à final invictos. Se tiver de usar a vantagem, vamos utilizá-la dependendo da circunstância da partida. Os jogadores estão focados para conquistar o campeonato”, pontuou Franklin Alves.

Além da conquista do título estadual do Paraibano Sub-17, CSP ou Treze vai representar a Paraíba na Copa do Brasil da categoria, que será disputada no segundo semestre deste ano.

Jogos de hoje

■ COPA DO NORDESTE 18h30 Sport x CRB	■ MINEIRO 18h Atlético-MG x Caldense
■ BRASILEIRO FEMININO 11h Santos x Corinthians Atlético-MG x Avaí 15h São Paulo x Grêmio Esmac x São José-SP 18h Ferroviária x Internacional	■ PARAENSE 17h Águia x Paysandu ■ PARANAENSE 16h Coritiba x Athletico-PR 18h Maringá x Operário-PR
■ CARIOCA 16h Fluminense x Botafogo	■ PAULISTA 16h São Paulo x Corinthians
■ CATARINENSE 16h Brusque x Concórdia	■ PIAUIENSE 15h45 Corisabbá x Flamengo

JUDÔ

Paraibana se destaca em seletiva para Jogos Mundiais

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

A atleta Maria Eduarda Moisés Oliveira, de 16 anos, conquistou medalha de prata na série ouro, principal série da seletiva do mundial, perdendo a final para uma atleta do Mato Grosso do Sul. A disputa, em Aracaju-SE, na última quarta-feira, foi decidida nos detalhes como conta o treinador e técnico da Delegação Paraibana de Judô, João Neto. “Batemos na trave. A luta durou quase 12 min e a nossa atleta perdeu a luta numa decisão muito duvidosa. Foi necessária a interferência do VAR e a avaliação da arbitragem dividiu o público”. Maria Eduarda, é vice-campeã panamericana e campeã sul-americana em 2019 e reúne ainda os títulos de campeã brasileira, campeã brasileira regional (2x) e campeã paraibana (6x).

Medalha também na série bronze, com Allan Pedro Cantalice em segundo lugar e André Miguel Machado em terceiro. A seletiva reuniu cerca de 400 atletas de todo o país, da Paraíba 12 judocas participaram da seletiva que aconteceu em Aracaju, capital sergipana. O foco agora é na seletiva do brasileiro regional que acontece no início do mês de abril.

“Ficamos satisfeitos porque foram três medalhas em um evento de alto nível. Os atletas aproveitaram a competição para servir como um termômetro para a próxima competição. Agora é ajustar os defeitos e as falhas para que a gente chegue no Brasileiro com mais medalhas e com chances reais de disputar a fase final”.

A Seletiva Nacional Gymnasiade Escolar 2022 tem por finalidade incentivar a prática desportiva com os benefícios educacionais e comportamentais que o esporte provoca à exemplo de espírito de equipe, cooperação, amizade e disciplina. O evento, que acontece durante todo o mês, deve reunir 3.100 atletas do atletismo, ginástica artística, ginástica rítmica, judô, tênis de mesa, wushu, natação e xadrez.

O evento, que acontece durante todo o mês, deve reunir 3.100 atletas do atletismo, ginástica artística, ginástica rítmica, judô, tênis de mesa, wushu, natação e xadrez. Mas não é só isso, em abril acontecem em Macapá (AP), Maricá (RJ) e Rio Branco (AC) as seletivas de taekwondo, wrestling, basquete 3x3 e vôlei de praia. A expectativa é de que mais de 4.300 atletas de 12 modalidades participem das seletivas nacionais.

Foto: Arquivo pessoal



Maria Eduarda ganhou a medalha de prata e esteve perto de conseguir a vaga para o Mundial

INVESTIMENTO DE R\$ 7 BILHÕES

PSG vê frustração sem título europeu

Trio Neymar, Mbappé e Messi não consegue conquistas importantes e gera uma grande revolta dos torcedores

Agência Estado
Pedro Ramos

O desespero no setor visitante da arquibancada era palpável faltando nove minutos para acabar a partida. Mas no minuto seguinte, o cenário se transformou. Atuando fora de casa, o Paris Saint-Germain conseguiu um gol “chorado” em um chute fraco do atacante Amara Diané para garantir a suada vitória por 2 a 1 sobre o Sochaux. Os três pontos garantiram que a equipe não fosse rebaixada no Campeonato Francês de 2008.

“Nós jogamos a partida das nossas vidas naquele dia. A pressão era intensa, mas curiosamente eu não senti ansiedade antes do jogo. Eu lembro até hoje do apito final. Parecia que a gente tinha sido campeão. As pessoas estavam chorando”, relembra o zagueiro Mamadou Sakho à revista Four Four Two.

A história do PSG não pode ser resumida como um time de constantes lutas contra o rebaixamento nem uma equipe acostumada a conquistar muitos troféus. Fundado apenas em 1970, o clube preencheu um vácuo no futebol parisiense deixado por times tradicionais como o Racing Paris e o Red Star, que tiveram destaque no passado, mas caíram no ostracismo. Equipes mais vencedoras como Saint-Etienne, Olympique de Marselha, único do país a ser campeão europeu, e Monaco deixaram sua marca na história com títulos e equipes marcantes.

O cenário se transformou em 2011 quando o Paris Saint-Germain foi comprado pela Qatar Sports Investments (QSI), fundo de investimentos do emir do Catar, Tamim bin Hamad Al Thani. A aquisição foi definida por especialistas como um exemplo de sportswashing, ou seja, o uso estratégico e político do esporte para melhorar sua reputação no mundo, escondendo ações negativas de governos.

Nos últimos 11 anos, a equipe parisiense pulou de dois para nove títulos do Campeonato Francês, além de garantir seis conquistas da Copa da França. Aos poucos, o PSG ficava mais forte, com cada vez mais estrelas, mas o título da Liga dos Campeões, considerado o grande objetivo do clube, escapava pelas mãos temporada após temporada.

Investimento pesado em contratações

Com um orçamento turbinado por um estado, o PSG virou da noite para o dia uma máquina, pelo menos, de movimentar dinheiro no mercado do futebol. Hoje, o clube está avaliado em US\$ 2,5 bilhões segundo a revista Forbes, ocupando a nona posição no ranking. Com uma injeção de 1,3 bilhão de euros (ou R\$ 7,3 bilhões, valores não corrigidos) em reforços desde 2011, o PSG assumiu o protagonismo no futebol francês enquanto busca entrar de vez no grupo dos principais times da Europa.

O investimento robusto, bem acima da grande maioria dos times, vem sendo motivo de críticas de todos os lados. A Uefa é acusada de aplicar uma fiscalização ineficiente e, por vezes, permissiva com a falta de transparência de vários clubes, incluindo o time francês. O Fair Play financeiro é um mecanismo criado pela entidade para evitar que os clubes gastem valores superiores aos que forem arrecadados em suas gestões e, consequentemente, consigam pagar suas contas em dia.

Em 2014, o PSG foi punido por descumprir as regras e recebeu multa de 60 milhões de euros, além de restrição de inscrição de jogadores por uma temporada na Liga dos Campeões. O clube também foi acusado de driblar o regulamento em outros anos.

Javier Tebas, presidente da LaLiga, que organiza o futebol espanhol, é uma das vozes que condenam o modelo do clube francês “Crítico o PSG porque ele não gera dinheiro para ter o elenco que tem. Isso distorce a concorrência na economia do futebol europeu. Não corresponde ao patrocínio real. Como o PSG nos explica que tem um elenco de quase 600 milhões de euros? Se vencer a Ligue 1 (Campeonato Francês), não ganhará mais de 45 milhões de euros. É impossível”, afirmou ao jornal L'Équipe.

Na entrevista coletiva de apresentação de Lionel Messi, o presidente do PSG, Nasser Al-Khelaifi, defendeu o clube das aquisições de burlar as regras do Fair Play financeiro. “Quanto ao aspecto financeiro, vou deixar claro: conhecemos as regras do Fair Play financeiro e vamos sempre seguir os regulamentos. Antes de qualquer coisa, consultamos nosso pessoal comercial, financeiro e jurídico. Temos capacidade para contratá-lo.



No Barcelona, a dupla Messi/Neymar fez o maior sucesso, mas no PSG, apesar de só uma temporada, astros vêm sendo bastante cobrados pelos torcedores

2,5 bilhões

de dólares é em quanto está avaliado o Paris Saint Germain, segundo a revista Forbes, ocupando a nona posição no ranking mundial

Se assinamos com Leo, é porque podemos, caso contrário não o teríamos feito.”

Eliminações na Liga dos Campeões

O investimento pesado em estrelas virou prática comum no clube. A contratação bombástica de Neymar em 2017 foi um aviso ao mundo de que o PSG estava disposto a brigar com as principais equipes da Europa. Também pudera, o clube francês desembolsou 222 milhões de euros (aproximadamente R\$ 822 milhões à época) para contar com o brasileiro, que buscava o papel de protagonista e mirava a conquista da Bola de Ouro. A transferência é, até hoje, a mais cara da história do futebol mundial. Neymar estava no Barcelona.

O clube acertou também a contratação da então jovem sensação Kylian Mbappé, de apenas 18 anos, que se tornaria em pouco tempo um dos melhores jogadores do futebol mundial. Com a dupla, o PSG manteve a hegemonia nacional, com vários títulos, mas na Liga dos Campeões seguia com problemas.

As cobranças internas e externas se acumularam temporada após temporada. Em 2019, o presidente do clube mandou um recado ao elenco dizendo que não aceitaria mais o comportamento de popstars e cobrou mais comprometimento da equipe. “Os jogadores terão de assumir suas responsabilidades ainda mais do que antes. Deve ser completamente diferente”, afirmou o dirigente em entrevista à revista France Football.

Na edição 2019/2020 da Liga dos Campeões, o PSG teve seu melhor resultado ao chegar à decisão contra o Bayern de Munique, mas acabou superado pelos alemães. O time ainda não conseguiu dar o salto que tanto sonhou - e investiu. A falta do título da Liga dos Campeões fez com que o troca-troca na vaga de técnico fosse uma prática regular. Foram seis treinadores de 2011 para cá.

■ Em 2019, o presidente do clube, mandou um recado ao elenco dizendo que não aceitaria o comportamento de popstar dos atletas e cobrou mais comprometimento

Cada eliminação na competição é tratada como um fracasso e um aumento da pressão, especialmente, das arquibancadas. O comportamento muitas vezes agressivo da torcida não é recente. Por muito tempo, antes da chegada dos atuais donos, os torcedores do time parisiense ganharam as manchetes por cantos ofensivos, faixas provocativas e brigas entre seus próprios torcedores ou contra times rivais. Foram vários os episódios que

mostraram como o clima pode ficar tenso.

Em 2020, 148 pessoas foram presas em Paris, segundo as autoridades, por brigas nas ruas, saques em lojas e cenas de vandalismo, após a derrota da equipe na final europeia para o Bayern. “A selvageria de certos delinquentes da noite passada: 16 membros das forças policiais, feridos, 12 lojas atacadas, cerca de 15 carros vandalizados”, informou o ministro do Interior francês, Gerald Darmanin.

A impactante chegada de Lionel Messi para a atual temporada rotulou o PSG, novamente, como um dos grandes favoritos a todos os títulos. Mas o sentimento da arquibancada não era só de empolgação, apesar da contratação histórica do argentino. Em fevereiro, uma faixa de torcedores exposta em uma partida exigia a saída de dirigentes, incluindo o diretor esportivo Leonardo, com citação a Robespierre, personagem marcante da história do país por liderar um período de terror com muitas execuções. “Leonardo, Ribes, Pien, Rame, Allegre. Muitas cabeças inúteis! Robespierre, onde está você?!”.

Com o trio Neymar, Mbappé e Messi em campo, o PSG foi eliminado pelo Real Madrid nas oitavas de final da atual edição da Liga dos Campeões de forma dramática. A derrota gerou um novo protesto dos torcedores. Os muros do Estádio Parque dos Príncipes e do centro de treinamento do clube amanheceram com pichações ofensivas e cobrando novamente a imediata saída de Leonardo e Nasser Al-Khelaifi.

“Dez anos de mediocridade”, escreveram, revoltados. “Fiquem longe de nós, Paris nunca será o Catar”, “sejam dignos” e “vocês nos deixariam orgulhosos (saindo)”, deram tom aos protestos, sempre seguidos com muitos palavrões à dupla. Enquanto se recupera da eliminação, o PSG lidera o Campeonato Francês com 12 pontos de diferença para o vice Olympique de Marselha e volta suas atenções no planejamento para a próxima temporada, com o objetivo de, enfim, vencer a tão sonhada Liga dos Campeões. Mas muita coisa deve acontecer após a temporada.

PARAIBANO 2022

Sousa é o novo desafio do Botafogo

Depois de sair da Copa do Nordeste, o Belo mede forças contra o time sertanejo, hoje, a partir das 16h, no Almeidão

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Almeidão será palco, hoje, de um dos jogos mais aguardados do Campeonato Paraibano deste ano, entre Botafogo e Sousa, dois clubes que são apontados como favoritos na luta pelo título de 2022. A partida está marcada para às 16 horas e será válida pela oitava rodada do grupo A da fase de classificação. O Dinossauro é o líder do grupo, com 11 pontos, em cinco jogos disputados, enquanto que o Botafogo é o terceiro, com 8 pontos, em apenas quatro jogos.

No Botafogo, os últimos dias foram de recuperação psicológica do elenco, após a eliminação da Copa do Nordeste, na última quarta-feira, quando perdeu para o Náutico nos pênaltis, após um empate em 1 a 1 no tempo normal. O foco agora é 100 por cento no Campeonato Paraibano, que vale vaga para a Copa do Brasil e Copa do Nordeste do próximo ano.

Para esta partida contra o Sousa, o técnico Gerson Gusmão conta com retornos importantes, como do meia Anderson Paraíba, do volante Pablo e do meia Esquerdinha. A expectativa é que o time consiga apresentar o mesmo futebol de muita garra dos jogos da Copa do Nordeste, sobretudo o do último jogo contra o Náutico, quando o Belo dominou inteiramente o adversário no segundo tempo.

“Um dia após a eliminação da Copa do Nordeste, eu fui pessoalmente à Maravilha do Contorno levantar o moral dos jogadores e parabenizá-los pela bela campanha na competição regional, mas ao mesmo tempo, fazer

Oito pontos em quatro jogos dão ao Botafogo a terceira posição do grupo A, mas, se vencer o Sousa, neste domingo, a equipe de João Pessoa vai ultrapassar o SP Crystal

também os atletas entenderem a importância de lutarmos pelo título paraibano. O grande objetivo é recuperar a hegemonia do futebol do Estado e garantir a participação na Copa do Brasil e do Nordeste em 2023, com a sensação de dever cumprido na Copa do Nordeste deste ano”, disse o presidente do clube, Alexandre Cavalcanti.

No Sousa, a expectativa é grande para esta partida. Todos sabem que o Botafogo é teoricamente o time a ser batido para que o Dinossauro se consolide na liderança do grupo. Após a eliminação da Copa do Nordeste, o time teve uma semana cheia para se preparar para o confronto e, assim como o Belo, o foco total agora é no campeonato estadual. As duas equipes vão se enfrentar duas vezes seguidas, já que o jogo da volta está previsto para o próximo dia 3 de abril, em Sousa.



Jogadores do Botafogo antes da partida contra o Náutico, na última quarta-feira, no Almeidão, pela Copa do Nordeste

CLASSIFICAÇÃO

GRUPO A	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Sousa	11	5	3	2	0	7	1	6
2º São Paulo Crystal	10	7	2	4	1	7	6	1
3º Botafogo	8	4	2	2	0	5	3	2
4º Auto Esporte	5	6	1	2	3	4	8	-4
5º Atlético	2	6	0	2	4	2	7	-5

COPA DO NORDESTE PARA 2023

Clubes paraibanos apostam que CBF renovará o contrato

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

A Confederação Brasileira de Futebol está de presidente novo. Trata-se do ex-presidente da Federação Baiana de Futebol, Ednaldo Rodrigues, de 68 anos, que já vinha respondendo pela presidência da entidade interinamente. A

eleição, com chapa única, foi na última quarta-feira. Das 27 federações, ele teve 26 votos (exceto a de Alagoas) e dos 40 clubes das Séries A e B, ele teve 37 votos (exceto CRB, CSA e Grêmio). Por ser nordestino, os clubes da região vislumbram uma atenção especial e a renovação do contrato de parceria com a Liga Nordeste, para

continuar organizando a Copa do Nordeste. O contrato teve início em 2012 e termina este ano.

Para o presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti, não há dúvidas em relação à renovação do contrato, diante do sucesso da Copa do Nordeste, que na opinião dele, é a competição mais organizada do país.

“A Copa do Nordeste é hoje a competição mais charmosa do país, em premiação e organização, enfim é uma competição muito boa de se jogar e o Botafogo está se acostumando a jogar. Acredito que a Liga do Nordeste e a CBF vão chegar a um denominador comum para a renovação do contrato. Isso eu faço votos que aconteça, porque se nós formos ver aqui, a Copa do Nordeste é o campeonato mais bem organizado do Brasil atualmente, inclusive mais do que a Série A”, afirmou.

O presidente do Campinense, Danilo Maia, concorda com o dirigente do Botafogo e acredita no sucesso cada vez maior da Copa do Nordeste, em parceria com a CBF.

“A Copa do Nordeste é o principal campeonato do calendário de competições do 1º semestre do Brasil. Acreditamos que a competição permanece, independentemente da parceria seguir ou não. Além de movimentar a cadeia econômica, trata-se de um evento que supervaloriza os investidores, os clubes e todos os profissionais envolvidos”, afirmou o dirigente da Raposa.

Além do que os dirigentes do Botafogo e do Campinense afirmaram, a Copa do Nordeste tornou-se uma espécie de galinha dos ovos de ouro para os clubes nordestinos, com poderes de investimento inferiores aos de outras regiões mais ricas do país. Só tomando-se em conta o período de 2013 até aqui, quando foi organizada pela CBF, a premiação dos participantes vem crescendo

de maneira assustadora. Para se ter uma ideia, a premiação para os clubes em 2012 era de apenas R\$ 4,2 milhões. Em 2016 os números atingiram R\$ 10,74 milhões e a edição atual chega a R\$ 30 milhões, incluindo aí além dos patrocinadores, as transmissões via pay-per-view.

A Paraíba teve este ano, pela primeira vez na história, a participação de três clubes : Botafogo, Campinense e Sousa. O Belo faturou R\$ 1,29 milhão, na primeira fase, mais R\$ 300 mil por ter chegado às quartas de final. O Campinense faturou R\$ 1,29 milhão e o Sousa R\$ 640 mil, ambos só disputaram a fase de classificação. O campeão deste ano pode chegar a faturar algo em torno de 3,5 milhões.

O presidente do Botafogo considerou a participação do clube este ano, um sucesso financeiro e de nível técnico.

“A gente saiu da competição de cabeça erguida. Futebol é imponderável. A gente fez o que tinha de fazer. A participação do Botafogo foi exitosa”, concluiu Alexandre.

Ao contrário do presidente do Botafogo, Danilo Maia não gostou muito do nível técnico do Campinense.

“Nosso desempenho foi abaixo da expectativa, apesar de reconhecer o nível técnico elevado.Teríamos condições de avançar de fase. Do ponto de vista financeiro, foi extremamente positivo o aporte de recursos, que nos possibilitou planejar bem o primeiro semestre”, concluiu.



O Campinense, ao contrário do Botafogo, fez uma campanha longe de sua tradição na Copa do Nordeste deste ano



Fortaleza de Santa Catarina, em Cabedelo, é a única fortificação militar da Paraíba que se mantém de pé e em bom estado de conservação

História por terra e por mar

Fortes e fortalezas da Paraíba remontam às batalhas travadas nos primeiros séculos de fundação do estado

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

A história da fundação da Paraíba é marcada por diversos capítulos de batalhas por mar e por terra. Como forma de proteger a terra dos invasores, fortes e fortalezas foram erguidos pelos povos colonizados, principalmente nos séculos 16 e 17. Conforme registro da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército Brasileiro, a Paraíba contou pelo menos com 14 fortificações militares em sua história, porém, somente uma se mantém de pé em bom estado de conservação: a Fortaleza de Santa Catarina, localizada em Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa.

A presença física da Fortaleza de Santa Catarina, aliás, é responsável por não deixar o tempo apagar a história das construções militares dos primeiros séculos da ocupação europeia ao longo do litoral da Paraíba. Os registros da época mostram que, na verdade, a fortaleza formava uma trinca de edificações na entrada do Rio Paraíba, ao lado do Forte de Santo Antônio, na cidade de Lucena, e de um reduto ou fortim na Ilha da Restinga, no final do século 16.

A trinca de fortificações, das quais só existem registros físicos de uma delas, marcou a dinâmica política da cidade de João Pessoa nos seus primórdios de tal forma que, de forma não intencional, consta uma menção de três coroas de pedra, semelhantes a fortes, na bandeira oficial da capital paraibana, que foi confeccionada somente no século 20 com a ajuda do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e desenvolvida

por monges beneditinos na Bahia.

O historiador, doutor em História e pesquisador do Museu Marítimo Exea, Leandro Vilar, conta que todas as estruturas militares edificadas no estado, desde sua ocupação pelos portugueses, integraram posições estratégicas para proteção por invasores, principalmente em áreas de rios que desembocam no mar. Algumas dessas fortificações tinham grande importância militar, mas não sobram vestígios que indiquem a localização correta, como é o caso do Reduto do Varadouro, construído para a proteção do primeiro porto da cidade.

“O Reduto do Varadouro é um bom exemplo de estrutura militar que não sobram vestígios, inclusive estou trabalhando em um artigo para investigar a respeito dela. Sabe-se apenas que era uma estrutura de pedra, com canhões voltados ao Rio Sanhauá [que é um braço do Rio Paraíba] construída pelos portugueses e que, do Largo de São Pedro, do alto da ladeira, era possível avistar a estrutura. Porém, nos registros da ocupação holandesa, no início do século 17, não há relatos sobre o Forte do Varadouro”, explica.

Batalhas

A Paraíba contou com pelo menos 14 fortificações militares em sua história, como forma de se proteger

Fortificações ao longo do Rio Paraíba

Se em alguns casos os registros são escassos, em outros a indicação é de que houve uma presença maior de fortificações ao longo do Rio Paraíba, sobretudo em propriedades privadas para a proteção dos engenhos. Uma publicação de 2005, feita pelo historiador Guilherme Gomes da Silveira d’Ávila Lins, professor emérito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e descendente de Duarte Gomes da Silveira, tido como um dos heróis paraibanos na fundação do estado, indica que o número de estruturas fortalecidas para a proteção das terras locais de invasores é maior que a listada pelo Exército Brasileiro.

Em sua publicação, intitulada ‘As Fortificações Antigas da Paraíba (Século 16)’, duas outras edificações surgem entre as fundadas nos primeiros séculos do estado. O Forte de São Sebastião, também conhecido como Forte do Engenho-Del-Rei, situado ao lado da primeira fábrica de açúcar às margens do Rio Tibiri, por ordem do ouvidor-geral Martim Leitão; e o Forte da Fronteira, do engenho de Diogo Nunes Correia, situado na fronteira oeste do estado, ao lado do Engenho Santo André.

Leandro Vilar explica que muitas fortificações, sobretudo nas áreas interioranas, distantes das margens de rio ou do litoral, foram levantadas nos primeiros séculos do estado, porém, a maior parte delas era considerada casas-fortes. “Essas estruturas geralmente eram erguidas para a proteção de propriedades privadas, principalmente para evitar investidas dos povos indígenas da região. Eram estruturas simples, com paredes mais

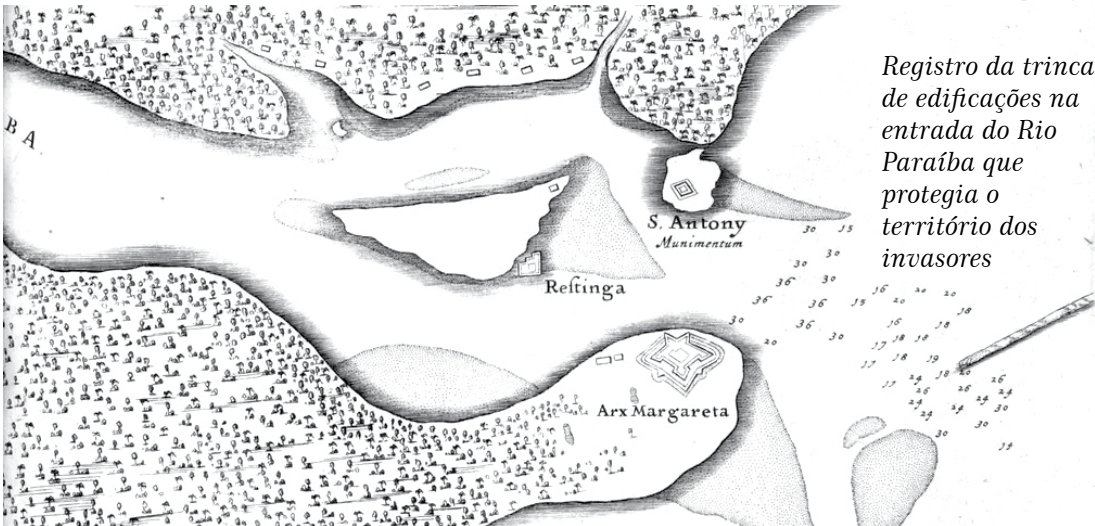


Foto: Reprodução

grossas, fortificadas, e com pequenas janelas nos cantos, mais ao alto, para combater invasores”, explica.

Os fortes e as fortalezas paraibanas reservam, sobretudo, capítulos sangrentos da história dos paraibanos, sendo palco de conflitos de colonizadores contra indígenas e também entre povos colonizadores, como foi entre os portugueses contra franceses e holandeses. Leandro Vilar conta que o litoral, e as principais fortificações do estado, foram usadas em grandes batalhas por terra e mar.

A principal delas, a ocupação holandesa em 1634 após duas tentativas de invasão.

“Tivemos pelo menos três grandes batalhas no litoral paraibano. A mais marcante delas foi a tomada da cidade pelos holandeses em 1934, após duas tentativas mal sucedidas. A manobra de tomar o Reduto da Restinga foi fundamental para a vitória holandesa e a ocupação que durou cerca de 20 anos aqui no estado”, relata.

No episódio bem sucedido por parte dos holandeses, a manobra que antecedeu a ocupação consistiu na tomada do Fortim da Restinga, localizado na parte central do Rio Paraíba, na ilha de mes-

mo nome, e no uso dos canhões da estrutura contra o Forte de Santo Antônio e a Fortaleza de Santa Catarina. Com a tomada do fortim, os holandeses sufocaram os portugueses nas outras duas edificações, deixando-os sem alimentos e munição, forçando a rendição.

Dos capítulos das grandes batalhas, para além dos registros escritos das testemunhas da época, pouco sobrou. Até mesmo a estrutura da Fortaleza de Santa Catarina, que chegou a ser chamada de Santa Margarida no período holandês, não é a mesma da época das batalhas, tendo em vista que fora submetida a diversas reformas. Poucos vestígios dos conflitos dos primeiros anos do estado resistiram. Em Baía da Traição, por exemplo, resistiram os canhões que tinham sido instalados no for-

tim erguido por portugueses.

“Atualmente só temos de pé a Fortaleza de Santa Catarina, que passou por sucessivos reparos e sua última grande reforma no século 18. A maioria das estruturas militares dos primeiros séculos era de madeira, se acabaram com o tempo, outras foram avariadas em batalhas e abandonadas, como foi o caso do Forte de Santo Antônio, em Lucena”, conclui Leandro Vilar.

Imponente e considerada como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) na década de 1930, resta à Fortaleza de Santa Catarina, erguida em sua primeira versão em 1589, e posteriormente a principal estrutura da época, resistir ao tempo e preservar uma parte importante da história da conquista e fundação da Paraíba.

Fortificações da Paraíba segundo o Exército Brasileiro

- 1 - Atalaia da Baía da Traição

2 - Baluartes de Filipéia de Nossa Senhora das Neves

3 - Bateria da Baía de Lucena

4 - Feitoria da Baía da Traição

5 - Forte de Nossa Senhora das Neves

6 - Forte de Santa Catarina do Cabedelo
- 7 - Forte de Santo Antônio

8 - Forte de São Filipe

9 - Fortificações de João Pessoa

10 - Fortificações de Pitimbu

11 - Fortim da Baía da Traição

12 - Fortim da Ilha da Restinga

13 - Fortim de Inhobim

14 - Fortim do Varadouro

Jair Santana

Um dos mais intempestivos repórteres da radiofonia paraibana

José Alves
zavieira@gmail.com

O radialista e jornalista Jair Santana, mais conhecido como o “Boca Quente”, foi um dos mais intempestivos repórteres da área policial da radiofonia paraibana. Arisco e ferrenho na luta “contra a bandidagem”, ele às vezes exagerava em suas resenhas e não tinha medo de falar a verdade. Por causa do seu jeito agressivo de falar, segundo o comunicador, escritor e professor Gilson Souto Maior, foi amado e odiado por muitas pessoas e chegou a ser ameaçado diversas vezes. Ele atuou no rádio nos anos de 1970, 1980 e 1990 nas seguintes emissoras: Tambaú FM, Liberdade de Santa Rita, Sistema Correio, Tabajara e, finalmente, na Sanhaú.

Filho de Pedro Sales de Santana e Maria José Gomes de Santana, Jair nasceu no dia 8 de março de 1949 e morreu no dia 19 de fevereiro de 2003. Ele foi casado com Neuza Ferreira de Santana, com quem teve dois filhos, Jair Gomes de Santana Júnior e Jaelton Ferreira de Santana, mais conhecido pelos amigos por Elton. Jair (o “Boca Quente”) teve seu auge e maior pico de audiência na área policial nas décadas de 1980 e 1990. Período que ficou mais conhecido por sua explosividade e excentricidade em seus programas radiofônicos.

Ele criou um quadro com o título ‘Orando com o Boca Quente’, momento em que entrevistava assaltantes presos e rezava junto com eles a oração do Pai Nosso, para que eles confessassem seus erros. O quadro obteve grande sucesso na época.

Segundo Elton Santana, um fato que marcou a trajetória de seu pai como radialista e jornalista foi o duelo agendado entre ele e o também radialista já falecido Anacleto Reinaldo, em frente à antiga Central de Polícia. Também houve uma briga entre os dois na Rua Duque de Caxias, mais precisamente em frente onde hoje está instalado o Shopping Terceirão. Segundo informações, quem bateu mais nessa briga foi Jair Santana.



Arisco e ferrenho na luta “contra a bandidagem”, Jair Santana às vezes exagerava em suas resenhas e não tinha medo de falar a verdade

Audiência e duelo

O jornalista Marcos Lima, que inclusive foi muito amigo de Jair Santana, disse que naquela época “Boca Quente” e Anacleto Reinaldo dominavam os programas radiofônicos policiais do estado. A audiência de ambos era enor-

me e a disputa por liderança entre eles também era grande. Então, eles chegaram a marcar através de seus programas (Jair na Rádio Correio e Anacleto na Tambaú FM) um duelo em frente à Central de Polícia, no Varadouro. O confronto deveria acontecer na frente

do prédio policial e, na hora marcada, o local ficou lotado de pessoas esperando para assistir a briga. Mas nenhum dos dois compareceu para o confronto.

Já o jornalista Tião Lucena divulgou em seu blog que o famoso duelo entre os dois radialistas Jair Santana e Anacleto Reinaldo aconteceu, sim. De um lado, o “Boca Quente” apontando um revólver para Anacleto, que na ocasião estava com uma faca na mão. “Anacleto riscando a faca no chão, disse ‘de lá não venha’. Já o outro respondendo com a arma na mão disse ‘de cá, não venha você’”. E o duelo ficou nisso mesmo.

Ainda de acordo com Elton, um fato que ele lembra na infância foi um assalto que sofreu na esquina da sua residência. “Quando meu pai soube, foi até a Comunidade Beira Molhada, conseguiu a informação do endereço do assaltante e foi até lá e arrombou a porta da moradia para recuperar os objetos. Alguns dias depois, ainda não satisfeito com o ocorrido, encontrou o suspeito que me assaltou na rua e lhe deu uma surra. O cara, que era conhecido por Guto, passou alguns dias em coma.

Ótimo redator

Em depoimento ao Jornal A União, o jornalista e escritor Gilson Souto Maior contou que conheceu Jair Santana na Rádio Correio AM, quando era diretor de programação, no ano de 1975, e revelou que ele já era chamado de “Boca Quente”. “Além de radialista, ele também era um ótimo redator na área policial. Desde então, nos tornamos amigos e voltamos a trabalhar juntos alguns anos depois na Rádio Tabajara”, lembra Gilson.

Gilson enfatizou que Jair Santana às vezes era um pouco trabalhoso, por ser muito arisco como repórter policial. “Na verdade, às vezes ele criava situações desagradáveis para a emissora e pra ele mesmo. Mas afirmo que ele foi um dos maiores repórteres da área policial da Paraíba. Considero Jair como aquele que foi um dos mais perfeitos radialistas, porque ele sugeria pautas interessantes, além de ser um cara que escrevia bem para o jornal. No rádio, ele não perdoava

‘bandido’. Ele caprichava mesmo em cima da ‘bandidagem’ e por isso muitas vezes recebeu ameaças”, destaca Gilson.

“Lembro que certa vez na Rádio Tabajara chegou um cara muito brabo e chateado com ele, porque ele meteu o ‘cassete’ no cara no ar. Então, o sujeito disse: ‘Eu quero conhecer esse tal de Jair Santana, que é o Boca Quente, e quero ter uma conversinha com ele’. O mais hilário é que na ocasião o cara estava conversando com o próprio Jair, mas não sabia. E disse ainda: ‘Esse Boca Quente merece umas peias. Eu quero dar uma surra nele’. Tudo isso sem saber que estava conversando com o próprio”.

Então, Jair disse: “Rapaz, não faça

isso com ele, não, porque o Jair é uma pessoa boa, o senhor está um pouco enganado com ele”. Então, o cara disse: “Não, ele merece apanhar, eu vou pegá-lo em qualquer canto. Eu vim aqui para pegá-lo dentro da rádio”. Ai Jair disse: “Graças a Deus que o nosso amigo não está aqui. Acabou de sair faz uns cinco minutos”. Ai o cara disse: “Está bem, mas diga a ele que eu vou pegá-lo”, e saiu da rádio “bufando de raiva”. E Jair ficou olhando ele ir embora “dando altas gargalhadas”.

Depois ele contou para os amigos dizendo: “Meus irmãos, o cara estava brabo mesmo. Se eu não fosse tão esperto acho que iria apanhar. Afinal o

Sempre falando a verdade, sendo aplaudido e odiado por muitos

Para o jornalista Marcos Lima, Jair Santana foi o que se pode chamar de o mais completo repórter policial dos últimos tempos no estado da Paraíba. “Ele sempre procurou falar a verdade, e sempre foi aplaudido e odiado por muitos. Foi através da Rádio Sanhaú, ainda com estúdios na Imaculada, em Bayeux, que ele ganhou repercussão em todo o estado da Paraíba. Logo em seguida, ele foi contratado pela Rádio Tabajara e depois pela Rádio Correio”. Encerrou a carreira de radialista na emissora que o projetou: na Rádio Sanhaú.

Um fato pitoresco de sua vida aconteceu em um final de ano. Era praxe os radialistas e alguns jornalistas receberem presentes de Natal e Ano Novo. Em certo dia, na última semana do ano, Jair Santana foi fazer seu programa (na Rádio Sanhaú) e iniciou o programa dizendo que tinham entrado no quintal da sua casa (ele morava no Jardim Planalto) e haviam roubado o único peru que havia comprado

para a ceia natalina. Aquilo comoveu a população pessoense e muitos foram até a emissora doar perus natalino ao radialista.

Em horários diferentes nas emissoras radiofônicas, Jair Santana também teve destacada atuação no meio artístico e cultural. Criou a ‘Caravana do Jair’, onde se apresentava em casas de shows pelo interior do estado. A ‘Caravana do Jair’ consistia na apresentação de belas garotas dançando para o público. Seus shows eram considerados de elite e foi um período que ele ganhou muito dinheiro e mais fama.

Marcos Lima informa também que Jair sempre disse ter sido o fundador do Sindicato dos Radialistas da Paraíba, no entanto, um dos seus maiores desejos era fundar a Associação dos Repórteres Policiais do Estado da Paraíba e conseguir junto aos órgãos públicos um conjunto residencial para os repórteres policiais do estado.

Tocando em Frente



Rivalidades (?) musicais – I

Numa espécie de “rabo de foguete”, o assunto bem que pode ainda ser associado ao período áureo da Jovem Guarda, mas não somente a ele. Quero lhes falar de “rivalidades” que existiram (?) e existem ainda no meio musical. Afinal, séria ou forjada pela imprensa, objetivando preencher espaços dos periódicos, tais “rivalidades” já eram cultivadas e estimuladas desde os tempos da escolha da Rainha do Rádio, cuja disputa entre Emilinha Borba e Marlene ficou famosa, em 1952, nos tempos áureos da época da Rádio Nacional.

Respeitando a ausência dos que já se foram e procurando preservar a lisura dos que continuam nos proporcionando enlevos no nosso universo musical, ao comentar alguns fatos, assumimos uma posição meramente informativa, longe de assumir aspectos opinativos.

Muito se comentou, na pré-Jovem Guarda, que a chegada de Roberto Carlos à gravadora Columbia (CBS) teria afastado Sérgio Murilo do seu público e afetado a carreira musical dele que detinha um grande sucesso na época, e que este teria sido, de certa forma, “boicotado” pelo futuro rei da juventude. Verdades ou estórias sem fundamento circularam na imprensa da época cuja veracidade dos fatos não nos compete avaliar, mas apenas registrá-la. É inegável que Sérgio Murilo, que já fora, anteriormente, escolhido como o Rei do Rock-Brasil, junto com a Rainha do Rock-Brasil, Cely Campello, gozava de invejável aceitação pelos fãs e inegável prestígio do âmbito mercantil da gravadora, antes da chegada de Roberto



Carlos à Columbia (CBS).

O fato é que, aparentemente, as disputas por espaços fizeram com que os próprios dirigentes da gravadora, como, por exemplo, o diretor-geral Evandro Ribeiro, que chegaria posteriormente à presidência da CBS e que assumira o destino artístico de Roberto Carlos, tinha por norma de trabalho não alimentar concorrências no seu ambiente diretivo. Sabe-se que Sérgio Murilo – que era a “vitrine” da casa, sobretudo junto ao público jovem, no entanto, sua forte personalidade que o fazia assumir posições para as quais não admitia ingerências – foi se aprofundando em atritos com Evandro, sobretudo quando questionou, junto à gerência-geral da Columbia, sua liberdade de escolha sobre o que deveria gravar.

Evidentemente, o diretor-geral, homem de personalidade forte – dizia-se até que Evandro seria um civil com forte

carisma era bem grandão”. “A cena foi bem engraçada”, lembra Gilson.

“Para mim, Jair foi um grande profissional e um grande amigo que tive na radiofonia. Eu o considero como um dos maiores repórteres policiais que já passou pelo rádio. Nessa mesma linha também tivemos o Enoque Pelágio, que também era muito arisco, mas o Jair era mais preparado que o Enoque em termos de elaboração das matérias, porque ele também escrevia para o jornal e para o rádio”, declara.

Gilson diz ainda que Jair Santana se destacava na radiofonia porque geralmente preparava todo o programa, todo o script e foi na verdade “um

grande radialista e um grande jornalista”, já que trabalhou também no jornal Correio da Paraíba, que foi uma de suas casas.

“Na Tabajara, quando eu fui presidente, tive o prazer de trabalhar com Jair, que repito: foi um extraordinário repórter policial. Era corajoso, não tinha meias palavras, nem medo de dizer a verdade. Às vezes exagerava e eu precisava chamá-lo na sala para dizer que tivesse calma, ‘não faça isso’, porque ele também escrevia para o problema pra todo mundo. Isso porque às vezes ele era muito agressivo com a ‘bandidagem’, que detestava os comentários dele”, revela

de lhe dar um beliscão, porque Jair gostava de aprontar. E bem que poderia estar aprontando naquela coisa de sua morte”.

Ainda segundo Tião, “o chamado Boca Quente mexia com os brios dos poderosos e causava coceira nos colegas. Quando ele abria o berreiro, só escapava quem avoava. Por isso ninguém acreditou que ele tivesse morrido. Podia ser mais uma presepada do ‘negão’, mas não foi. O pulmão o levou para o outro mundo, encerrando aqui na Terra uma carreira curiosa de um comunicador diferente. Jair era complicado nas suas atitudes era, convém dizer, um jornalista que transmitia amor e ódio. Alguns gostavam dele, outros não. Eu gostava”, reflete Tião Lucena.

Ainda segundo Tião Lucena, Jair fundou e presidiu o Sindicato dos Radialistas da Paraíba e, nesse cargo, conseguiu com que a Cepap construísse o Conjunto dos Radialistas, no Bairro Ernesto Geisel, em João Pessoa.

Professor Francelino Soares

francelino-soares@bol.com.br

Angélica Lúcio

Jornalismo e bom senso com comparações: esqueça o piano de cauda

“Asteroide do tamanho de um piano de cauda atinge a Terra”. Esse foi o título escolhido por algum editor do site da revista Forbes para uma matéria publicada no dia 15 de março. Confesso: estranhei muito a comparação adotada pelo repórter para situar o leitor em relação à dimensão do asteroide.

Assinada por Jamie Carter, a matéria traz, logo na *lead*, outras informações que também não me ajudaram muito a compreender a medida do asteroide: “Alguns dizem que era do tamanho de uma escada. Outros disseram que era mais da metade do tamanho de uma girafa”. Descubro no segundo parágrafo que o asteroide tinha “dois metros de largura”; ou seja, era “do tamanho de um piano de cauda” – objeto, aliás, que não está presente na maioria dos lares brasileiros, o que torna tal comparação mais do que esdrúxula.

Achei tão absurda a comparação que fui ver como outros sites tinham veiculado a mesma informação. No UOL, o tema foi abordado no dia 16 de março, mas o título já trabalha com um elemento mais conhecido da maioria das pessoas. “Do tamanho de um carro: asteroide atinge a Terra duas horas após detecção”. No texto, a repórter Marcella Duarte informa que a rocha espacial tinha entre dois e quatro metros de diâmetro. Sim, agora eu consigo visualizar melhor qual era o tamanho do asteroide.

O ‘Manual de Redação e Estilo’ do jornal O Globo ensina que o bom senso é indispensável ao jornalista na hora de escrever algo que dê ao leitor a ideia de alguma coisa. E o uso de metáfora e comparação, por exemplo, é um dos artifícios para tal.

Na matéria publicada no UOL sobre o asteroide, a jornalista Marcella Duarte volta a utilizar esse tipo de estratégia ao tratar da explosão gerada pelo asteroide no momento da colisão com a atmosfera terrestre. “Foram liberados de dois a três quilotons de TNT – equivalente a dois pequenos mísseis nucleares tipo AIR-2 Genie. Para efeito comparativo, a bomba de Hiroshima liberou cerca de 15 quilotons de TNT”, diz o texto.

A técnica da comparação, ou concretização, é sempre bem-vinda no jornalismo como forma de situar o leitor/ouvinte/telespectador e, principalmente, quando o apelo dos números é irresistível (ou inevitável). A ideia é tornar mais compreensíveis as informações que envolvem tamanho, volume, medidas em geral. Quanto mais claro o texto, mais fácil se torna o entendimento da mensagem.

O parâmetro, porém, precisa estar ao alcance do entendimento do público. Um grão de arroz, um garfo, um saco de cimento (de 50 kg no padrão atual, mas que deve passar para 25 kg), uma bicicleta, um carro... fazem parte do nosso imaginário.

Por isso, ainda me causa estranheza a comparação entre um asteroide e um piano de cauda (publicada pela Forbes e depois, pasme, replicada em outros sites).

Segundo um site especializado nesse tipo de instrumento musical, “o piano de cauda é mais utilizado em concertos no geral e em teatros, não sendo comum encontrá-lo em casas e apartamentos, em razão do seu alto volume de som”. Em quantos imóveis no Brasil há um piano de cauda? Quantas pessoas

sabem o que é um piano de cauda ou já viram algum de perto?

A propósito: o modelo orquestral do piano de cauda (que é o mais caro e muito utilizado em espaços grandes, como teatros e salas de apresentação) mede entre 2,28 e três metros e tem um peso médio de 480 kg – o que equivale a cerca de dez sacos de cimento, ou dez jornalistas com meu peso (para ser esdrúxula também...).



Foto: Reprodução



@waltinhoullysses

MARMITANDO
COM O CHEF
WALTER ULYSSES

chefwalterulysses@hotmail.es

Fotos: Acervo pessoal/Walter Ulysses



PITADAS A GOSTO

Sua origem vem das antigas comitivas boiadeiras, onde era comum os peões levarem a carne mergulhada na gordura, garantindo assim sua alimentação por um bom tempo. No caminho, colhiam mandioca para mais tarde ser misturada junto com a carne. Era comum de uma fazenda a outra, no remanejamento dos animais, a comitiva enfrentar longos períodos chuvosos, dias mais frios e o gado encalhar. Quando isso ocorria, os peões tiravam um tempo para descansar e preparar uma refeição forte, cozinhando a carne junto com a mandioca, dando o nome de “Vaca Atolada”. A receita passou a ser comum em todo o país, como no Piauí, onde é preparada com outros cortes, mas cozida junto com a mandioca, assim como na receita sul-mato-grossense.

PRATO DO DIA Vaca Atolada

Ingredientes

- 1 peça de costela bovina (1,5kg)
- 1 kg de macaxeira crua descascada e cortada em cubos
- Sal a gosto
- 2 colheres de sopa de vinagre
- 2 colheres de sopa de óleo
- 4 dentes de alho picado
- 1/2 pimenta dedo de moça picada e sem sementes (opcional)
- 1 cebola média picada



- 1 colher de chá de colorau
- 1 colher de chá de tempero baiano
- 1/2 pimentão picado
- 1 tomate picado
- 2 colheres de sopa de molho de tomate
- Água quente (o suficiente para cobrir a carne)
- Coentro a gosto

Modo de preparo:

■ Antes de começar, corte a costela em cubos. Em seguida, tempere com sal, pimenta do reino e vinagre. Misture bem e deixe descansar por 30 minutos. Em uma panela de pressão, aqueça o óleo e refogue o alho. Em seguida, adicione a pimenta, a cebola e refogue. Depois adicione a costela e deixe fritar até selar (cerca de 15 minutos). Acrescente o tempero baiano, o pimentão, o colorau e misture bem. Adicione o tomate picado, o molho de tomate e a água quente. Tampe a panela de pressão e deixe cozinhar por 40 minutos, após pegar pressão. Desligue o fogo e aguarde a pressão sair sozinha antes de abrir a panela. Em seguida, adicione a mandioca, leve ao fogo médio, misture bem e tampe a panela de pressão. Deixe cozinhar por mais 10 minutinhos, após pegar pressão. Desligue o fogo e aguarde a pressão sair sozinha. Abra a panela, adicione o cheiro verde picado e misture bem. Sirva na hora.

Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Casa de chás

Tea Shop João Pessoa é um dos patrocinadores da versão paraibana do maior evento gastronômico do Brasil. Pela primeira vez, rede de chás gourmet é parceria do Paraíba Restaurant Week. A maior e mais especializada rede de chás gourmet do Brasil, a Tea Shop, está presente como patrocinadora da versão paraibana do maior festival gastronômico do Brasil. Com um stand de encher os olhos e aguçar olfato e paladar, a Tea Shop encantou o público com os preparos de drinks refrescantes e surpreendentes feitos com chás, durante o lançamento do festival. “Muitas pessoas interessadas sobre os chás passaram pelo local para conhecer melhor o produto”, contou a empresária Luciana Amaro, proprietária da Tea Shop em João Pessoa.

A participação no lançamento do festival foi apenas uma das ações da Tea Shop enquanto patrocinadora. Luciana acredita que, como a Tea Shop ainda é uma marca de uma cultura nova em João Pessoa – a de tomar chá –, o festival é ideal para fazer com que as pessoas conheçam a loja e, quem sabe, fazer disso um hábito. “O Paraíba Restaurant Week abrange um público muito grande e diverso, em vários restaurantes, e ainda assim dentro do nosso nicho. É uma ótima oportunidade para criar essa visibilidade de marca”, acredita.

A exposição da marca é um fator importantíssimo para a proprietária, porém esse não é o único motivo para a participação. Luciana aponta que chá e comida combinam, principalmente em um momento em que os clientes têm optado por refeições mais saudáveis. “As pessoas estão buscando consumir cada vez menos refrigerante e seguir por uma linha mais natural. Uma alternativa de bebida durante a refeição é o chá gelado. Bem como após o almoço, muitos pedem um cafezinho, mas nem todo mundo bebe café. Então, por que não servir um chá para essas pessoas que querem algo digestivo após a refeição?”, sugere.

Ela ainda destaca que, assim como o café, o chá também é um agregador. “Amigos se juntam para tomar uma xícara de chá e a bebida pode ser muito democrática, o que dá opção para os clientes nos restaurantes”, ressalta.



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.